

3,4 milhões de exemplares vendidos nas edições romance e mangá
O livro baseado no anime disponível na Netflix

MAKOTO SHINKAI

your name.



VERUS
EDITORIA



MAKOTO SHINKAI

your name.

Tradução

Karen Kazumi Hayashida



VERUS
EDITORIA

**Editora**

Raïssa Castro

Coordenadora editorial Ana Paula

Gomes

Copidesque Érica Bombardi

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi **Arte da**
capa Makoto Shinkai

Projeto gráfico e diagramação André S.
Tavares da Silva

Título original

Kimi no Na wa ISBN: 978-85-7686-739-1987

Novel your name.

© Makoto Shinkai

© 2016 TOHO CO., LTD. *CoMix Wave Films Inc.* KADOKAWA CORPORATION *East Japan Marketing & Communications, Inc.* AMUSE INC. *voque ting co., ltd.* Lawson HMV Entertainment, Inc.

First published in Japan in 2016 by KADOKAWA CORPORATION, Tokyo. Portuguese translation rights arranged with KADOKAWA CORPORATION, Tokyo through Japan Uni Agency, Inc., Tokyo and Patricia Seibel, Porto.

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S559y

Shinkai, Makoto, 1973—

Your name [recurso eletrônico] / Makoto Shinkai; tradução Karen Kazumi Hayashida. - 1. ed. - Campinas [SP]: Verus, 2018.
recurso digital

Tradução de: Kimi no Na wa

Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-739-1987 (recurso eletrônico) 1. Romance japonês. 2. Livros eletrônicos. I. Hayashida, Karen Kazumi. II. Título.

18-52740

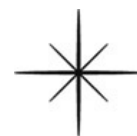
CDD: 895.63
CDU: 82-31(52)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Sumário

1 Sonho

2 Início

3 Cotidiano

4 Busca

5 Lembranças

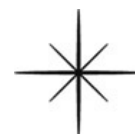
6 Repetição

7 Belamente, lutar

8 Seu nome

Posfácio

Comentários



1

Sonho

Ouço uma voz e sinto uma fragrância nostálgica. Noto uma luz e um calor repletos de ternura.

Estou junto de uma pessoa muito especial para mim, sem que haja nenhuma fresta nos separando. Estamos intimamente ligados. Como um bebê mamando nos seios da mãe, também eu não conheço insegurança ou solidão. Nunca senti a dor da perda.

A doce sensação de sonolência me preenche.

De repente, abro os olhos.

Vejo o teto.

Estou no quarto, pela manhã.

Só eu.

Em Tóquio.

Agora eu entendi, penso ao perceber que estava sonhando.

Então eu me levanto da cama.

O calor que me envolvia, transmitindo uma sensação de unidade, desaparece por completo nesse ínfimo espaço de dois segundos. Sem deixar rastro ou qualquer reverberação. É tudo tão repentino que derramo lágrimas quase sem perceber.

Acordo chorando sem motivo aparente. Isso acontece comigo de vez em quando.

•

... E eu nunca consigo lembrar sobre o que estava sonhando.

Olho fixamente para minha mão direita, que usei para enxugar as lágrimas. Vejo a pequena gota sobre o dedo indicador. Tanto o sonho que eu acabo de ter como as lágrimas que umedeceram por um instante o canto dos meus olhos já evaporaram.

Essa mão segurava algo precioso...

Mas eu não sei o que era.

Desisto de pensar sobre isso, levanto da cama, saio do quarto e vou em direção ao banheiro. Enquanto lavo o rosto, tenho a sensação de que um dia cheguei a me surpreender com o sabor e o calor dessa água e miro fixamente o espelho.

Um rosto insatisfeito me encara de volta.

Sem desviar a atenção do reflexo no espelho, penteio o cabelo e visto o traje próprio para a primavera.

Dou o nó na gravata que, enfim, começo a me acostumar a usar e visto o paletó.

Abro a porta do meu apartamento...

Fecho a porta do apartamento e olho ao redor...

Admiro a vista da cidade de Tóquio, com a qual finalmente me familiarizei. Assim como uma vez eu aprendi o nome das várias montanhas que me rodeavam, hoje lembro sem esforço o nome de alguns destes arranha-céus.

Passo pelas catracas lotadas da estação e desço a escada rolante.

•

Pego o trem para o trabalho. Apoio-me na porta do vagão e observo a paisagem que flui por ela. A cidade está abarrotada de gente, posso vê-las nas janelas dos prédios, dentro dos carros ou andando pelas passarelas.

Um céu nublado de primavera, repleto de nuvens brancas. Uma cidade onde correm mil trens, com capacidade para mil passageiros, cujos vagões comportam umas cem pessoas.

Quando eu me dou conta, estou, como sempre, vasculhando as ruas da cidade...

Eu...

... estou sempre em busca de alguém, de uma pessoa em particular.

Eu...



Início

Eu não conheço o som desse alarme, penso, ainda sonolento.

Será o despertador? Mas eu ainda estou com sono. Ontem à noite fiquei tão entretido desenhando que só fui me deitar ao amanhecer.

— ... ki. Taki...

Dessa vez, tem alguém chamando o meu nome. É a voz de uma garota. Uma garota...?

— Taki, Taki — repete, soando alta e chorosa. É uma voz trêmula e solitária, como o brilho de uma estrela distante. — Você não lembra de mim? — a voz me pergunta, insegura.

Não, eu não te conheço.

O trem breca de repente e as portas se abrem. Ah, certo, estou no trem. No instante em que me dou conta disso, vejo-me em pé dentro de um vagão lotado. Há um par de olhos arregalados diante de mim. É uma garota de uniforme que me encara fixamente enquanto é empurrada para fora pelas pessoas que saem do trem.

— Meu nome é Mitsuha! — grita a garota, soltando o cordão que prendia seu longo cabelo.

Então lança o cordão para mim e eu instintivamente estico a mão para pegá-lo. É de um laranja vívido, como um fino feixe de luz do sol poente entrando em um trem escuro. Eu avanço por entre a multidão para agarrar firmemente esse feixe de luz.

Nesse instante, meus olhos se abrem.

A voz da garota, ainda posso escutá-la ressoando em meu tímpano.

... O nome dela é Mitsuha?

Eu não conheço esse nome nem aquela garota. Mas ela parecia estar desesperada, à beira das lágrimas. Eu nunca tinha visto um uniforme escolar igual ao dela por aqui. Ela tinha uma expressão séria e intensa, como se o destino do universo estivesse em suas mãos.

Foi apenas um sonho. Eu não tenho com que me preocupar. Não há nenhum significado naquilo. Quando me dou conta, já nem me lembro mais do rosto dela. E a reverberação da sua voz já desapareceu de meus ouvidos.

Mesmo assim...

Mesmo assim, meu coração continua palpitando forte, de forma incomum. Sinto um peso estranho no peito, e a pele coberta de suor. A primeira coisa que resolvo fazer é respirar fundo.

Abhhhh...

— ...?

Será que peguei um resfriado?, penso. Sinto algo estranho no nariz e na garganta. É como se as passagens de ar do meu corpo estivessem mais estreitas que o normal. Também há aquele peso esquisito no peito. Não é uma sensação psicológica, mas algo físico. Então, resolvo checar meu corpo. É quando me deparo com dois montes formando um vale.

Dois montes formando um vale no meu peito...

— ...?

A luz do sol matutino reflete sobre esses montes, fazendo com que a pele branca e lisa brilhe, reluzente. Entre esses dois montes, há uma sombra azul e profunda, como se ali um lago tivesse se formado.

Melhor eu apalpar.

Tenho esse pensamento natural e automaticamente, assim como uma maçã cai ao chão pela força da gravidade.

.....

.....

.....?

...!

Minha nossa! Mas o que é isso? Mesmo com o susto, continuo apalpando os seios, me dedicando seriamente a essa tarefa.

Como descrever isso? O corpo de uma mulher é mesmo incrível...

— Maninha, o que cê tá fazendo?

Ao olhar rapidamente na direção da voz, vejo uma garotinha em pé, abrindo a porta corrediça de papel do quarto onde estou. Enquanto continuo a apalpar os seios, expresso com sinceridade o que estou pensando:

— Nada, só tava pensando que é bem real pra um sonho... hein?

Olho novamente para a menina. Ela me encara de um jeito meio torto, o que lhe dá um ar petulante. Tem cerca de dez anos e cabelos presos em marias-chiquinhas.

— Espera, você disse “maninha”? — pergunto, apontando para mim.

Isso significa que ela é minha irmã mais nova?

— Tá sonhando acordada, é? É hora do café da manhã! Vem logo! — a menina diz, com expressão pasma.

Paft! Ela fecha com um baque a porta corrediça.

Mas que menininha rude, penso ao me levantar do futon. A propósito, percebo que estou com fome.

De repente, minha atenção é atraída para um grande espelho no canto do meu campo de visão. Dou alguns passos sobre o tatame e fico em pé diante do espelho. O pijama largo cai ao chão ao deslizar pelos ombros e eu fico nu. Observo fixamente a imagem refletida.

Cabelos longos e pretos, como um fluxo de água, meio despenteados por eu ter acabado de acordar. Rosto pequeno e redondo, olhos grandes como se questionassem algo, lábios com um formato que os faz parecer sorrir, pescoço fino com clavículas profundas e seios fartos que parecem alardear boa saúde e maturidade. A sombra das costelas levemente salientes e a curva suave da cintura que segue a partir delas.

Pessoalmente, eu nunca tinha visto algo assim, mas, sem dúvida alguma, esse é o corpo de uma garota.

... Garota?

Eu... sou uma garota?

A sonolência que tomava conta de mim desaparece instantaneamente. Minha mente clareia num piscar de olhos para, em seguida, mergulhar em completa confusão.

Não consigo resistir ao impulso e dou um berro.



— Maninha, que demora! — diz Yotsuha, soando agressiva, assim que abro a porta corrediça e entro na sala de estar.

— Tá, amanhã eu preparo o café! — respondo, como um pedido de desculpa. Apesar de ela ser uma menina cujos dentes de leite ainda nem sequer caíram por completo, acha que é mais responsável que sua irmã mais velha. *Não posso me desculpar e mostrar fraqueza!*, penso enquanto abro a panela elétrica e encho minha tigela com arroz cozido, branquinho e reluzente.

— Ah, será que eu peguei demais? Bom, não tem problema. Obrigada pela comida.

Coloco bastante molho sobre o ovo frito escorregadio e abocanho um pedaço com um pouco de arroz. Ai, que delícia. Mas que felicidade... Hmmm? Sinto alguns olhares na minha direção.

— Hoje você tá normal...

— Hein?

Minha avó me observa fixamente enquanto mastigo a comida.

— Ontem você estava muito estranha! — diz Yotsuha, soltando risadinhas. — Até deu um berro do nada.

Um berro? Minha avó me analisa, como se inspecionasse algo suspeito, e Yotsuha dá risadinhas, zombando de mim.

— Hã? Como assim?!

O que há com essas duas, hein? Que atitude mais estranha...

Ding, dong, dang, dong!

Estridente, soa o alto-falante instalado na parte superior da janela.

— *Bom dia a todos* — anuncia uma voz. É a locutora da Prefeitura, do Departamento de Informações sobre a Vida Comunitária. Ela é a irmã mais velha da minha amiga Sayaka.

Itomori é uma cidadezinha com apenas mil e quinhentos habitantes, onde praticamente todos se conhecem ou, ao menos, têm um conhecido em comum.

— *Este é um aviso da Prefeitura de Itomori.*

As palavras emitidas são lenta e pausadamente concatenadas em frases. Como os alto-falantes também são instalados ao ar livre por toda a cidade, a transmissão reverbera pelas montanhas, repetindo-se em ecos que se sobrepõem.

Diariamente, sem falta, são feitas na cidade duas transmissões de rádio para prevenção de desastres, uma pela manhã e outra à tarde. Em todas as casas há um receptor de sinal que nos permite ouvir anúncios como a programação do Festival Esportivo, convocação de grupos para remoção de neve, nascimentos e falecimentos.

— *No dia 20 do próximo mês, será realizada a eleição para prefeito de Itomori e o Comitê Eleitoral da cidade vai...*

Dzzz.

O alto-falante instalado na parte superior da janela se silencia. Como não é possível alcançá-lo, minha vó apenas o desconecta da tomada. Com seus mais de oitenta anos, vestindo sempre um traje tradicional e até meio antiquado, minha avó expressa toda a sua raiva dessa forma pacífica. Apreciando seu protesto silencioso, pego o controle remoto, como se cooperasse com ela, e ligo a televisão. Após ouvir a voz da irmã de Sayaka pelo alto-falante, agora é a vez de escutar a apresentadora do canal NHK falar com um sorriso no rosto.

— *Daqui a um mês, o cometa que dizem surgir a cada mil e duzentos anos aparecerá novamente. Deve ser possível vê-lo a olho nu durante alguns dias. Diante desse show celestial secular, muitas instituições de pesquisa do mundo, como a JAXA, Agência Japonesa de Exploração Aeroespacial, se apressam com os preparativos para observar o espetáculo.*

Na tela da televisão, abaixo da imagem meio borrada do cometa, podem-se ler os dizeres: “Daqui a um mês, será possível ver o cometa Tiamat a olho nu”. Nossa conversa em família, antes silenciada pelo anúncio e, agora, pelo noticiário do NHK, resume-se ao som de nós três comendo, um barulho tímido e encabulado, como o de alunos cochichando durante as aulas.

— ... Vocês bem que podiam fazer as pazes logo — diz Yotsuha de repente, ignorando a atmosfera pesada que paira.

— Isso é assunto de adultos! — respondo de forma brusca.

Isso mesmo, esse é um assunto de adultos. E daí que haverá eleições para prefeito?

E, neste mesmo instante, trazido pelo vento, soa alto o piado de um milhafre-preto.

Yotsuha e eu nos despedimos ao mesmo tempo de nossa avó e saímos pelo portão de casa.

As aves das montanhas cantam magnificamente no verão.

Ao descer um estreito caminho asfaltado e alguns lances de escada, rente a paredes de pedras, saímos das sombras das montanhas e sentimos o sol banhar nossa pele. Lá embaixo, há um grande lago redondo, o lago Itomori. A superfície de águas calmas reflete a luz do nascer do sol, ofuscante e deslumbrante, embora ninguém repare. As montanhas com o verdejar sombrio das florestas, o céu azul, as nuvens brancas, e uma menina com mochila vermelha e o cabelo preso em marias-chiquinhas, saltitando pra lá e pra cá sem razão aparente. Então, ao lado dela, cá estou eu, uma colegial com magníficas pernas à mostra. Em minha mente, toca uma belíssima música instrumental de fundo. *Nossa, ficou parecendo um filme japonês*, penso. Em outras palavras, isso mostra quão tradicional, antiquado e rural é o lugar onde moramos.

— Mitsuha! — ouço uma voz às minhas costas após me despedir de Yotsuha na frente da escola de ensino fundamental.

Eu me viro e vejo Teshi pedalando sua bicicleta e parecendo mal-humorado, e a sorridente Sayaka sentada na garupa.

— Desce logo daí — resmunga Teshi.

— Qual o problema, seu chato? — revida a garota.

— Tá pesado.

— Seu grosso!

Logo cedo, os dois já vêm com essa discussão que mais parece uma cômica briga de casal.

— Vocês dois se dão tão bem.

— Claro que não! — eles respondem ao mesmo tempo.

A resposta negativa é dada de forma tão séria que acabo caindo na risada. A música de fundo em minha mente muda para um suave solo de guitarra.

Nós três somos amigos há uns dez anos. A Saya é baixinha, a franja curta e reta, com tranças, enquanto o Teshi é alto e magro, com cabelo raspado e meio ridículo. Os dois vivem brigando, mas estão sempre em sincronia e, particularmente, eu acho que eles combinam um com o outro.

— Hoje você arrumou o cabelo, Mitsuha — minha amiga diz, sorrindo ao descer da bicicleta e tocando no cordão que prende meu cabelo.

Estou com o mesmo penteado de sempre. Faço duas tranças com o cabelo e as enrolo, prendendo atrás da cabeça com um cordão. Foi minha mãe quem me ensinou esse penteado, há muito tempo.

— Hã? Meu cabelo? O que tem ele?

A propósito, não disseram algo parecido para mim hoje no café da manhã? Isso significa que ontem meu penteado estava estranho? Tento lembrar o que aconteceu ontem, mas...

— Falando nisso, você pediu pra sua vó te exorcizar? — pergunta Teshi, preocupado.

— Exorcizar?

— É sério! Você estava possuída!

— Hããã — Faço uma careta, estranhando o comentário.

— Dá pra parar com esse papo de sobrenatural? A Mitsuha só devia estar estressada. Tá bom? — rebate Sayaka, pasma com a falta de noção de Teshi.

Estressada?

— Ei, espera um pouco. Do que é que vocês estão falando?

Por que todos andam preocupados comigo? Ontem foi... Bem, agora eu não consigo lembrar, mas deve ter sido um dia como outro qualquer.

Ué...?

Será que foi mesmo um dia normal? Ontem eu...

— E acima de tudo! — uma voz grave ressoa forte através do sistema de megafones e interrompe os meus pensamentos.

Em frente às estufas, aglomera-se cerca de uma dúzia de pessoas no terreno ridiculamente grande do estacionamento da Prefeitura. No centro, em posição mais alta, um homem se sobressai, imponente, segurando um microfone. É o meu pai. Ele ostenta sobre o terno, todo orgulhoso, uma faixa com os dizeres: “Prefeito Toshiki Miyamizu”. Ele está fazendo o seu discurso para a reeleição a prefeito da cidade.

— E, acima de tudo, devemos prosseguir com o projeto de revitalização da nossa cidade. É para isso que estamos buscando a nossa melhoria econômica! A concretização disso é o que permitirá a criação de uma cidade pacífica e segura. Em meu segundo mandato como prefeito, eu pretendo concretizar a revitalização que vim realizando até hoje e ir muito além disso! Pretendo guiar o povo destas terras com entusiasmo renovado, realizando o sonho de criar uma comunidade onde todos, desde crianças até pessoas de idade, possam viver com tranquilidade e vigor! Estou determinado e tenho total consciência de ser este o meu dever...

Fico deprimida vendo meu pai proferir um discurso tão arrogante, que mais parece feito para aparecer na televisão do que dirigido ao povo ali das plantações. As pessoas ao redor murmuram que certamente ele será reeleito, e há boatos de que ele está distribuindo muito dinheiro para isso. Todos esses comentários me deixam ainda mais desanimada.

— E aí, Miyamizu?

— Bom dia...

Não poderia ser pior. Quem vem falar comigo são meus colegas de classe, justamente o trio de que

não gosto nem um pouco. Pode-se dizer que eles pertencem a um grupo que adora chamar a atenção no colégio e implicar com gente como nós, que nos enquadrámos no grupo das pessoas sem grandes atrativos.

— O prefeito e o empreiteiro... — diz um deles, propositalmente mirando meu pai.

Ao olhar na mesma direção, noto o pai do Teshi com um sorriso radiante ao lado do meu pai. Ele veste a jaqueta da sua empresa de construção e ostenta no braço uma faixa em que se lê: “Cabo eleitoral de Toshiaki Miyamizu”. Depois disso, a mesma pessoa lança um olhar de mim para Teshi e continua:

— Pelo visto, os filhos deles também estão sempre grudados. Por acaso são os seus pais que mandam vocês andarem juntos?

Que idiota. Eu nem respondo, apressando o passo para sair dali. Teshi ignora a provocação, mas Saya fica meio incomodada, sem, contudo, saber como reagir.

— Mitsuha!

Uma voz alta ecoa de repente pelo local. Assustada, prendo a respiração. Não posso acreditar. Meu pai interrompe seu discurso, abaixa o microfone e me chama. Todos os seus ouvintes se voltam para mim.

— Mitsuha, ande de cabeça erguida!

Fico vermelha de vergonha. Tenho que engolir a súbita vontade de chorar e me esforçar para não sair correndo dali. A passos largos, eu me afasto.

— Ele é rigoroso até com os parentes.

— Esse é o nosso prefeito! — murmura a plateia.

E os comentários de meus colegas de classe chegam aos meus ouvidos em meio a risadinhas:

— Credo!

— Sinto até pena dela.

Não poderia ser pior.

A animada música de fundo que tocava em minha mente até agora há pouco desaparece sem deixar vestígios. Neste instante, lembro que, sem uma música de fundo, esta cidade não passa de um lugar sufocante.

Risc, risc, risc. No quadro-negro, a professora escreve algo que parece um poema curto:

Não pergunte quem sou eu.

Pois sou quem te espera enquanto me molho com a chuva de setembro.

— *Tasokare*. Como sabem, essa é a origem da palavra *tasogare*, crepúsculo. Vocês sabem qual é o horário do crepúsculo, certo? — pergunta a professora Yuki com a voz nítida enquanto escreve a palavra *tasogare* bem grande no quadro-negro. — É aquela hora no fim da tarde em que começa a escurecer, e não é nem dia, nem noite. O contorno das pessoas fica borrado e não conseguimos distingui-las bem. Conta-se que é quando podemos nos deparar com algo que não é humano. Há quem chame de *oumaga-doki*, ou “hora do encontro com o demônio”, por acharem ser o momento em que

podemos enxergar monstros ou pessoas mortas. Antigamente, esse horário também era chamado de *karetaso-doki* ou *kawatare-doki*, que literalmente significa “hora do ‘quem é você?’”.

Então a professora Yuki escreve as palavras *karetaso* e *karewatare*.

O que é isso? Algum trocadilho?

— Aqui, professora. Eu tenho uma pergunta. O certo não seria *kataware-doki*? — alguém da classe indaga, e eu tenho a mesma dúvida.

É óbvio que eu sei que *tasogare* é crepúsculo. Desde criança, chamo essa hora do dia de *kataware-doki*.

A professora Yuki sorri com benevolência ao ouvir a pergunta. A propósito, essa professora de japonês clássico é bonita até demais para dar aula em um colégio interiorano como este.

— Provavelmente, esse deve ser o dialeto da região de Itomori. Parece que aqui há uma forte influência de palavras vindas do chinês.

— Típico deste fim de mundo — brinca um dos garotos, provocando risos pela sala.

Isso pode explicar o fato de eu não ter ideia de algumas das expressões que minha avó usa. Pode ser mesmo outro idioma, além, logicamente, de serem palavras mais comuns entre as gerações passadas. Pensando nessas coisas, faço as anotações da aula no caderno e viro a página. Então me deparo não com uma folha em branco, como deveria ser, mas com escritos em letras garrafais:

Quem é você?

O quê...?

O burburinho à minha volta parece se distanciar, como se tivesse sido sugado por aquelas letras manuscritas desconhecidas. Esta não é a minha letra. Não pode ser de meus amigos, pois não lembro de ter emprestado meu caderno a ninguém.

O quê? Como assim *quem eu sou*?

— ... mizu. Você é a próxima, Miyamizu!

— Ah, sim! — respondo, me levantando, atrapalhada.

A professora Yuki pede que eu leia o livro a partir da página 98 e, me encarando, ri e acrescenta:

— Ora, Miyamizu. Vejo que hoje você conseguiu lembrar o seu nome.

Todos da classe começam a rir.

Hããã? O que é isso? O que está acontecendo aqui, afinal?

Durante o intervalo do almoço, Saya, Teshi e eu vamos ao canto do pátio da escola, para conversar e beber suco de caixinha.

— Você não se lembra de nada?

— Não...

— É sério?

— Já disse que sim — respondo e bebo com canudinho o suco de banana.

Glüh. Que delícia. Sayaka me observa como se presenciase algo fantástico e misterioso.

— É que ontem você nem lembrava onde ficavam a sua carteira e o seu armário... Estava com o cabelo solto e desgrenhado, nem estava usando a fita do uniforme, e parecia de muito mau humor.

Tento imaginar essa possibilidade... Mas como assim?

— Tá brincando?! É sério?

— Ontem até parecia que você estava com amnésia, Mitsuha.

Tento desesperadamente lembrar... mas é estranho. Não tenho nenhuma memória sobre o dia de ontem, apenas flashes.

Havia... uma cidade desconhecida?

No reflexo do espelho... um garoto?

Faço de tudo para resgatar minhas memórias. Um milhafre-preto começa a cantar como se zombasse de mim.

— Hmm... eu sinto que estava tendo um sonho estranho... como se estivesse vivendo a vida de outra pessoa... mas não consigo me lembrar direito...

— Já sei! — Teshi grita de repente, me assustando. Ele estende para mim e Sayaka a revista de ocultismo *MU* que lia, e continua a falar com tanto entusiasmo que quase espuma pela boca: — É uma memória de vida passada! Aí vocês vão dizer que isso não é científico, não é? Então eu reformulo a frase e digo que seu inconsciente pode estar ligado a um multiverso, baseado na interpretação de Everett de universos paralelos...

— Fica quieto — rebate Saya, dando-lhe uma bronca.

— Ah! Por acaso foi você que escreveu no meu caderno?! — grito.

— Hã? No seu caderno?

Ah, não... não pode ter sido ele. O Teshi não é de fazer brincadeiras sem graça como essa e nem tem motivo para isso.

— Esquece. Não é nada — desconverso.

— Oi? Que negócio é esse? Por acaso você está duvidando de mim?

— Já disse que não é nada.

— Poxa, que consideração você tem por mim, hein?! Você ouviu isso, Saya? Estão me acusando injustamente! Chame o promotor, ou será que é o advogado? Ei, nessas situações, devemos chamar qual dos dois?

— Mas, Mitsuha, ontem você estava mesmo um pouco estranha — diz Sayaka, ignorando brilhantemente a queixa de Teshi. — Você não está passando bem?

— Hmm, é estranho... Será que é estresse? — pondero, repassando mentalmente os vários testemunhos que ouvi até agora.

Enquanto isso, Teshi já voltou a se concentrar na leitura de sua revista, como se nada tivesse acontecido. Não ficar se remoendo por águas passadas é sua maior virtude.

— É, deve ser estresse. Mitsuha, ultimamente você anda preocupada demais!

Isso é verdade. Além das eleições para prefeito da cidade, ainda tem *aquele* ritual que vai acontecer esta noite. Em uma cidade pequena como esta, por que meu pai tinha que ser justo o prefeito, e a minha avó a sacerdotisa do templo xintoísta? Eu me encolho e afundo a cabeça entre os joelhos, lamentando profundamente.

— Que droga! Assim que me formar, quero ir voando para Tóquio. Esta cidade é pequena e sufocante!

— Sim. Eu te entendo perfeitamente — concorda Sayaka, assentindo com a cabeça. — Olha só pra mim! A minha mãe, minha irmã e agora eu somos todas responsáveis pelas transmissões de rádio da cidade. As senhoras da vizinhança me chamam de “menina da transmissão de rádio” desde criança!

E, no fim, acabei entrando para o clube de radiodifusão da escola! Nem eu sei mais o que quero ser no futuro.

— Saya, vamos juntas para Tóquio depois de nos formarmos! Se ficarmos nesta cidade, vamos continuar nessa mesmice mesmo depois de adultas. Temos que nos livrar desses costumes antigos! Vamos lá, Teshi. Você vem com a gente, não vem?

— Hum? — resmunga Teshi vagamente, erguendo o rosto da revista de ocultismo.

— Você estava ouvindo a conversa?

— Ah, sei lá... acho que vou continuar por aqui mesmo pra sempre.

— Afff...

Saya e eu suspiramos. É por isso que ele não é nem um pouco popular entre as garotas. Se bem que não posso dizer nada dele, já que também nunca tive namorado.

Sinto uma brisa passageira. Meu olhar vaga pela paisagem e repousa nas águas plácidas do lago Itomori, com sua calma e paz de sempre.

Nesta cidade não há livrarias nem dentistas. Só passa um trem a cada duas horas e dois ônibus o dia inteiro. É uma área que está fora do alvo da previsão do tempo, e até hoje as imagens de satélite do Google Maps mostram a área como mosaicos. A loja de conveniência fecha às nove, mas, em contrapartida, vende sementes de verduras e equipamentos agrícolas de qualidade.

Na volta da escola, Sayaka e eu listamos nossas reclamações contra a cidade de Itomori.

Aqui não tem nenhuma lanchonete como o McDonald's e o MOS Burger; contamos apenas com dois barzinhos. Nada de emprego nem homem para casar, e os dias são muito curtos. Blá-blá-blá. Normalmente, o fato de a cidade não ser muito povoada chega a dar uma sensação de exclusividade e até orgulho, mas hoje, em especial, estamos realmente desesperadas.

Teshi nos segue calado enquanto empurra a bicicleta a seu lado, mas de repente ergue a voz, como se tivesse se irritado:

— Ei, vocês duas!

— O quê? — respondemos, mal-humoradas.

Teshi abre um sorriso sinistro e continua:

— Em vez de ficarem reclamando, que tal a gente ir pra um café?

— Hein...?!

— O... O que...?!

— Uma cafeteria?! — soltamos em uníssono.

Paf! Um som metálico mistura-se ao canto das cigarras.

— Pega aí — diz Teshi, oferecendo uma lata de suco que acaba de tirar da máquina.

Vrum. Um senhor de idade, voltando da plantação montado em uma motocicleta, passa diante dos nossos olhos. Enquanto isso, um cachorro vira-lata, que estava de passagem, se acomoda perto de nós, como se quisesse nos fazer companhia nesse nosso “cafezinho”, e dá um grande bocejo.

O café a que Teshi se referia não é o mesmo que eu tinha em mente. Em outras palavras, não é nenhum Starbucks ou Tully's Coffee, nem o espaço dos sonhos que dizem existir em algum lugar deste mundo, onde há panquecas, bagels e sorvetes. É apenas o ponto de ônibus da vizinhança, em que há uma máquina de venda automática e um banco encostado na parede que ainda exhibe a mesma propaganda de sorvete, colada cerca de trinta anos atrás. Nós três nos sentamos um ao lado do outro

no banco e bebericamos o suco, enquanto o vira-lata deita aos nossos pés. Em vez de me irritar por ter sido enganada por Teshi, apenas me resigno por saber que seria bom demais para ser verdade.

— Hoje deve estar um grau mais frio que ontem.

— Não, acho que está é um grau mais quente.

Conversamos sobre assuntos completamente irrelevantes enquanto terminamos nosso suco.

— Então eu já vou indo — despeço-me.

— Força hoje à noite — Saya diz.

— Depois vamos passar pra dar uma olhada — complementa Teshi.

— Não precisam ir! Ou melhor, não apareçam por lá! — aviso e, em meu coração, faço uma prece para que os dois se tornem logo namorados.

Subo alguns degraus de uma escada de pedra e me volto para observá-los, sentados no banco, com o lago da cor do pôr do sol ao fundo, e imagino o som de um piano tocando música lírica. Sim, sim. Os dois realmente combinam. Hoje à noite eu tenho um serviço infeliz a cumprir, mas, ao menos vocês, espero que aproveitem a juventude juntos.

— Ah, eu também quero fazer isso aí — murmura Yotsuha, insatisfeita.

— Ainda é muito cedo para você, Yotsuha — diz a vovó.

Em um cômodo de trabalho, com cerca de treze metros quadrados, ouve-se o som ressoante de pequenos carretéis que batem um no outro ininterruptamente.

— Ouça a voz dos fios — ela continua, sem interromper o movimento das mãos. — Continue a enrolá-los assim, e uma hora você vai entender. As emoções começam a fluir entre a pessoa e os fios.

— Hein? Mas os fios não falam.

— Nos fios trançados... — continua vovó, ignorando a reclamação de Yotsuha.

Nós três estamos usando quimono e preparando o cordão que usaremos no ritual desta noite.

A arte dos fios trançados é uma técnica tradicional de entrelaçar fios finos para formar um único cordão, com desenhos coloridos e graciosos. Para realizar esse trabalho, é necessário habilidade. Por isso, a vovó é quem está trançando os fios a serem usados por Yotsuha, que auxilia enrolando-os nos carretéis.

— Nos fios trançados estão gravados mil anos de história de Itomori. Francamente, a escola de vocês deveria ensinar em primeiro lugar a história desta cidade. Escutem bem. Há duzentos anos...

Lá vamos nós... Dou um pequeno sorriso irônico. Desde que eu era pequena, a minha avó repete essa mesma história, com orgulho.

— O quarto de banho de Mayugoro Yamazaki, um fabricante de sandálias, pegou fogo e toda a região acabou incendiada. O templo e até documentos antigos foram destruídos. Esse incidente foi chamado de...

A vovó se detém por um instante e olha na minha direção.

— O grande incêndio de Mayugoro — respondo prontamente.

— Isso mesmo — ela assente, satisfeita.

— Eita! O incêndio ganhou o nome dele?! — impressiona-se Yotsuha. — Pobre Mayugoro, ficar conhecido desse jeito — ela continua a resmungar.

— Por isso não sabemos mais o significado dos fios trançados e da festividade, sobrando apenas a sua forma. Porém, mesmo os documentos não existindo mais, a tradição deve ser preservada. Mesmo desconhecendo seu significado, ele está gravado nas formas e um dia voltará a ser revelado — diz a vovó com um ritmo singular, como se fosse uma canção.

Eu continuo trançando os fios e recito em voz baixa as mesmas palavras ditas pela minha avó: “Mesmo desconhecendo seu significado, ele está gravado nas formas e um dia voltará a ser revelado. Preservar essas formas é a importante missão do Templo Miyamizu”.

— Preservar essas formas é a importante missão do Templo Miyamizu, mas... — os olhos calmos da minha avó se enchem de tristeza — aquele desnaturado... Como se não bastasse ter abandonado o sacerdócio e sair de casa, ainda foi se meter com política...

Minha avó suspira. Eu disfarço mas também suspiro baixinho. Sinceramente, não sei dizer bem se gosto ou não desta cidade, se quero ir para longe ou se quero ficar aqui para sempre, com minha família e amigos.

Um som triste reverbera quando retiro da mesa redonda o cordão com fios de cores vívidas que acabei de trançar.

Eu acredito que, para as pessoas da cidade grande, o som das flautas *kagurabue** deva parecer assustador. Deve compor o clima ideal para aquelas histórias de assassinatos em algum vilarejo do interior, ou de tragédias ocorridas em grandes famílias tradicionais. E, a esta altura, eu já estou tão deprimida que até torço para que algum maníaco, ou assassino em série que seja, venha me poupar do sofrimento de estar aqui como sacerdotisa, dançando no ritual.

Por infelicidade, minha irmã mais nova e eu somos as protagonistas do Festival da Boa Colheita do Templo Miyamizu, que ocorre nesta época todos os anos. Nesse dia, subimos em um altar de cerimônias xintoístas, vestindo um perfeito traje de sacerdotisa, usando batom vermelho e um adorno na cabeça com sinos pendurados, para encenar uma dança ensinada pela minha avó na frente do público. Essa dança representa o que dizem ter se perdido no grande incêndio. Cada uma de nós tem em mãos o cordão com fios coloridos e com sinos que tilintam a cada giro nosso, fazendo os fios pairarem no ar.

Há pouco, quando girei, vi de soslaio Teshi e Sayaka. Eu insisti tanto para que não viessem. Vou amaldiçoá-los com meu poder de sacerdotisa. Vou mandar um monte de emojis de maldições pelo Line!** E fico ainda mais deprimida.

No entanto, o que mais me incomoda não é o espetáculo. Não posso negar que fico um pouco envergonhada em dançar, mas, como faço isso desde criança, posso dizer que já estou acostumada. Não é isso. Quanto mais eu envelheço, mais envergonhada fico com o ritual que tenho que executar logo após a dança. Qualquer garota se sentiria exatamente como eu: humilhada.

Ah, droga! Não quero fazer isso!, penso enquanto realizo os últimos movimentos da dança. Argh!
Chegou o momento.

Chomp, chomp, chomp.

Chomp.

Chomp, chomp, chomp, chomp.

Mastigo o arroz sem parar. Tento não pensar em nada enquanto mastigo depressa, com os olhos fechados, para não sentir o gosto, escutar o som ou mesmo ver sua cor. Ao meu lado, Yotsuha age da mesma forma. Nós duas estamos ajoelhadas, uma ao lado da outra, e na frente de cada uma há uma

mesinha com um pequeno copo quadrado de madeira sobre ela. E, logicamente, diante de tudo isso, está a plateia composta de homens e mulheres de todas as idades.

Chomp, chomp, chomp.

Chomp, chomp.

Ah, droga.

Chomp, chomp, chomp.

Logo terei que soltar isso para fora.

Chomp, chomp.

Aaah.

Chomp.

Desisto de resistir ao inevitável e pego o copo quadrado de madeira à minha frente. Eu o levo até os lábios e faço o possível para esconder minha boca com a manga do traje cerimonial.

Então chega a hora.

Estreito os lábios e despejo no copo de madeira todo o arroz que eu estava mastigando. Ao se misturar com a saliva, ele se tornou um líquido branco, meio viscoso, que escorre da minha boca. Escuto o ressoar do público alvoroçado.

Buááááá, choro por dentro e rezo para que ninguém olhe para mim.

Isso é o que chamam de *kuchikamizake*, a mais antiga receita de saquê do Japão.

O arroz é mastigado e, misturado à saliva, é deixado para fermentar naturalmente e se tornar alcoólico. Então é oferecido aos deuses. Antigamente, o saquê era feito dessa forma em várias regiões, mas será que ainda há algum outro templo, além deste, que mantenha essa tradição em pleno século 21?

Fala sério! Vestir roupa de sacerdotisa é o fim do mundo. Quem é que ganha com isso?!, lamento enquanto pego mais um punhado de arroz para mastigar. Yotsuha me imita, porém sua expressão revela que ela não se importa em fazer isso.

Devemos repetir esse processo até que o pequeno copo esteja cheio. E, novamente, lá estou eu despejando saliva e arroz naquele recipiente. Volto a choramingar por dentro.

De súbito, uma voz familiar ecoa em meus ouvidos. Tenho um mau pressentimento e ergo um pouco o olhar para ver de onde vem aquela voz.

Maldição.

Por um instante, tenho vontade de explodir o templo. Como eu imaginava, lá está o trio dos meus colegas de classe que gostam de chamar atenção. Eles dão risinhos e olham para mim, conversando animadamente. Pela distância, é impossível escutar o que dizem, mas imagino serem coisas do tipo: “Nossa! Eu nunca faria uma coisa dessas”, e “Credo”, e “Como ela consegue fazer isso na frente de todo mundo? Ninguém nunca vai querer casar com ela”.

Depois de me formar, vou sair desta cidade e ir para bem longe, decido.

— Relaxa, maninha. E daí que os seus colegas da escola viram? Não sei por que você fica tão abalada com isso.

— Ai, que inveja de como as crianças não se preocupam com nada! — digo, encarando Yotsuha.

Nós duas trocamos de roupa, colocamos uma camiseta e saímos pelo portão principal do salão do templo.

Como desfecho para esta noite, após o Festival da Boa Colheita, minha irmã e eu participamos de um banquete com os senhores e senhoras da vizinhança que ajudaram no festival. Minha avó recepcionou os convidados enquanto Yotsuha e eu servíamos as bebidas e atuávamos como ouvintes.

— Quantos anos você tem mesmo, Mitsuha? Hein? Dezessete?! Ser servido por uma moça bonita como você me faz sentir rejuvenescido.

— Pode rejuvenescer bastante! Vamos, beba à vontade!

Recepcionei as pessoas quase tendo um ataque de pânico. Eu já estava exausta quando, finalmente, liberaram as crianças para irem embora. Minha avó e os demais adultos ainda continuam com o banquete no salão do templo.

— Yotsuha, você sabe qual é mais ou menos a idade do pessoal que estava lá?

O caminho de acesso ao templo já está com as luzes apagadas, e dá para ouvir o som límpido dos insetos por todos os lados.

— Não sei. Talvez uns sessenta anos?

— Eu fiz as contas quando estava na cozinha. A idade média deles é setenta e oito anos. Setenta e oito!

— Hum.

— E, agora que saímos de lá, a média de idade foi para noventa e um anos! Olha só essa marca! Eles já estão no último estágio da vida. Se bobear, o Mundo dos Mortos pode aproveitar para buscar todos eles de uma vez só hoje!

— Hmmm...

Tento dizer que devíamos fugir desta cidade o quanto antes, mas minha irmãzinha não parece dar a menor importância às minhas súplicas. Ela parece estar pensando em outra coisa, e eu desisto de argumentar com ela. Afinal, Yotsuha é apenas uma criança e não pode entender o meu sofrimento. Então olho para o céu. Está repleto de estrelas que brilham, altivas, alheias à vida das pessoas na Terra.

— Já sei! — Yotsuha solta de repente, elevando o tom de voz enquanto descemos as longas escadas de pedra do templo. — Por que você não faz um monte de *kuchikamizake* e vende? Pode usar o dinheiro para ir a Tóquio — ela conclui com uma expressão triunfante, como se encontrasse um bolo que alguém escondeu dela.

Por um instante, fico sem palavras.

— Você tem cada ideia, hein...?

— Você pode tirar fotos e gravar vídeos promocionais. E chamar o saquê de *Kuchikamizake* da Sacerdotisa! Com certeza vai ser um sucesso!

Ela tem só nove anos e já com essa visão de mundo. Apesar de me preocupar por ela ter essas ideias disparatadas, não consigo deixar de achar uma gracinha a forma como se preocupa comigo, do jeito dela. Certo, talvez seja a hora de pensar seriamente em abrir um negócio para vender *kuchikamizake*. Espere um pouco. Será que dá para vender bebida alcoólica sem uma permissão especial?

— E então? O que achou da minha ideia, maninha?

— Huuum... — Definitivamente, não. — Não vai dar. Isso viola as leis de fabricação e comércio de bebidas alcoólicas.

Paro para pensar se seria esse o maior dos problemas, mas, quando me dou conta, estou seguindo apressada pela escada. Vários acontecimentos, sentimentos, perspectivas, dúvidas e um grande desespero se misturam dentro de mim. Estou prestes a explodir. Desço as escadas correndo, pulando dois degraus de cada vez, e freio no patamar do portal de entrada do templo. Inspiro o ar gélido da

noite até ele atingir minha garganta. Então, despejo todo esse ar para fora com um berro e com tudo o mais que me remói por dentro.

— Eu não aguento mais esta cidade! Não suporto mais esta vida! Quero ser um cara bonito em Tóquio na próxima vida, por favor!

Favor... favor... favor... favor...

Meu desejo ecoa pelas montanhas durante a noite e desaparece como se tivesse sido sugado pelo lago Itomori, logo abaixo de nós. Tão absurdas foram as palavras que gritei impulsivamente que minha cabeça lateja e o suor escorre gelado.

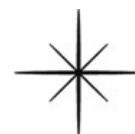
Ah, ainda assim... Deuses, se vocês existem de verdade, realizem meu desejo, por favor...

Mesmo que os deuses existam, eu não sei ao certo o que devo pedir a eles.

Notas

* Antiga flauta transversal japonesa feita de bambu, com seis furos para os dedos, medindo cerca de cinquenta centímetros. (N. da T.)

** Aplicativo de mensagens instantâneas para celular, PC e Mac semelhante ao WhatsApp. (N. da T.)



3

Cotidiano

Eu não conheço o som desse alarme, penso, ainda sonolenta...

Será o despertador? Mas eu ainda estou com sono. Na verdade, acho que vou dormir mais um pouco, pondero enquanto procuro de olhos fechados o celular que lembro de ter deixado ao lado das cobertas.

Ué?

Estico ainda mais o braço.

Mas que alarme irritante. Onde foi que deixei meu celular...?

— Ai...!

Paf! Minhas costas batem com força no chão.

Ao que parece, eu caí da cama.

Ai, ai, ai, ai... Mas, hein? Cama?

Finalmente, abro os olhos e me sento.

Estou em um quarto que nunca vi antes. Será que dormi na casa de alguém?

— Que lugar é este...? — murmuro e, logo em seguida, percebo um peso estranho na garganta.

Instintivamente, levanto a mão e toco em uma garganta rígida e com uma saliência.

— Hmmm? — Meu murmúrio soa em um tom mais grave que o normal. Então volto o olhar para baixo.

Sumiu...

A camiseta, que não me lembro de ter vestido ontem, cai reta até a barriga, e *algo* que deveria estar ali não está.

Meus seios sumiram.

Na parte inferior do meu corpo, que se mostra bem visível, há *algo* entre as pernas que antes não existia. Algo que impõe uma forte presença, superando até mesmo a estranha sensação da falta dos seios.

O que é isso...?

Estico o braço em direção a essa parte. A pele e o sangue de todo o meu corpo parecem estar sendo atraídos a esse ponto.

Isto é... Isto é... Será mesmo o que eu estou pensando?

.....

.....

.....

Minha mão toca aquela área.

Eu não desmaio por muito pouco.

Quem é este garoto?

Observo atentamente o rosto desconhecido que se reflete no espelho de um banheiro também desconhecido.

O penteado moderno cobre as sobrancelhas, e parece ao mesmo tempo desarrumado e ajeitado. As sobrancelhas dão um certo ar de teimosia, mas os olhos grandes transmitem a sensação de ser uma boa pessoa. Os lábios ásperos desconhecem o que seja o conceito de hidratação, e o pescoço mostra-se bem rígido. Por alguma razão, há uma grande bandagem em um dos lados do rosto fino, em um lugar bem visível. Temerosamente, aproximo a mão. E, ao tocar o curativo, sinto uma pontada de dor.

Mas... Apesar da dor, parece que ainda não acordei. Minha garganta está seca. Abro a torneira e bebo água com as mãos em concha. Mas ela é desagradavelmente morna e tem cheiro de produtos químicos, como a água de uma piscina.

— Taki, já acordou? — De repente, ouço ao longe uma voz masculina.

— Aaah! — dou um grito curto.

Taki?

Espio com um pouco de medo o que parece ser a sala de estar.

— Hoje era o seu dia de preparar o café da manhã e você acorda tarde assim? — diz um homem de terno. Ele olha rapidamente na minha direção, mas logo volta a atenção para os talheres.

— D-Desculpe! — digo, instintivamente.

— Eu tenho que ir. Tome a sopa que eu deixei pronta.

— Ah, sim.

— Vá para a escola, mesmo que chegue atrasado — diz ele, empilhando rapidamente a louça e levando-a para a cozinha.

Então passa direto por mim, vai até a entrada, calça os sapatos, abre a porta, sai e depois a tranca. Tudo acontece tão rápido quanto o pio de um pássaro.

— Que sonho estranho... — digo em voz alta.

Observo o cômodo ao meu redor. Na parede, há fotos e desenhos de pontes, prédios e outras construções. No chão, há várias revistas, sacolas de papel e caixas de papelão espalhadas desorganizadamente, dando a impressão de uma zona sem lei, se comparada com a casa dos Miyamizu, que está sempre limpa e organizada, como se fosse uma tradicional pousada japonesa (mas isso graças à minha avó). As janelas são estreitas, revelando que deve ser um apartamento. Se isso for um sonho, não tenho ideia de onde essas imagens saíram, mas fico admirada com tamanho realismo. Não sabia que eu tinha tanta imaginação. Talvez eu leve jeito para seguir uma carreira artística no futuro.

Plim!

O som de uma mensagem recebida no celular ecoa no fim do corredor, como se fosse um sinal para interromper meus pensamentos. Engulo em seco e volto correndo para o quarto onde eu estava. O celular está caído ao lado do lençol e brilha na tela uma mensagem curta.

Por acaso você ainda está em casa? Vem correndo pra escola! Tsukasa

O quê? O que é isso? Quem é Tsukasa?!

Seja como for, tenho que ir para a escola, penso enquanto examino o quarto.

Um uniforme masculino pendurado ao lado da janela me chama a atenção. Quando o pego, percebo que passo por mais uma situação de emergência.

Ah, eu não posso acreditar nisso!

Eu... preciso fazer xixi.

— Afffff... — dou um suspiro tão profundo que meu corpo desaba.

O que há de errado com o corpo dos homens, hein?!

Consigo vencer o obstáculo de ter que ir ao banheiro, mas meu corpo ainda treme de raiva. Quanto mais eu tinha vontade de fazer xixi e quanto mais eu tentava direcionar com os dedos, mais difícil era urinar. Como isso é possível?! Isso é tão imbecil, tão idiota! Ou este garoto é que é estranho?! Ah, e eu nunca tinha visto aquilo na vida! Pode até não parecer, mas ainda sou uma sacerdotisa virgem de um santuário xintoísta!

Estou com tanta vergonha que baixo a cabeça e me esforço para não chorar, mas, sem conseguir me conter, acabo derramando algumas lágrimas enquanto visto o uniforme escolar. Abro a porta do apartamento. *Seja como for, é melhor sair para a escola*, penso ao erguer a cabeça.

Nesse momento...

É deslumbrante!

Meus olhos são atraídos pela beleza da paisagem à minha frente.

Fico boquiaberta.

Provavelmente eu estou no corredor de um prédio no alto de uma colina.

Diante de mim, estende-se uma área verdejante que parece ser um grande parque. O céu é de um azul-celeste cintilante, sem uma nuvem sequer. Na fronteira entre o azul e o verde, há prédios altos e baixos enfileirados como se fossem belas e detalhadas dobraduras colocadas uma ao lado da outra. Em cada um deles, há janelas pequenas e delicadas, como os buracos na malha de uma rede. Em uma janela reflete-se o céu azul, uma outra está tingida com o verde do parque, e outra ainda reflete o brilho do sol da manhã. Ao longe, posso ver um pináculo vermelho, um prédio prateado e arredondado que lembra uma baleia, um edifício preto e brilhante como se tivesse sido lapidado a partir de uma obsidiana, e todas essas construções devem ser famosas, pois até mesmo eu lembro de tê-las visto em algum lugar. Também ao longe, há carros que parecem de brinquedo, correndo enfileirados e de forma ordenada.

Essa paisagem é muito mais bela do que eu imaginava — ou melhor, eu nem ao menos cheguei a imaginar algo assim. É uma vista muito mais bonita do que aquelas que eu via na televisão ou em filmes no cinema. É a paisagem da maior cidade do Japão. Sinto uma grande emoção me invadir.

— É Tóquio... — murmuro.

Esse mundo é tão deslumbrante que estreito os olhos enquanto respiro fundo, como se olhasse para o sol.

— Ei, onde você comprou isso?

— Em Nishi-Azabu, na volta da aula.

- Sabe o que eles pretendem fazer na abertura do próximo show?
- Ei, que tal matarmos a tarde pra ir ao cinema?
- Sabe aquele cara da agência que vai no encontro de hoje à noite?

Que conversas são essas? Eles são mesmo estudantes do ensino médio no Japão moderno? Ou só estão lendo as postagens de gente famosa no Facebook?

Esgueiro-me para trás da porta enquanto observo o interior da sala de aula, esperando o melhor momento para entrar. Usei o GPS do celular para chegar à escola, mas, após me perder várias vezes pelo caminho, consegui chegar ao meu destino apenas quando já tocava o sinal para o intervalo do almoço.

Mesmo assim, observo o prédio da escola — janelas de vidro em toda a extensão da parede de concreto, portas de ferro pintadas com cores vibrantes e com janelinhas redondas. É tão moderno que cheguei a pensar que fosse algum local de exposição de arte. *Quer dizer que o tal Taki Tachibana tem a minha idade e vive em um mundo como este?*, penso enquanto me lembro do nome escrito na agenda estudantil e da expressão límpida na fotografia. Por alguma razão, isso me irrita um pouco.

— Taki!

— *Ugh!* — solto um grito inaudível ao sentir alguém envolver meus ombros por trás.

Ao me virar, vejo um garoto de óculos com ar de presidente do grêmio estudantil (porém com um jeito sofisticado) sorrindo a uma distância tão ridícula que nossas franjas chegam a se tocar. Aaa, gente! Isso foi o mais próximo que já estive de um garoto!

— Chegando só na hora do almoço, é? Vamos comer, cara! — diz o garoto de óculos enquanto agarra meus ombros e me guia pelo corredor.

Ei, ei. Não acha que está agarradinho demais?!

— E você ignorou a mensagem que eu mandei — completa, sem parecer estar zangado.

— Desculpe... Espera, Tsukasa?

— Hahahaha. “Desculpe”? Espero que não aconteça de novo.

Eu não sei o que responder, mas, antes de qualquer coisa, me afasto dos braços dele.

— Você se perdeu...? — diz em voz alta um garoto simpático e robusto chamado Takagi, sem esconder a cara de surpresa. — Como conseguiu se perder no caminho que faz todo dia pra escola?

— É q-que... — gaguejo.

Nós três nos sentamos em um canto do extenso terraço da escola. Estamos no intervalo do almoço, mas, talvez por estarem fugindo do sol do verão, as pessoas ao nosso redor estão bem dispersas.

— É que... ele...

— Ele? — Takagi e Tsukasa me encaram com estranheza.

Ah, não. Esqueci que agora eu sou Taki Tachibana.

— Ah, humm... este garoto...

— Hmmm?

— Digo, eu.

— Há?

— Isso, eu...!

— Hum! — eles assentem, apesar de estranharem as minhas respostas.

Está certo, tenho que me referir a ele como “eu”. Já entendi!

— Eu achei divertido passear por Tóquio. Parece até um festival.

— Por acaso... você tem sotaque agora? — pergunta Takagi.

— Hein?! — Fico vermelha.

Eu tenho sotaque?

— E o seu almoço, Taki? — pergunta Tsukasa.

— O quêêê?! — Eu me dou conta de que não trouxe nada para comer.

— Você tá com febre? — perguntam os dois, rindo ao me verem pingar de suor e verificar o interior da bolsa.

— Tsukasa, você tem alguma coisa aí?

— Tenho um sanduíche de ovo. Dá pra colocar uns bolinhos de carne junto.

— Pronto — dizem os dois, me passando um sanduíche improvisado de ovo com bolinho de carne.

— Obrigado... — Fico emocionada.

Os dois sorriem calados. Nunca imaginei que garotos pudessem ser tão legais e gentis assim...! Ah, não faça isso, Mitsuha. Não comece a gostar dos dois ao mesmo tempo! Bem, isso não aconteceria de verdade. Seja como for, Tóquio é mesmo um lugar incrível!

— E aí? Que tal irmos de novo ao café depois da aula? — diz Takagi, levando a comida até a boca. Por impulso, olho fixamente para ele.

— Boa ideia — concorda Tsukasa, e bebe um gole da água em sua garrafa, fazendo-a escorrer pela garganta, que se move suavemente devido ao líquido.

— O quê? Aonde você disse que vai...?

— Ao café. E você, Taki? Vai com a gente, né?

— Hum?!

— Ao café!

— V-Você disse café?! — grito, sem conseguir conter a empolgação crescente e sem me importar com a expressão de estranheza que se acentua no rosto dos dois. É a minha chance de uma revanche daquele dia do café no ponto de ônibus.

Há dois cachorros de pequeno porte vestidos como se fossem estrelas da TV e sentados em uma cadeira de vime. Eles me fitam com olhos que parecem balas açucaradas e abanam o rabo com extrema velocidade. As mesas estão dispostas a uma distância confortável e, por incrível que pareça, cerca de metade dos clientes é de estrangeiros. Outra coisa que me impressiona é que um terço dos clientes usa óculos escuros, três quintos estão de chapéu, e não tem ninguém usando terno. Eu nem desconfio qual possa ser a profissão dessa gente.

Que lugar é esse? Adultos vindo com cachorros a um café em plena luz do dia e durante a semana?!

— Esse teto tem um bom madeiramento.

— Sim. Fizeram mesmo um bom trabalho aqui.

Sem se intimidar com a elegância transcendental daquele espaço, Tsukasa e Takagi comentam, sorridentes, e dão sua opinião sobre os acabamentos do interior do lugar. Ao que parece, eles frequentam cafés com interesse em sua arquitetura. Que raio de hobby é esse?! Garotos do ensino médio não costumam se interessar por revistas de ocultismo como a *MU*?!

— Já decidi o que vai pedir, Taki? — apressa Tsukasa.

Então eu paro de observar o interior, da cafeteria e volto a atenção para o pesado cardápio com capa de couro.

— Nossa...! Eu conseguiria viver um mês inteiro só com o valor dessa panqueca!

— Só se você vivesse no século retrasado — Takagi ri.

— Hum... — Reflito por um instante até perceber que tudo não passa de um sonho. Então não tem problema. O dinheiro é do Taki Tachibana e não meu. Vou comer o que tiver vontade.

Ahhh, que sonho maravilhoso.

Depois de comer uma panqueca imensa, que mais parecia uma fortaleza rodeada de pedaços de manga e mirtilo, eu me sinto profundamente satisfeita e termino a refeição bebericando um café com canela.

Plim!

O celular em meu bolso zune. É uma mensagem cheia de emojis demonstrando raiva.

— Ai...! E agora? Tá avisando que estou atrasado para o serviço. Parece que o meu chefe está uma fera!

— Ué? Você tem turno hoje? — pergunta Takagi.

— Então vai logo — diz Tsukasa.

— Sim — respondo, me levantando rapidamente. Porém...

— O que foi?

— Humm... onde é que eu trabalho mesmo?

— Hããã?

Os dois parecem não apenas pasmos, mas até meio irritados com a minha atitude. Mas o que eu posso fazer se não sei nada a respeito deste garoto?!

*

— Com licença. Nosso pedido ainda não está pronto?

— Taki! Vá pegar o pedido da mesa doze!

— Não foi isso que eu pedi.

— Taki! Já disse que não temos mais trufas!

— Onde está a nossa conta?

— Taki, você está atrapalhando!

— Taki, vê se presta atenção!

— Taki!

Eu trabalho em um restaurante italiano cheio de ostentação. Um sobrado com boa ventilação, com um lustre reluzente pendurado no teto, onde giram grandes hélices, como aquelas que eu via em filmes no cinema. Taki Tachibana é garçom — e usa gravata-borboleta — neste restaurante que mais parece um inferno de tão lotado no horário do jantar.

Eu errei ao marcar pedidos, errei na entrega dos pratos, os clientes reclamaram, e, mesmo sendo repreendida pelo chef, continuei correndo de um lado para o outro como se fosse levada por uma correnteza. Saibam que é a primeira vez que venho aqui! Além disso, também é a primeira vez que trabalho! Na verdade, isso aqui está mais para um pesadelo. Ah, droga! Quando é que eu vou acordar deste sonho?! Tudo isso é culpa sua, Taki Tachibana!

— Ei, garçom! Você aí.

— Hã? Ah, sim! — respondo às pressas, me virando ao perceber que passei um pouco da pessoa que me chamou. Não tinha como eu saber que ele estava falando comigo.

Uau! É um homem usando uma camisa com o colarinho aberto, um colar de ouro e vários anéis grandes nos dedos, mostrando visivelmente ser um gângster. Ah, mas eu já vi vários caras assim na

frente da estação da cidade vizinha à minha. Então, acho que conheço mais esse tipo de gente do que os clientes com estilo de artistas de televisão.

— Olha aqui, tem um palito de dente no meio da pizza — diz o homem, com um sorriso arrogante no rosto.

— O quê?

O gângster ergue a última fatia da pizza de manjeriço, onde há, propositalmente, um palito de dente enfiado na transversal. Talvez ele esteja só brincando. Mas, enquanto eu hesito sobre como reagir a isso, o marginal sorri, cínico, e diz: — Tive sorte de ter percebido. Mas... seria perigoso se eu tivesse engolido, né? O que vamos fazer com relação a isso?

— Mas, senhor...

Sinto que não pegaria bem ser sincera e dizer que ele é quem deve ter espetado o palito de dente ali. Então, abro meu melhor sorriso falso. Nesse momento, o gângster fecha a cara.

— Eu perguntei o que você vai fazer com relação a isso! — grita o cliente.

Paf! A mesa treme com um golpe repentino do joelho dele. O burburinho do restaurante cessa por um momento, como se todos tivessem congelado, inclusive eu.

— Senhor... Algum problema? — interfere uma mulher, afastando-me do local. Ela olha de relance na minha direção e sussurra: — Pode deixar comigo.

Outra pessoa agarra meu braço e me puxa para longe deles. Reparo que é um garçom experiente.

— Você está esquisito hoje — diz ele, preocupado.

— Peço desculpas pelo transtorno!

Posso ver, de soslaio, a mulher inclinando profundamente a cabeça diante do gângster. O ruído do restaurante volta aos poucos, como se estivessem aumentando o volume do som ali.

*

Estou passando o aspirador de pó, tão grande quanto um cortador de grama. Finalmente o restaurante fechou, a luz do lustre foi apagada, as toalhas foram todas retiradas das mesas. Enquanto uma pessoa lustra as taças, outra verifica os ingredientes que ainda restam na geladeira e outra opera o caixa.

Quanto à mulher que me salvou, ela passa um pano nas mesas, e eu não consigo encontrar o momento certo para puxar papo. Seus longos cabelos ondulados caem nas laterais do rosto, escondendo sua expressão. Mas seus lábios, tingidos com brilho labial, mostram um sorriso gentil. Ela tem braços e pernas esbeltas, quadril estreito e definido, seios grandes. É bem bonita. Ao passar ao seu lado, posso ver no crachá preso ao decote que seu nome é Okudera. Esta é a minha chance!

— Ah... Okudera? — tomo coragem e a chamo pelo nome. Levo um cascudo de leve atrás da cabeça.

— Chame-a de senhorita! — ordena, em tom de brincadeira, o homem que me deu o cascudo, voltando à cozinha com um monte de cardápios em uma das mãos.

Entendi, então ela é a mais experiente aqui. Certo!

— Ah, senhorita Okudera! Hoje...

— Taki. Hoje não foi nosso dia de sorte, né? — ela diz, voltando-se para mim e me olhando nos olhos. Seus longos cílios fazem uma curva em direção ao teto, os olhos são amendoados, como os de toda bela garota, e sua voz é tão sensual que chega a dar arrepios. É o tipo de garota para quem qualquer um se declararia, sem a menor sombra de dúvida.

Sinto minhas bochechas ficando vermelhas e desvio o olhar rapidamente.

— Ah, não. Como eu posso dizer...

— Com certeza ele estava mentindo. Mas temos que agir conforme manda o manual, por isso não cobre a refeição dele — ela explica, sem parecer irritada. Vira do avesso o pano que usava e vai limpar outra mesa. Quando eu ia continuar a conversa...

— Ah, senhorita Okudera! — exclama uma das garçonetes.

— A sua saia... — diz outra delas.

— Hã?

A senhorita Okudera contorce a parte superior do corpo e, ao olhar em direção ao seu bumbum, fica vermelha. Observando bem, é possível ver um corte horizontal na saia, logo acima da coxa.

— Ai, não! — grita ela, virando o avental para esconder o corte.

— Você se machucou?

— Que horror! Foi aquele cliente?

— Esse tipo de coisa já havia acontecido antes, não é?

— Estão te assediando?

— Lembra do rosto dele?

Alguns funcionários se aproximam e perguntam, preocupados, coisas desse tipo. Ela não responde, cabisbaixa. Enquanto isso, eu fico parada feito uma idiota, com as palavras prontas para serem ditas ainda dentro da boca. Percebo que os ombros da senhorita Okudera tremem um pouco. Penso ter visto algumas lágrimas se formarem nos olhos dela.

Agora é a minha vez de ajudá-la.

Quando me dou conta, já agarrei a mão da senhorita Okudera e comecei a andar.

— Ei, Taki! — ouço vozes às minhas costas, mas ignoro.

O verde é para a folhagem. O laranja, para as flores e borboletas. Gostaria que tivesse mais algum detalhe. Um marrom... sim, para o porco-espinho. E a cor creme para o nariz dele.

Uno os dois lados do rasgo na saia e começo a costurar rapidamente. Como há algumas linhas coloridas de bordado na caixa de costura no vestiário, aproveito para fazer melhorias um pouco mais caprichadas. Graças aos ensinamentos da minha avó, eu me tornei uma especialista em costura e bordado.

— Prontinho!

Então, entrego a saia que finalizei em cerca de cinco minutos à senhorita Okudera.

— Hã...? Mas isso é... — Sua expressão de insegurança e estranheza por eu tê-la puxado para o vestiário mudou visivelmente para surpresa. — Incrível! Isso é mesmo incrível, Taki! Ficou mais bonito que antes!

Como o corte na saia tinha cerca de dez centímetros em uma linha horizontal, além de costurar essa parte, ainda fiz um bordado de um porco-espinho brincando em um campo aberto. A saia é marrom-escura, então o bordado funciona como um pequeno adorno, e eu achei que um desenho fofo como este combinaria com uma mulher esbelta e bonita como Okudera. Seu belo rosto, que parece o de uma modelo de revista, ilumina-se com um sorriso que me parece familiar, como o de uma jovem vizinha.

— Muito obrigado por ter me ajudado hoje — finalmente consigo dizer o que estava entalado na minha garganta.

— Hehe — ela ri, estreitando suavemente os grandes olhos. — Na verdade, eu estava meio preocupada com você naquela hora. Porque você não é muito forte, mas tem pavio curto — diz,

cutucando a bochecha esquerda.

Ah! Agora eu entendi. Então essa é a razão da bandagem no rosto de Taki Tachibana.

— Eu gosto dessa nova versão sua — ela completa, com ar travesso. — Você está esbanjando charme, Taki.

Meu coração bate forte. Ela abre um sorriso maravilhoso, capaz de fazer qualquer um querer dar tudo o que tem só para vê-lo. É a coisa mais preciosa que vi hoje em Tóquio.

O trem amarelo que pego para voltar para casa até que está vazio.

Só agora eu percebo que Tóquio tem vários cheiros. Seja na loja de conveniência, nos restaurantes familiares, as pessoas por quem eu passo, os arredores dos parques, a estação de trem durante a noite, dentro do vagão... Sinto o cheiro mudar a cada dez passos que dou. Até hoje eu não sabia que os seres humanos exalavam um cheiro tão forte quando andam juntos. E as luzes que correm pela janela do trem mostram quantas vidas existem nesta cidade. Meu coração se agita com a quantidade e o peso esmagador dos edifícios, que parecem montanhas, e eu me deslumbro ao admirar como se enfileiram para além de onde os olhos alcançam.

E Taki Tachibana é uma das pessoas que vivem nesta cidade. Estendo a mão para a imagem do rapaz refletida no vidro do trem. Eu me irrita um pouco, mas até que simpatizo com este rosto. Começo a sentir certa familiaridade com este garoto, como se fosse um companheiro de guerra com quem consegui superar as adversidades deste dia terrível. Contudo...

— Mas que sonho realista...

Após voltar para casa, desabo na cama onde eu acordei pela manhã.

Ei, eu tive um sonho assim, não acham incrível?, penso em como vou contar esta história a Teshi e Saya amanhã. Minha imaginação é tão fértil que parecia até que eu estava vendo mesmo aquilo tudo! É bem provável que eu me torne uma autora de mangá, se bem que não gosto muito de desenhar. Então, quem sabe uma escritora? Com certeza vou ganhar uma boa grana, aí vamos poder arranjar um apartamento para morar juntos em Tóquio. Que tal?, imagino-me dando risadinhas.

Enquanto isso, deitado de costas, pego o celular de Taki Tachibana e começo a fuçar. Ah, ele escreve um diário.

07/09 — Almoço no KFC com o Tsukasa e o Takagi

06/09 — Filme em Hibiya

31/08 — Tour arquitetônico — construções à beira-mar

25/08 — Dia de pagamento!

Leio suas anotações, voltando nas datas do diário. *Que organizado*, fico admirada. Depois, dou uma olhada nas fotos. A maioria é de paisagens, seguidas pelas com Tsukasa e Takagi. Eles parecem se dar muito bem, indo a parques e comendo lámen juntos. Também encontro fotos de um restaurante de gyudon,* do restaurante de sobá em frente à estação, de uma hamburgueria descolada. Além de paisagens, como o caminho de volta da escola, o pôr do sol visto entre dois prédios, os amigos de costas com a cidade como pano de fundo, rastros deixados por um avião no céu.

— Puxa, como é bom viver em Tóquio — murmuro e bocejo.

Apesar de começar a ficar com sono, vou para a próxima foto.

— Ah, é a senhorita Okudera.

Ela está de costas, limpando a janela do restaurante, dando a impressão de que a foto foi tirada escondida. Na imagem seguinte, ela parece ter percebido, abriu um sorriso e fez sinal de paz e amor com os dedos.

Será que ele gosta dela...? Deve ser um amor platônico. Para uma universitária como ela, um garoto do ensino médio é uma criança.

Eu me sento na cama e crio um tópico para hoje no aplicativo de diário do celular. Então, começo a digitar tudo o que aconteceu comigo. “Cometi muitos erros, mas, por fim, consegui me aproximar da senhorita Okudera. Na volta do trabalho, viemos andando juntos do restaurante até a estação.” Escrevo isso no diário com a intenção de informar a Taki Tachibana — e também para me gabar do meu feito. Termino de escrever, dou mais um bocejo. De repente...

Quem é você?

Por alguma razão, eu me lembro daquele rabisco no meu caderno de japonês. Visualizo vagamente o tal Taki Tachibana com a minha aparência no meu quarto em Itomori, escrevendo essas palavras em meu caderno antes de dormir. É uma suposição estranha, mas bem provável. Então, pego uma caneta de cima da escrivaninha e marco na palma da minha mão: Mitsuha

Uahhhh...

Esse já é o terceiro bocejo. Hoje foi um dia inesperado e cansativo. Inesperado como tomar banho de arco-íris. O dia foi tão colorido e emocionante. Não precisei nem imaginar uma música de fundo, pois o mundo já parecia tão radiante. Dou uma risadinha ao pensar em Taki Tachibana espantado com as letras escritas na palma da mão e adormeço.



— O que é isso...? — falo em voz alta, sem perceber, ao olhar a palma da minha mão.

Desvio a atenção das letras rabiscadas ali e percebo que estou vestido, com o uniforme todo amarrotado e ainda com a gravata. Eu dormi sem nem me trocar?

— M-M-Mas o que é isso?! — desta vez dou um berro.

Por causa do grito, meu pai me olha de relance, interrompendo por um segundo seu café da manhã, mas logo retoma sua tigela de comida, como se nada de estranho tivesse acontecido. Eu me desespero ao checar o celular. Há várias coisas em meu diário que não lembro de ter digitado.

Na volta do trabalho, viemos andando juntos do restaurante até a estação. Tudo isso graças à minha sintonia com meu lado feminino... ♥

— Ei, Taki. Vamos ao café hoje também?

— Ah, foi mal. Tenho que trabalhar.

— Hahahaha. E já aprendeu o caminho?

— O quê? Ah...! Tsukasa, seu maldito. Então foi você? — elevo a voz instintivamente.

Na verdade, eu gostaria muito que tivesse sido obra dele. Mas a expressão de estranheza no rosto de meu amigo diz que não. Não há motivo para qualquer pessoa perder tempo fazendo uma brincadeira dessas comigo, eu sei muito bem.

— Deixa pra lá... Não é nada. Tô indo nessa — eu digo, relutante, enquanto me levanto da cadeira e saio da sala de aula.

— Hoje ele tá normal — escuto Takagi dizendo enquanto saio.

Minhas pernas tremem. Algo estranho está acontecendo comigo.

— Humm... o que foi? — pergunto ao me deparar com três colegas do trabalho que barram a minha passagem quando abro a porta do vestiário, depois de colocar o uniforme.

Um deles é funcionário, e os outros dois, universitários que só estão fazendo um bico no restaurante. Todos eles são homens e estão me encarando de forma sinistra, como se estivessem vermelhos de raiva ou, talvez, à beira das lágrimas. Engulo em seco. Eles me atacam, em tom ameaçador: — Taki, maldito... tá querendo passar a perna na gente?!

— Trate de explicar tudo direitinho.

— Ontem vocês foram embora juntos, não foram?

— Q-Quê...? É sério?! Eu?! Com a senhorita Okudera?!

Significa que o que estava escrito naquele diário é verdade?!

— O que aconteceu com vocês depois?

— Espera um pouco, é que... eu não lembro direito...

— Não brinca com a gente!

Quando eles estão para me agarrar pelo colarinho, uma voz suave ecoa do salão:

— Okudera chegando.

A senhorita Okudera desfila com suas longas pernas e seus ombros brilhantes expostos pela blusa decotada. Ela nos cumprimenta com um sorriso enquanto caminha com suas sandálias trançadas, fazendo um som agradável.

— Boa tarde.

— Boa tarde!

Sem querer, nós quatro respondemos ao mesmo tempo, embasbacados pelo brilho intenso emanado pela senhorita Okudera, a grande diva do restaurante. Por um instante, até esquecemos a discussão. Então ela dá um giro e me olha.

— Conto com você hoje também, Taki — diz, de um jeito tão meigo que é possível ver emojis de coração no fim da fala. E daí ela pisca, insinuante, e desaparece porta adentro.

Fico vermelho, como se tivessem jogado água quente em mim. Eu me sinto tão desnorteado que tenho vontade de lustrar todas as taças do restaurante até ficarem brilhantes.

— Ei, Taki...

A voz sombria dos rapazes, ecoando das profundezas da terra, me faz voltar à consciência.

Mas que coisa..., penso enquanto eles me perseguem aos gritos. O que significa tudo isso? Estão todos tirando com a minha cara? Não, impossível. O que foi que eu fiz? Não me lembro de nada disso.

E quem é “Mitsuha”, afinal?



Piu, piu. Como sempre, os pássaros cantam animados. É uma manhã pacífica como outra qualquer, com os límpidos raios de sol entrando pelas frestas da porta corrediça. Mal acordo e me deparo com rabiscos na minha mão e braço, escritos com caligrafia irregular, como se materializassem toda sua raiva nestas palavras: Mitsuha??? O que é isso? Quem é você???

Letras garranchosas, escritas desde a palma da minha mão até a altura do cotovelo com caneta de ponta grossa.

— O que é isso, maninha?

Ao olhar na direção da voz, noto que Yotsuha abriu a porta corrediça. A minha expressão revela que sou eu quem gostaria de saber o que é aquilo. Minha irmã dá de ombros.

— Pelo menos hoje você não está apalpando os peitos. É hora do café da manhã! Vem logo!

Paft! Continuo sentada sobre as cobertas, observando Yotsuha fechar a porta com a falta de delicadeza de sempre. *Hã? Peitos? Hoje não estou apalpando? Como assim?* Imagino a cena, eu mesma apalpando meus peitos com um sorriso besta no rosto. Isso é tão rude e pervertido!

— Bom dia — digo, entrando na sala de aula. Os olhares dos meus colegas de classe se voltam para mim de uma só vez. — Oopa! — Prendo a respiração com o susto.

O-O que está acontecendo? Dirijo-me até minha carteira ao lado da janela. Enquanto caminho, escuto murmúrios: “A Miyamizu foi o máximo ontem”, “Mudei de opinião em relação a ela”, “Mas não acha que ela mudou de personalidade?”

— E-Estou sentindo uns olhares estranhos...

— Bem, não é pra menos. Depois do que você fez ontem — diz Sayaka.

— Depois do que eu fiz ontem? — pergunto enquanto me sento, e Saya me encara com assombro e preocupação.

— É, ontem na aula de artes, na atividade sobre naturezas-mortas. O quê? Não se lembra de novo? Tá mesmo tudo bem com você, Mitsuha? Você e eu estávamos no mesmo grupo, e a gente devia desenhar aquela bobeira de vaso com maçãs ao lado. Mas você resolveu fazer uma paisagem. Bom, até aí tudo bem, mas aquele grupinho da Matsumoto começou a falar mal de você pelas costas como sempre... Quê? Quer saber o que disseram? Hum, bom, foi sobre as eleições pra prefeito. Quê? Quer saber com detalhes? Disseram que administrar a cidade se resume a distribuir subsídios, e que qualquer um poderia fazer isso, mas que tinha “umas pessoas” aqui que dependiam disso pra viver. Besteiras desse tipo. E, quando você ouviu isso, veio me perguntar se estavam falando de você. Eu tive que ser sincera, né? E adivinha só o que você fez, Mitsuha?! Não lembra mesmo? Você chutou na direção deles a mesa onde estava o vaso! E deu um sorrisinho cínico! Eles ficaram morrendo de medo, e é lógico que o vaso quebrou, a classe inteira caiu num silêncio mortal, até eu fiquei arrepiada!

— O... o... o quêêê?

Fico pálida.

Assim que a aula termina, volto correndo para casa. Nem dou atenção para Yotsuha e a vovó, que, completamente despreocupadas, bebericam chá na sala de estar, e subo correndo as escadas. Eu me tranco no quarto e abro meu caderno de japonês. Lá está a frase: “Quem é você?” Dou mais uma folheada no caderno.

Meu corpo inteiro fica arrepiado. Com a mesma caligrafia, há várias coisas escritas em uma página dupla. Primeiro, está escrito “Mitsuha Miyamizu”, bem grande. Em volta, há vários pontos de interrogação e, abaixo, um monte de informações pessoais minhas.

Turma C do 2º ano

Teshigawara ♂, amigo, gosta de ocultismo, meio ledo, mas legal Sayaka ♀, amiga, quieta e bonitinha

Mora com a avó e a irmã mais nova, Yotsuha

Interior

O pai é prefeito da cidade

É sacerdotisa?

Tudo indica que a mãe morreu

O pai não mora com elas

Tem poucos amigos

Tem peitos grandes

E, novamente em letras garrafais:

Que raio de vida é essa?

Ainda tremendo, observo o caderno. A névoa que encobre meus pensamentos se dissipa, e a paisagem de Tóquio começa a cintilar. O café, o trabalho, os amigos, o caminho de volta para casa que eu percorri com alguém...

Em um cantinho da minha mente, chego a uma conclusão praticamente impossível.

— Isso é... Será que é isso mesmo?



— Talvez seja isso mesmo...

Eu me tranco no quarto e olho fixamente para o celular, sem acreditar no que está acontecendo. Meus dedos tremem, como se uma parte de mim pertencesse a alguma outra pessoa. Com toques vacilantes, verifico as anotações feitas no aplicativo do diário. Entre as que eu digitei, encontro algumas das quais não me lembro.

Primeira vez em Harajuku-Omotesando. Sanduíches aos montes!

Aquário de Odaiba com dois garotos ♥

Tour em observatórios e feiras livres ♥

Visita ao serviço do meu pai ♥ Em Kasumigaseki!

Em um cantinho da minha mente, chego a uma conclusão praticamente impossível.

Não sei como, mas...

Dentro do sonho, essa garota e eu...

Dentro do sonho, esse garoto e eu...

... trocamos de corpo?!



O sol desponta no alto da montanha. Pouco a pouco, a luz inunda a cidade ao redor do lago. Os pássaros pela manhã, o silêncio da tarde, o som dos insetos à noite e o brilho do céu noturno.

O sol nasce por entre os prédios. A luz vai iluminando as janelas, uma após a outra. A multidão da manhã, a agitação da tarde, o cheiro das várias vidas durante o crepúsculo, as luzes da cidade durante a noite.

Nós passamos a observar com atenção cada um desses momentos.

E cada vez mais entendemos o que está acontecendo.

Taki Tachibana. Taki é um estudante do ensino médio que tem a minha idade e mora em Tóquio.

Acontece de repente: umas duas ou três vezes por semana, a intervalos irregulares, eu troco de lugar com a Mitsuha Miyamizu, uma garota que mora no interior. Dormir é o que ativa esse fenômeno, mas a causa é desconhecida.

As memórias de quando estamos trocados ficam borradas assim que acordamos. A sensação é a de ter um sonho bem vívido.

Apesar disso, com certeza estamos trocando de corpo. A reação das pessoas ao redor comprova isso.

Depois que começamos a ter consciência de estar sofrendo esse fenômeno, conseguimos guardar um pouco das memórias durante os “sonhos”. Por exemplo, mesmo quando estou acordada, eu sei que tem um garoto chamado Taki que vive em Tóquio.

Agora eu estou convencido de que tem uma garota chamada Mitsuha, que mora em algum lugar no interior.

Também começamos a nos comunicar. Resolvemos escrever um diário ou deixar recados no celular do outro nos dias em que trocamos de lugar.

Como sabemos o número do celular um do outro, tentamos telefonar, mas por algum motivo não conseguimos. O mesmo aconteceu com e-mails, não deu certo. Seja como for, por sorte temos algum meio para nos comunicarmos. Nós precisávamos arranjar um jeito de não atrapalhar a vida um do outro. Por isso, resolvemos criar algumas regras.

PARA TAKI — PROIBIÇÕES 1

- Não tome banho, nunca.
- Não olhe nem toque meu corpo.
- Não sente com as pernas abertas.
- Não fique íntimo demais do Teshi. Ele tem que ficar com a Saya.
- Não encoste nos outros garotos.
- Nem nas garotas.

PARA MITSUHA — PROIBIÇÕES VER. 5

- Já te proibi de gastar demais, esqueceu?
- Não chegue atrasada na escola e no trabalho, vê se aprende logo o caminho.
- Não fale com sotaque.
- Por acaso você está tomando banho? Ando sentindo cheiro de xampu...
- Não fique grudada no Tsukasa, sua idiota. As pessoas podem ter a impressão errada.
- Não fique muito íntima da senhorita Okudera, por favor.

Mas essa garota...!, travo os dentes de raiva enquanto leio o diário que Mitsuha escreveu.
É impossível não me irritar ao ler o diário que Taki deixou para mim. Francamente, não posso acreditar...

Essa garota vai me pagar...!
Esse cara vai ver só...!

Você "arrasou" no basquete?! Eu já disse que não sou de fazer essas coisas! E ainda ficou pulando e fazendo arremessos na frente dos garotos?! A Saya me deu uma bronca falando para eu esconder os seios, a barriga e as pernas! Cuidado com os olhares dos garotos, cuidado quando usar saia, isso é básico na vida de qualquer garota!

▼
Mitsuha, sua imbecil! Não coma bolos caros! O Tsukasa e o Takagi estão estranhando, e o dinheiro é meu!

▼
Quem tá comendo é o seu corpo, Taki! Além disso, eu também estou trabalhando naquele restaurante! E por que você trabalha tanto? Desse jeito não tem nem como sair pra me divertir.

▼
A culpa é sua por ficar gastando demais! E outra: por mais que eu me esforce, não tem como eu fazer aquele negócio de trançar fios com a sua avó!

▼
Na volta do trabalho, fui tomar chá com a senhorita Okudera! Tentei pagar a conta dela, mas foi ela quem acabou pagando tudo. Sabe o que ela disse?! "Pague algo para mim quando se formar no ensino médio!" Não se preocupe, eu prometi que iria, de um jeito bem charmoso. O relacionamento de vocês está progredindo, graças a mim. ♥

▼
Mitsuha, mas que droga! O que pensa que está fazendo?! Pare de se meter nos meus relacionamentos!

▼
Ei, Taki! Que carta de amor é esta?! Como é que um cara que eu nem conheço vem se declarar?! E você ainda respondeu que ia pensar?!

▼
Hahahaha. Você não sabe mesmo se aproveitar das suas qualidades. Se deixasse por minha conta, você seria bem mais popular!

▼
Não fique se achando! Você nem tem namorada!

▼
Nem vem, você também não tem namorado!

▼
Estou solteira...

... porque eu quero!

Estou solteiro...



É o som do alarme de Mitsuha.

Isso significa que vou passar mais um dia no campo..., penso, ainda meio sonolento. Legal! Vou poder continuar o projeto de cafeteria com Teshigawara depois das aulas. E mais uma coisa...

Sento na cama para melhor observar meu corpo.

Ultimamente, Mitsuha tem usado um pijama bem grosso. Antes ela usava uma camisola larga e dormia sem sutiã, mas, esta manhã, está com uma roupa íntima meio apertada e uma camisa abotoada até o pescoço. Ela está em alerta para essas eventualidades, quando trocamos de lugar. Bem, posso entender como ela se sente. Eu entendo, mas...

Estico a mão até o peito. Hoje este é o meu corpo. Não tem problema nenhum tocar meu próprio corpo, não é mesmo? Não, mas...

— Ela não ia gostar disso... — murmuro, detendo minha mão.

A porta corrediça se abre.

— Maninha, você gosta mesmo dos seus peitos, hein? — diz Yotsuha, antes de fechar a porta outra vez. Eu a acompanho com os olhos enquanto apalpo os seios.

Não tem problema tocar um pouquinho sobre a roupa, né...?

— Vovó, por que o altar do nosso templo é tão longe? — exausta, Yotsuha eleva a voz.

— Graças a Mayugoro, eu também não sei — responde a avó, andando à nossa frente, sem nem sequer se virar na nossa direção.

Mayugoro?

— Quem é esse? — pergunto em voz baixa a Yotsuha, que caminha ao meu lado.

— O quê? Você não sabe? Ele é famoso!

Famoso? Não entendo direito essas relações das pessoas no interior.

As três mulheres da família Miyamizu — a vovó, Yotsuha e eu — já estamos andando pela montanha há cerca de uma hora. Soube que hoje é o dia de levar oferendas ao altar do templo da família, no topo da montanha. Eu me admiro que elas vivam neste mundo, que parece saído de histórias antigas.

O sol penetra por entre as folhas de bordo, tingindo-as de vermelho. O ar está bem seco e a brisa suave traz consigo o cheiro de terra. Estamos em outubro. O outono já chegou a esta cidade.

A propósito, quantos anos será que tem essa vovó?

Penso nisso enquanto observo suas costas estreitas à minha frente. Apesar de ser um caminho pelas montanhas, ela está vestida com um quimono e, espantosamente, tem pernas firmes. Mas, como já era de esperar, suas costas são encurvadas e ela se apoia em uma bengala. Como eu nunca vivi com alguém idoso, não faço a menor ideia de sua idade nem de suas condições físicas.

— Ei, vovó.

Corro até ela e me ajoelho para lhe oferecer minhas costas. Afinal, é esta pequena senhora que cria Mitsuha e sua irmãzinha e sempre enche a marmita delas com uma comida deliciosa.

— Deixa eu te carregar, por favor.

— Ora, tem certeza? — diz a vovó, feliz, já confiando seu peso às minhas costas. Reparo em um cheiro, igual ao que senti na casa de alguém há muito tempo. Por um instante, tenho a estranha e agradável sensação de já ter vivido isso antes. A senhorinha é extremamente leve.

— Vovó, como você é lev... *ugh!*

No instante em que me levanto, sinto os joelhos (de Mitsuha) cederem e me desequilibrar.

— Maninha! — reclama Yotsuha ao me dar apoio rapidamente.

Pensando bem, Mitsuha também é bem magra e leve. Até estranho ela conseguir viver com um corpo assim. Fico um pouco sensibilizado.

— Mitsuha, Yotsuha — chama vovó nas minhas costas, com voz relaxada. — Vocês já ouviram falar de *musubi*?

— *Musubi*? — pergunta Yotsuha ao meu lado, carregando minha bolsa.

Ao olhar pelas brechas na copa das árvores, abaixo de nós, é possível avistar todo o lago, com sua forma redonda. Nós escalamos até bem alto. Estou suado pelo esforço de subir a montanha carregando a vovó nas costas.

— Na língua antiga, o deus que protege as nossas terras é chamado de *Musubi*. Mas essa palavra tem um significado muito mais profundo.

Deus? Do que ela começou a falar assim, de repente? Mas, com essa entonação de contadora de histórias antigas, ela até que consegue prender minha atenção.

— Vocês sabiam? — continua a vovó. — Entrelaçar fios também é chamado de *musubi*. As ligações entre as pessoas também. Até mesmo o fluxo do tempo é *musubi*. Para todas essas coisas pode ser usada essa palavra. Ela é tanto o nome do deus como o seu poder. Por isso, os fios trançados que fazemos são uma obra divina e representam o próprio fluxo do tempo.

Ouçó o burburinho de um rio. Deve ter alguma corrente de água aqui por perto.

— Os fios vão se juntando e ganhando forma. Eles se torcem, embarçam e, às vezes, voltam ao normal. Eles se rompem e se religam. Isso que são os fios trançados. Isso é o tempo. Isso é *musubi*.

Sem querer, imagino um regato de águas cristalinas. A água bate nas pedras do caminho e se divide, se mistura com outras águas e voltam a se encontrar, ligando-se como um todo. Não compreendo a história que a vovó contou, mas sinto que é algo muito importante. *Musubi. Espero me lembrar dessa palavra, mesmo depois de acordar*, penso. Uma gota de suor que escorreu pelo meu queixo cai, parecendo fazer um grande barulho, e é rapidamente absorvida pela terra seca da montanha.

Paramos para uma pequena pausa sob a sombra de uma árvore. A vovó me entrega a garrafa térmica.

— Pegue isto e beba.

Na garrafa, há apenas chá de cevada, adoçado com um pouco de açúcar. Mesmo assim, acho incrivelmente gostoso e tomo duas xícaras seguidas.

— Eu também quero! — reclama Yotsuha.

Talvez seja a bebida mais gostosa que eu já experimentei.

— Isso também é *musubi*.

— Quê...?

Entrego a garrafa térmica a Yotsuha e, instintivamente, olho na direção da vovó, sentada na raiz de uma árvore.

— Vocês sabiam? Seja água, arroz, saquê ou qualquer coisa que entre no corpo é *musubi*. Tudo o que entra no corpo se liga à alma. Por isso, a oferenda de hoje é uma tradição importante que os Miyamizu seguem há centenas de anos para entrelaçar o nosso deus e os humanos uns aos outros.

Uma fresta se abre na vegetação e eu consigo avistar lá embaixo, um pouco encoberta por nuvens, metade da cidade, do tamanho de um caderno de desenho. Acima de nós, as nuvens são como brumas que brilham e se dissipam vagarosamente, levadas para longe com um vento forte. Ao redor, há somente rochas cheias de musgo. Finalmente chegamos ao topo da montanha.

— Ei, ei. Tá ali! — diz Yotsuha, empolgada, enquanto eu a alcanço e viro na direção em que ela aponta.

Há ali uma enorme depressão no terreno, como uma caldeira vulcânica formada bem no cume da montanha. No interior dessa bacia, há uma área coberta de água com vegetação rasteira verde. Próximo ao centro, ergue-se uma grande árvore solitária.

Fico maravilhado diante dessa paisagem, que nunca imaginei que pudesse existir.

Não é possível ver este local a partir da cidade, é como um jardim suspenso natural. O campo é realmente um lugar incrível.

— Daqui em diante é o *kakuriyo* — diz a vovó.

Nós descemos até o fundo da depressão e um pequeno riacho corre à nossa frente. A árvore gigantesca está mais adiante.

— *Kakuriyo*? — perguntamos Yotsuha e eu ao mesmo tempo.

— *Kakuriyo* significa o “outro mundo”.

“Outro mundo.” A voz da vovó, nesse tom de contadora de histórias antigas, parece acariciar minhas costas como brisa fresca. Minhas pernas ficam um pouco trêmulas. Seja uma montanha sagrada, um local de energização ou de salvação, sinto que uma atmosfera que não é mesmo deste mundo paira neste lugar.

Não tem perigo de eu não conseguir voltar se colocar os pés aí dentro, né...?

— Oba! É o outro mundo! — grita Yotsuha, animada, enquanto atravessa o pequeno riacho.

Fico impressionado com as crianças, são tão bobas e cheias de energia. Bem, o tempo está bom, tanto o vento como o riacho estão calmos. Talvez seja ridículo eu ter medo. Então, seguro a mão da vovó para ajudá-la a se equilibrar enquanto atravessamos o riacho pelas rochas.

— Para voltar para o nosso mundo — a vovó começa a falar de repente, com um ar misterioso —, é preciso deixar para trás aquilo que é mais importante para vocês.

— O quê?! — elevo a voz, por impulso. — E-Espera, vó. Não venha me dizer uma coisa dessas agora que a gente já atravessou! — reclamo.

A vovó estreita os olhos em um sorriso. E é bem sinistro, com essa boca banguela.

— Não precisa ter medo. Estou falando do *kuchikamizake*.

A vovó nos apressa para que peguemos o saquê. Então, Yotsuha e eu retiramos pequenas garrafas de nossas bolsas. São do tipo que se costuma ver em santuários, feitas de uma cerâmica branca brilhante, com a base na forma de uma esfera de uns cinco centímetros de diâmetro. A tampa está selada com fios trançados e dentro faz barulho de algum líquido sendo agitado.

— Vamos até embaixo do altar — diz a vovó, apontando para a grande árvore. — Lá tem um pequeno santuário. Vocês devem colocar a oferenda ali. Afinal, esse saquê é como se fosse metade de vocês.

Metade de Mitsuha...

Eu observo a garrafa em minha mão. O *kuchikamizake* que ela fez mastigando arroz. O saquê feito da ligação deste corpo com o arroz. No entanto, sou eu quem vai dar isso em oferenda. Caminho em direção à grande árvore, sentindo certa vergonha, como se estivesse prestes a fazer um gol com a ajuda de um colega com quem não me dou bem. Mas também sinto certo orgulho.

Talvez esta seja a primeira vez que ouço o canto de cigarras ao vivo.

Eu só sei que é o canto de cigarras porque costuma ser usado como efeito sonoro do anoitecer em filmes e videogames. O canto triste ecoa uniformemente ao nosso redor, soando mais cinematográfico do que em um filme de verdade.

Um bando de pardais voa de uma moita à minha frente com estardalhaço. Quase morro de susto, porque sempre pensei que pássaros ficassem no alto das árvores. Yotsuha os persegue, dá giros e parece bem alegre. Devemos ter nos aproximado de alguma aldeia na montanha, pois posso sentir um leve aroma de comida misturado ao vento. Fico um pouco surpreso ao pensar que é possível perceber tão claramente o cheiro da vida humana.

— Já é *kataware-doki*! — diz Yotsuha, referindo-se ao crepúsculo. Sua voz mostra alívio, como se tivesse terminado todos os deveres do dia e se livrado da lição de casa.

Yotsuha e a vovó estão de lado, iluminadas pelo sol poente como um holofote, parecendo até uma pintura.

— Uaaau...! — Deixo escapar uma interjeição de espanto ao ver um pedaço do vilarejo abaixo de nós.

É possível ter uma visão completa da cidade de Mitsuha no entorno do lago. A cidadezinha já foi engolida por uma sombra azul, mas o lago ainda reflete a vermelhidão do ocaso. Em vários pontos da descida, há uma espécie de neblina cor-de-rosa se formando. Pairam alto vários fios de fumaça, como um sinal de alerta que sai das casas para avisar que logo é hora do jantar. Os pardais que sobrevoam a cidade brilham aqui e ali pelo céu.

— Será que já dá pra ver o cometa? — pergunta Yotsuha, bloqueando a luz do sol poente para vasculhar o céu.

— Cometa?

Então eu lembro que falavam sobre isso na TV durante o café da manhã. Já faz alguns dias que falam de um cometa que está quase a uma distância capaz de ser visto a olho nu. Parece que hoje, logo após o pôr do sol, será possível encontrar o seu brilho ao olhar diagonalmente acima de Vênus.

— Cometa... — eu repito.

De repente, sinto que estou esquecendo alguma coisa. Como a irmãzinha, eu também estreito os olhos e procuro no céu a oeste. Logo eu encontro. Lá está a cauda azul e luminosa do cometa acima de Vênus, excepcionalmente brilhante. Algo parece querer vir à tona em minha memória.

É mesmo, eu já...

Esse cometa...

— Ora, ora, Mitsuha — diz a vovó, me observando como se investigasse a minha expressão.

Minha sombra se reflete nos olhos pretos e profundos dela.

— Você está sonhando, não está?

!

Acordo de repente.

O lençol, que joguei para o alto, cai sobre a cama sem fazer ruído. Meu coração bate tão rápido que seria capaz de empurrar as costelas, mas não consigo ouvir suas batidas. *Que estranho*, penso. É quando começo a escutar, aos poucos, o som do meu fluxo sanguíneo. Os pardais da manhã do lado de fora da janela, o motor dos carros, o ecoar dos trens. Meus ouvidos começam a captar Tóquio, como se eu finalmente percebesse onde estou.

— Lágrimas...?

Gotas salgadas molham a ponta dos dedos que tocam meu rosto.

Não sei por que estou chorando. Enxugo os olhos com a palma das mãos. Enquanto faço isso, tanto a paisagem do crepúsculo como as palavras da vovó vão desaparecendo, como água sugada pela areia.

Plim!

O celular toca ao lado do travesseiro.

Já estou chegando. Não vejo a hora ♥

É uma mensagem da senhorita Okudera pelo Line.

Tá chegando? Do que ela está falando...? E logo me dou conta.

— Será que a Mitsuha aprontou mais alguma?

Começo a mexer no celular apressadamente e vejo uma mensagem dela.

— Ela marcou um encontro?!

Pulo correndo da cama e me apronto o mais rápido que posso.

Amanhã, encontro marcado com a senhorita Okudera em Roppongi! Às 10h30, na frente da Estação Yotsuya. Eu é que queria ir a esse encontro, mas, se por acaso acabar sendo você, divirta-se e me agradeça por isso.

Por sorte é perto de casa. Graças a ter corrido o mais rápido possível, chego uns dez minutos adiantado. Verifico o horário no celular enquanto recupero o fôlego. Talvez a senhorita ainda não tenha chegado. Mesmo sendo manhã de um fim de semana, já há bastante gente em frente à estação.

Limpo o suor, arrumo a manga da jaqueta e, depois de chamar Mitsuha de idiota três vezes, começo a procurar pela senhorita Okudera, caso ela já tenha chegado.

Um encontro com a senhorita Okudera... E não só isso; é a primeira vez que eu saio com uma garota! Meu primeiro encontro será justo com a musa, a artista, a Miss Japão, senhorita Okudera?! Eu não consigo, é demais para mim. *Eu imploro, troque de lugar comigo agora, Mitsuha, sua imbecil!*

— Taki!

— Aaaai! — solto um grito vergonhoso ao ouvir repentinamente uma voz atrás de mim.

Viro-me às pressas.

— Desculpa, esperou muito?

— De jeito nenhum! Quer dizer, esperei! Humm, digo... — *Que raio de pergunta é essa?! Se eu disser que esperei, ela vai se sentir mal, mas, se eu disser que não, corro o risco de ela achar que eu estava atrasado, não é? Ah, o que eu devo responder?! — Errr, bem... —* Levanto o rosto, ainda meio apreensivo. A senhorita Okudera está sorrindo diante de mim. — ...!

Arregalo os olhos. Ela calça um par de mules pretos, veste minissaia branca e blusa preta ombro a ombro. O traje monocromático deixa seus ombros e pernas à mostra e radiantes. Acessórios dourados emolduram delicadamente sua pele atraente. No pequeno chapéu branco há um grande laço marrom.

Ela está elegante e extremamente bonita.

— Eu acabei de chegar.

— Que bom! — responde a senhorita Okudera, sorrindo despreocupadamente. — Então vamos — diz ela, me puxando.

Ah... por um instante, apenas um instantinho, sinto os seios dela tocarem meu braço. Tenho vontade de limpar as janelas da cidade inteira de tanta alegria.

— Não consigo manter uma conversa... — murmuro, cabisbaixo, no banheiro, com vontade de bater a cabeça no espelho.

Passaram-se três horas desde o começo do encontro e eu nunca fiquei tão cansado na vida. Nunca imaginei que não tivesse habilidade nenhuma para lidar com mulheres. Não, não é isso. Ao menos espero que não. A culpa é toda de Mitsuha, que me meteu nessa situação sem me dar tempo para me preparar. E, acima de tudo, a culpa é da senhorita Okudera por ser tão bonita.

Afinal, todos que passam por nós olham para ela e ficam boquiabertos. Depois olham para mim e fazem cara de quem pensa: *Por que ela está andando com um moleque desses?* Ao menos é assim que eu vejo as coisas. E eu concordo. Também acho que não combinamos. Além disso, não fui eu quem a convidou para sair! Dá até vontade de agarrar essas pessoas pelos ombros e explicar para cada uma delas a situação. Por isso estou aqui, no banheiro, sem ter a mínima ideia do que falar com ela. A senhorita Okudera percebeu o meu desconforto e puxou assunto, mas eu não aguentei a tensão e fiquei com mais dificuldade ainda para falar qualquer coisa. Um círculo vicioso.

Droga, Mitsuha. O que você costuma conversar com ela?!

Abro o celular e leio as mensagens de Mitsuha, como se procurasse por alguma ajuda.

Mas você nunca deve ter saído com uma garota, não é...? Por isso, deixo a seguir uma cuidadosa seleção de links para te ajudar!

— Opa! É sério?!

Caramba, ela é um anjo! Abro os links desesperadamente.

Link 1: Como alguém com problemas de comunicação como eu conquistou uma garota

Link 2: Técnicas de conversa para você que não é nem um pouco popular!

Link 3: Chato nunca mais! Aprenda a mandar mensagens

Sinto que ela está me subestimando...

Caminhando pelo museu, finalmente me sinto um pouco mais aliviado.

Não que eu tenha grande interesse na exposição de fotos intitulada *Nostalgia*, mas dou graças aos céus por estar em um local onde não é estranho ficar calado. A senhorita Okudera caminha devagar

uns dois metros à minha frente, observando as fotos calmamente.

Furano, Tsugaru, Sanriku, Rikuzen, Aizu, Shinshu... A exposição é separada por territórios, mas, para mim, todas as imagens são muito parecidas, mostrando paisagens do interior. Eu não sei qual seria a forma certa de apreciar essas fotos, mas... a única coisa que sei diferenciar é a paisagem das montanhas da do mar, se é verão ou inverno. Tanto as casas como as estações de trem, as estradas e até as pessoas são muito parecidas. Qualquer lugar do interior do Japão provavelmente tem as mesmíssimas paisagens. Há mais personalidade na própria cidade de Tóquio, como Shibuya e Ikebukuro, Akasaka e Kichijouji ou Meguro e Tachikawa.

Quando chego a uma área intitulada Hida, meus pés param instintivamente.

Esse lugar é diferente do resto.

Não, as fotos são parecidas com as outras, mas eu conheço esse lugar. A forma das montanhas, a curva das estradas, o tamanho do lago, a aparência dos portais do templo, a posição das plantações. Eu posso reconhecer essa paisagem tão naturalmente como encontraria meus tênis mesmo estando no meio de vários outros. É como se fosse a paisagem da casa de algum parente do interior aonde eu ia brincar nas férias de verão todos os anos... e, mesmo sabendo que nunca passei por essa experiência, tenho uma sensação estranha e intensa de déjà vu com relação a esse lugar. Essa paisagem...

— Taki?

Ao me virar na direção da voz, percebo que a senhorita Okudera está ao meu lado. Por um instante, eu me esqueci da presença dela.

— Taki — ela volta a falar, com um sorriso sereno —, hoje você parece até outra pessoa.

Então dá um belo giro, como uma modelo numa passarela, e começa a andar, me deixando para trás.

Eu estraguei tudo.

Passei o dia apenas seguindo o plano de encontro bolado por Mitsuha, como se fosse obrigado a realizar uma tarefa que não é do meu agrado. Fiquei só pensando em que desculpas poderia dar e nem levei em conta os sentimentos da senhorita Okudera, que de bom grado passeava comigo. Isso porque fui eu (na verdade, Mitsuha) quem a convidou para sair. Eu deveria estar feliz por passar o dia com ela. Sempre desejei que um milagre como este se tornasse realidade um dia.

Da passarela onde estamos, é possível ver o aglomerado de prédios de Roppongi, o qual visitamos há pouco. Várias janelas refletem o pôr do sol, brilhando douradas. Volto meu olhar para as costas da senhorita Okudera, que caminha calada.

Talvez o cabelo lustroso, o chapéu e as roupas que parecem novas tenham sido preparados especialmente para o encontro de hoje. Sinto um aperto no coração ao pensar nisso. Tenho dificuldade para respirar, como se me faltasse oxigênio. Procuro desesperadamente por palavras, como um afogado que estende o braço em busca de ajuda na superfície das águas do mar.

— S-Senhorita... — Ela não se vira para mim. — Errr... não está com fome? Podemos jantar em algum lugar...

— Acho melhor irmos embora — diz ela, com o tom de uma professora paciente.

— Tudo bem — respondo de forma estúpida, no calor do momento.

Finalmente ela se vira para mim, mas seu rosto se mistura ao pôr do sol e eu não consigo distinguir bem sua expressão.

— Escuta, Taki. Desculpe se eu estiver enganada...

— Sim?

— Antes você tinha uma certa quedinha por mim, não tinha?

— Hein?!

Ela sabia?! Mas como?!

— Só que agora você gosta de outra pessoa, certo?

— O quêêê?! — Eu não suaria tanto nem se estivesse em uma floresta tropical. — N-Não, claro que não!

— Verdade?

— Ê-Ê verdade! Não é nada disso!

— Não sei, não — diz ela, reticente, analisando meu rosto com atenção.

Se eu gosto de outra garota? Não tem mais ninguém, ao menos não deveria ter. Por um instante, os longos cabelos e a maciez dos seios *dela* me vêm à mente, mas logo esse pensamento desaparece.

— Bom, deixa pra lá — diz a senhorita Okudera em um tom alegre, afastando o rosto do meu.

— O quê?

— Obrigada por hoje. A gente se vê no trabalho. — Ela acena antes de partir, me deixando para trás sem hesitar.

Por impulso, eu abro a boca para dizer algo, mas logo desisto. Abro mais uma vez. Mesmo assim as palavras não saem, e as costas da senhorita Okudera já descem a passarela para desaparecer por entre o aglomerado de gente diante da estação.

Eu observo o pôr do sol, sentindo como se tivesse sido deixado para trás, sozinho, no fim do verão. Os carros não param embaixo da passarela, dando a impressão de que estou em cima de uma ponte de verdade, sobre um rio. O pôr do sol fraco, difuso como a luz de uma lanterna, esconde-se atrás da caixa-d'água de um prédio comercial. Eu observo atentamente cada detalhe, como se estivesse desesperado para recuperar algo.

Sinto que há outras coisas que eu deveria fazer, mas não consigo pensar em nada concreto. Apenas gostaria de voltar à cidade de Mitsuha o quanto antes. Me tornar Mitsuha é como conversar com ela. Ao trocarmos de corpo, criamos uma ligação especial entre nós. Compartilhamos experiências. Nos tornamos conectados um ao outro. Acho que eu conseguiria contar a Mitsuha o que aconteceu hoje. Discutir com ela, ouvir dela que é por isso que eu não sou popular, e aí eu diria que a culpa é toda dela por combinar coisas sem me avisar.

Abro as mensagens do celular. Há uma continuação nas anotações de Mitsuha.

O encontro deve terminar mais ou menos na hora em que o cometa estiver passando pelo céu. Ai, que romântico! Estou ansiosa. ♥

Seja lá quem estiver ali amanhã, você ou eu, boa sorte para nós dois no encontro!

Cometa?

Olho para o céu. Não há mais vestígios do pôr do sol, já despontam algumas estrelas e pode-se ouvir o som de um jato voando, mas é apenas isso. Nem preciso dizer, mas não há sinal algum de um cometa.

— Do que ela está falando? — murmuro.

Em primeiro lugar, se um cometa capaz de ser visto a olho nu estivesse para passar por aqui, estariam noticiando em todos os lugares. Talvez Mitsuha tenha se enganado.

De repente, sinto uma dor no fundo do peito.

Algo quer vir à tona em minha mente.

Mexo no telefone, surge o número do celular de Mitsuha. Olho fixamente para os onze dígitos. É o número para o qual tentei ligar várias vezes quando começamos a trocar de corpo, mas que nunca dava sinal. Clico para ligar. Escuto o som do toque de chamada. Então ouço uma voz pelo celular: “Este número não existe, está desligado ou encontra-se fora da área de serviço...”

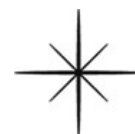
Afasto o aparelho da orelha e aperto o botão para finalizar a chamada.

Realmente, continuo não conseguindo ligar para ela. Tudo bem. Posso contar o fiasco que foi o encontro de hoje da próxima vez que trocarmos de lugar. Também vou perguntar sobre esse tal cometa. Amanhã ou depois deve acontecer de novo, penso enquanto finalmente resolvo descer a passarela. Sobre a minha cabeça, brilha a lua minguante, fina e solitária, como se tivesse sido esquecida lá por alguém.

Mas, depois desse dia, Mitsuha e eu nunca mais trocamos de corpo.

Notas

* Prato japonês que consiste em uma tigela de arroz coberta com carne bovina e cebola, cozidos em um molho levemente adocicado. (N. da T.)



4

Busca

Continuo movendo o lápis sem parar.

Partículas de carbono são absorvidas pelas fibras do papel. As linhas do desenho vão se sobrepondo, e as folhas brancas do caderno vão aos poucos ficando escuras. Apesar disso, ainda não consegui capturar as paisagens das minhas memórias.

Toda manhã, pego o trem na hora do rush para ir à escola. Assisto às aulas tediosas. Almoço na companhia de Tsukasa e Takagi. Caminho pela cidade e olho para o céu. Quando me dou conta, o azul do céu está mais escuro. As árvores das ruas começam a mudar de cor.

Eu desenho no meu quarto à noite. Em cima da minha escrivaninha, há uma pilha de livros ilustrados de montanhas que peguei emprestados na biblioteca. Faço uma busca pelas montanhas de Hida no celular. Procuro a linha do cume que se encaixe à paisagem das minhas lembranças. Continuo movendo o lápis, tentando transferir essa imagem para o papel.

Um dia de chuva com cheiro de asfalto. Um dia de tempo bom com nuvens brilhantes no céu. Um dia em que o vento sopra carregando areia amarela. Todo dia eu pego o trem lotado para ir à escola. Também vou trabalhar. Tem dias que trabalho no mesmo turno que a senhorita Okudera. Faço o possível para olhá-la nos olhos, com um sorriso no rosto, e tento conversar normalmente. Quero ser justo com todos.

Ainda há noites quentes como no verão, mas há também algumas em que é preciso usar moletom por causa do frio. Não importa que tipo de noite seja, minha cabeça fica quente, como se eu tivesse enrolado um cobertor nela, toda vez que começo a desenhar. O suor pinga no caderno, fazendo barulho e borrando o desenho. Apesar disso, a paisagem da cidade que eu vi quando estava no corpo de Mitsuha começa a ganhar forma.

Na volta da escola ou do serviço, deixo de pegar o trem para andar a pé por um longo percurso. A paisagem de Tóquio vai mudando a cada dia. Seja em Shinjuku, no parque do Santuário meiji, em Yotsuya, ao pé da Ponte Benkei ou no meio da colina Anchin, quando me dou conta, há grandes guindastes enfileirados e armações de aço e vidro que vão se estendendo em direção ao céu. Lá no alto, encontra-se uma lua fina dividida ao meio.

Finalmente, consigo terminar alguns desenhos de paisagens daquela cidade à beira do lago.
Vou viajar neste fim de semana.

Ao tomar essa decisão, a tensão que há muito eu sinto é enfim drenada do meu corpo, deixando-me sem forças. Mal consigo ficar em pé, então despenco sobre a escrivaninha.

Pouco antes de pegar no sono, volto a desejar fortemente.

Apesar disso, não acordo no corpo de Mitsuha.

.

Coloco na mochila cuecas para três dias e o caderno de desenho. Como pode estar frio por lá, vou usando uma jaqueta grossa com um grande capuz. Como sempre, enrolo no pulso o cordão que uso como pulseira, meu amuleto, e saio de casa.

Pego o trem mais cedo que o normal, não há muitas pessoas nesse horário. Mas, como já é de esperar, está cheio de gente na estação de Tóquio. Um estrangeiro com uma grande mala de rodinhas está na minha frente na fila da máquina de bilhetes. Eu compro uma passagem de trem-bala até Nagoya e sigo em direção ao portão de embarque para a linha Tokaido.

Contudo, não consigo acreditar no que meus olhos veem.

— O... o que vocês estão fazendo aqui?!

A senhorita Okudera e Tsukasa estão parados ao lado do pilar à minha frente.

— He-he-he. Aqui estamos! — diz ela, com um sorriso no rosto.

Como assim “aqui estamos!”...? Por acaso você é alguma heroína bonitinha de anime?!

Eu encaro Tsukasa. Ele me olha de volta com a feição despreocupada, como se perguntasse retoricamente se está tudo bem.

— Tsukasa, seu idiota. Eu pedi pra você dar uma desculpa para o meu pai e trocar de turno comigo no trabalho! — reclamo em voz baixa com o meu amigo, que se sentou ao meu lado.

Os assentos não numerados do trem-bala estão praticamente todos ocupados por homens de terno a caminho do trabalho.

— Deixei o trabalho por conta do Takagi — responde ele sem hesitar, estendendo o celular à minha frente.

— *Deixa comigo!* — diz Takagi em vídeo, erguendo o polegar. — *Mas fica me devendo um lanche.*

— Se não é um, é outro... — murmuro amargamente.

Eu não devia ter pedido nada a Tsukasa. Eu ia matar aula só hoje para ir até Hida, onde ficaria por três dias, de sexta a domingo. Ontem disse a ele que, custasse o que custasse, eu tinha que me encontrar com uma conhecida, pedi que inventasse uma desculpa qualquer para encobrir minha falta e que não me perguntasse nada.

— Fiquei preocupado e resolvi vir — diz Tsukasa, sem um pinga de culpa. — Eu não podia deixar você sozinho, né? Já pensou se for uma mulher tentando te seduzir pra arrancar seu dinheiro?

— Como é que é?

O que ele tá dizendo?, penso, enrugando a testa enquanto a senhorita Okudera, que está do outro lado de Tsukasa, me encara.

— É verdade que você vai se encontrar com uma amiga da internet?

— Humm. Não é bem da internet... Foi só jeito de falar.

Na noite passada, Tsukasa insistiu para que eu dissesse com quem me encontraria, por isso dei uma resposta meio vaga, dizendo que era alguém que conheci por uma rede social.

— Tô achando que eles se conheceram em um site de encontros — ele comenta com a senhorita Okudera, em tom sério.

Quase cuspo o chá que estava prestes a engolir quando ouço essas palavras.

— Não é nada disso!

— Você anda meio estranho ultimamente — diz Tsukasa, com expressão preocupada, enquanto estende o braço para me oferecer alguns doces. — Vamos ficar observando de longe.

— Não me trate feito criança! — eu me irrita.

— Hahaha — ri a senhorita Okudera, me observando.

Com certeza, ela também entendeu tudo errado. Fico deprimido pensando que não quero nem ver onde isso vai dar.

— *Próxima estação, Nagoya* — é anunciado calmamente dentro do trem.

A troca de lugar com Mitsuha começou tão de repente quanto terminou. Não consigo entender o motivo, por mais que eu tente. À medida que as semanas foram passando, cresceu a desconfiança de que aquilo foi apenas um sonho muito convincente.

Mas há provas. Os registros deixados por Mitsuha em meu celular não parecem, de forma alguma, palavras saídas de mim. Mesmo o encontro com a senhorita Okudera, se dependesse de mim, não teria nem acontecido. Mitsuha é uma garota real. Tenho certeza de que senti a temperatura do corpo dela, os batimentos cardíacos, a respiração, a voz, aquele vermelho radiante do sol por entre as pálpebras translúcidas dela, os sons da natureza chegando aos meus ouvidos. Se dissessem que isso não é estar vivo, não sei mais o que seria. Ela tem vida, eu pude sentir. Mitsuha é real.

Por isso, fiquei meio preocupado quando essa experiência cessou. Talvez tenha acontecido algo com Mitsuha. Ela pode estar com febre, ou talvez tenha sofrido um acidente. Pode ser exagero meu, mas uma coisa é certa: ela também deve estar preocupada com essa situação. Por isso eu decidi ir ao encontro dela pessoalmente. Tomei essa decisão, mas...

— O quê?! Você não sabe direito onde ela mora? — diz a senhorita Okudera, incrédula, enquanto enche a boca com o lanche que compramos na estação. Comemos sentados nos assentos para quatro pessoas, um de frente para o outro, no expresso em direção a Hida.

— Pois é...

— A única pista são as paisagens da cidade? E, ainda por cima, você não consegue nem entrar em contato com ela? Mas que história é essa?!

Foram vocês que quiseram vir comigo, por que eu tenho que ser repreendido? Diga alguma coisa a ela, penso enquanto encaro Tsukasa.

— Tô pasmo com esse seu planejamento — ele fala, engolindo a costeleta de porco.

— Não planejei nada, tá?! — Perco a paciência por um segundo.

Eles veem isso como algum tipo de excursão, e ainda olham para mim como se eu fosse um pobre coitado sem salvação. Por que eles têm que me julgar com tanta superioridade?

— Ok, tá tudo bem — diz a senhorita Okudera. Inesperadamente, ela abre um sorriso e infla o peito, confiante. — Não se preocupe, Taki. Pode deixar que a gente te ajuda nessa busca.

— Aaai, que gracinha! Ei, Taki. Dá só uma olhadinha! — Okudera grita, empolgada, ao ver o mascote da região, assim que finalmente chegamos à estação local, logo após o horário do almoço.

Lá está alguém vestindo uma fantasia da vaca de estimação de Hida, usando um boné de funcionário da estação. Escuto o flash do celular de Tsukasa disparar loucamente.

— Como eles atrapalham...

Enquanto encaro o mapa da cidade afixado em uma placa na estação, aumenta ainda mais minha certeza de que eles não vão ajudar em nada. Eu preciso fazer isso sozinho.

O meu plano é o seguinte:

Como eu não sei ao certo a localização da cidade de Mitsuha, vou me basear nas paisagens da minha memória para ir de trem até um lugar próximo de lá. Daí em diante, as minhas únicas pistas vão ser as paisagens que desenhei no caderno. Vou mostrar os desenhos aos moradores e perguntar se aquelas paisagens lhes são familiares, à medida que seguir ao longo da linha do trem regional na direção norte. Como nas minhas memórias há a imagem de um cruzamento ferroviário, vai ser eficaz procurar ao longo da estrada de ferro. Esse é um método bem vago, que mal pode ser chamado de plano, mas não encontrei outra saída. Além disso, não devem existir tantas cidades assim erguidas ao redor de um grande lago.

Estou convencido de que vou conseguir ao menos alguma pista até o anoitecer, embora não tenha motivos para achar isso. Tomo coragem e dou o primeiro grande passo. Resolvo começar perguntando ao motorista do único táxi parado em frente à estação.

— Acho que vai ser impossível... — lamento, me inclinando para a frente enquanto sento exausto no banco de um ponto de ônibus.

Toda a energia, segurança e convicção que eu sentia quando comecei a perguntar às pessoas se esvaíram.

Depois de o taxista ter respondido simplesmente que não fazia a menor ideia, ainda fui a um posto policial, lojas de conveniência, lojas de suvenires, hospedarias, restaurantes. Perguntei a agricultores e até em uma escola primária, mas não consegui nenhuma pista. Como o trem local só passa uma vez a cada duas horas, mal conseguimos nos locomover. Então, pensamos em pegar um ônibus e perguntar aos passageiros, mas só havia nós três e nem deu vontade de perguntar qualquer coisa ao motorista. Quando chegamos ao ponto final, não dava para avistar uma casa sequer, nem ao longe. Durante todo esse tempo, Tsukasa e a senhorita Okudera ficaram brincando de *shiritori*,* baralho, jogos de redes sociais, pararam para comer e ficaram se divertindo como se estivessem em uma excursão. Por fim, sentaram do meu lado no ônibus e dormiram com a cabeça no meu ombro.

Ao ouvir o meu suspiro de lamento, a senhorita Okudera e Tsukasa, que bebem Coca-Cola em frente ao ponto de ônibus, dizem ao mesmo tempo:

— O quê?! Já vai desistir, Taki?

— Como fica todo o nosso esforço?

Dou um suspiro tão profundo que parece até que meus pulmões vão sair do peito. Vê-los vestidos desse jeito me deixa extremamente irritado no momento. Ela usa um autêntico traje para caminhada, enquanto Tsukasa é o oposto, vestindo uma roupa qualquer, como se fosse apenas dar um passeio pela vizinhança.

— Vocês não ajudaram em absolutamente nada...

Os dois me lançam um olhar inocente, como se me contestassem.

— Quero um Takayama lámen.

— Um Takayama lámen também.

— Então eu também quero um.

— Certo. Três lámens pra já! — diz a atendente, sua voz animada ecoando pelo estabelecimento.

Por milagre, encontramos um restaurante de lámen funcionando no meio de uma estrada deserta que vai em direção à estação vizinha, estranhamente distante, e resolvemos entrar para comer algo. A senhora de bandana na cabeça nos deu boas-vindas e abriu um sorriso muito brilhante, mais radiante que a aparição de uma equipe de salvamento quando se está perdido.

O lámen está delicioso. Ao contrário do que o nome dá a entender, é um lámen comum (achei que usariam a carne de algum boi de Hida, mas é carne de porco, como de costume). Depois de comer o macarrão e as verduras sobre ele, estou revigorado. Também tomo todo o caldo e dois copos de água antes de parar para relaxar um pouco.

— Será que tem como voltar ainda hoje para Tóquio? — pergunto a Tsukasa.

— Bem... não sei. Talvez já esteja muito em cima da hora. Vou verificar — responde ele, com cara de quem não gostou da pergunta.

Mesmo assim, ele pega o celular e pesquisa um meio para voltarmos.

— Valeu — agradeço.

— Taki... tudo bem mesmo ir embora assim? — pergunta a senhorita Okudera, sentada de frente para mim, ainda comendo seu lámen.

Eu não sei como responder e, sem me dar conta, fico perdido, olhando fixamente para fora pela janela. O sol ainda beira o cume das montanhas e ilumina pacificamente as plantações ao longo da estrada.

— Não sei bem, mas... sinto que estou fazendo suposições erradas — murmuro para mim mesmo.

Talvez seja melhor voltar para Tóquio e planejar outra vez. Ainda se fossem fotos, talvez tivesse mais chance do que procurar uma cidade por meio de desenhos como estes, penso enquanto pego o caderno e folheio as páginas. Há um lago redondo com várias casas ao redor, mas é uma típica cidade do interior, como qualquer outra. Assim que fiz esses desenhos, achei que tivesse conseguido um bom resultado, mas agora vejo que são paisagens comuns e genéricas.

— Essa é a antiga cidade de Itomori, não é?

Quê? Atônito, me viro, dando de cara com o avental da senhora que nos atende. Ela está colocando água no meu copo.

— Foi você quem desenhou? Posso? — diz ela, pegando o caderno de desenho nas mãos. — Está muito bem desenhado. Venha ver, querido! — ela diz em voz alta em direção à cozinha.

Nós três ficamos boquiabertos, apenas observando.

— Sim, é mesmo a antiga Itomori. Que saudades... — O dono do restaurante saiu da cozinha e admira o desenho.

— Meu marido nasceu nessa cidade.

Itomori...?

De repente, eu me lembro. Levanto da cadeira de um pulo.

— Itomori... a cidade de Itomori! Como foi que eu não lembrei antes? É a cidade de Itomori! Esse lugar é perto daqui, não é?

O casal me encara com estranheza. Eles se entreolham em silêncio. O senhor abre a boca para dizer algo.

— Você... sabe, não é? A cidade de Itomori...

De repente, Tsukasa ergue a voz.

— Essa Itomori... Taki, você não lembra?

— Quê? Essa é aquela cidade do cometa? — diz a senhorita Okudera, com os olhos arregalados.

— O quê...?

Não estou entendendo nada e examino as feições dos quatro. Eles me encaram de volta, hesitantes. A sombra daquilo que estava querendo vir à tona na minha mente aumenta cada vez mais, de forma sinistra.

O canto solitário do milhafre-preto paira na atmosfera, dando até arrepios.

Uma barreira feita para proibir a entrada se estende até onde os olhos alcançam, formando uma longa sombra sobre o asfalto rachado.

“INTERDITADO PELA LEI BÁSICA DE MEDIDAS DE PREVENÇÃO A DESASTRES. KEEP OUT. AGÊNCIA DE RECONSTRUÇÃO”, está escrito na placa coberta por heras.

Abaixo da minha linha de visão está a cidade de Itomori, completamente destruída e praticamente engolida pelo lago.

— Taki... tem certeza de que ela é daqui? — pergunta a senhorita Okudera com voz trêmula enquanto vem caminhando na minha direção.

Sem esperar minha resposta, Tsukasa diz, tentando aparentar ânimo:

— Claro que não! É como eu disse, o Taki deve ter se confundido.

— Não me confundi... — Desvio a atenção das ruínas abaixo de nós, olho ao redor e continuo: — Não é só a cidade. O pátio da escola, as montanhas em volta, este colégio. Eu me lembro de tudo isso!

Tenho que dizer isso em voz alta para convencer a mim mesmo. Atrás de nós, há o prédio de um colégio, escuro, cheio de fuligem e com várias janelas quebradas. Estamos no pátio do Colégio Itomori, com vista para o lago.

— Então está dizendo que esta é a cidade que você estava procurando? A cidade onde mora a sua amiga da internet? — diz Tsukasa, insistindo em parecer casual. — Acorda, Taki! Três anos atrás morreram centenas de pessoas naquele desastre. Você deve se lembrar disso!

Ao ouvir essas palavras, finalmente consigo olhar para o rosto de Tsukasa.

— Morreram...? — Quero encarar Tsukasa, mas meus olhos passam por ele e até mesmo pela escola logo atrás dele, sendo tragados por algo que está além. Eu vejo algo, mas, ao mesmo tempo, não há nada ali. — Morreram... há três anos?

De repente, eu me lembro de algo.

O cometa que vi no céu de Tóquio há três anos. Os vários meteoros que caíram a oeste. A excitação por ver uma paisagem tão bela que mais parecia um sonho.

Ela morreu naquele dia?

Não...

Eu não posso aceitar isso.

Procuro por palavras. Procuro alguma prova.

— Impossível... Eu tenho como provar. Tenho as mensagens dela no diário. — Tiro o celular do bolso. Apresso-me, como se a bateria pudesse acabar a qualquer segundo se eu demorar muito. Procuró os diários de Mitsuha. Eles estão bem aqui. — ...! — Esfrego vigorosamente os olhos. Por um instante, tenho a impressão de que as letras tremem. — O quê...?!

Uma após a outra, as letras se transformam em caracteres desconhecidos. Brilham por um instante, antes de se apagar como a chama de uma vela. Dessa forma, some cada um dos diários escritos por

Mitsuha. Parecem estar sendo deletados pelo comando de uma mão invisível. Todas as frases escritas por Mitsuha desapareceram bem na minha frente.

— Por quê...? — murmuro.

O canto do milhafre-preto ecoa novamente, bem alto e distante.

•

O cometa Tiamat tem o período orbital de mil e duzentos anos e se aproximou da Terra três anos atrás, em outubro, bem nesta época. Ele possui um período orbital tão longo que nem pode ser comparado ao cometa Halley, visto a cada setenta e seis anos. Seu raio orbital é superior a 16,8 bilhões de quilômetros. Um cometa de tamanha escala pode ser visto a olho nu. Além disso, seu perigeu estimado era de aproximadamente cento e vinte mil quilômetros, o que significa que passaria a uma distância menor do que a que temos até a Lua. Depois de mil e duzentos anos, a cauda do cometa que brilha azul no céu noturno pairaria sobre o hemisfério. O cometa Tiamat foi recebido em clima de festa no mundo inteiro.

Mas ninguém imaginava que o seu centro se despedaçaria próximo à Terra. E muito menos se sabia que em seu interior havia uma massa rochosa com cerca de quarenta metros de diâmetro coberta por gelo. Metade do cometa se tornou um meteorito, que caiu na superfície da Terra a uma velocidade destrutiva de mais de trinta quilômetros por segundo. O local da queda foi o Japão — por infelicidade, um local habitado: a cidade de Itomori.

Esse era justo o dia do Festival de Outono da cidade. A queda ocorreu às 20h42. O local do impacto foi nas proximidades do Templo Miyamizu, onde devia haver barracas com muita gente ao redor.

Com a queda do meteorito, uma ampla área, cujo centro era o templo xintoísta, foi dizimada instantaneamente. Além de destruir casas e florestas, o impacto ainda arrancou grandes partes do solo, formando uma cratera de cerca de um quilômetro de diâmetro. Um segundo depois da colisão, ocorreu um terremoto de magnitude 4,8, sentido até a cinco quilômetros de distância; e, quinze segundos mais tarde, a maior parte da cidade foi varrida pela onda de choque decorrente da queda. A tragédia causou mais de quinhentas mortes, um terço da população da cidade. Itomori se tornou o palco do pior desastre envolvendo meteoritos na história da humanidade.

Devido à cratera ter se formado ao lado do lago Itomori, correntes de água fluíram para ela, criando, por fim, uma área no formato do número oito: o novo e maior lago Itomori.

Os danos no lado sul da cidade foram relativamente pequenos, mas, depois disso, os quase mil habitantes sobreviventes abandonaram a região. Em menos de um ano, não havia mais movimentação de pessoas por lá; e, catorze meses depois da queda do meteorito, a própria cidade deixou de existir.

Essa é uma verdade que está nos livros didáticos, por isso eu sabia mais ou menos o que tinha acontecido. Três anos atrás, eu ainda estava no segundo ciclo do ensino fundamental. Também me lembro de ter visto o cometa de uma colina perto de casa.

Mas tem algo estranho.

Não faz sentido.

Até o mês passado, eu vivi em Itomori várias vezes quando estava no corpo de Mitsuha.

Por isso aquilo que eu vi, a casa dela, não pode ser em Itomori.

O cometa e a troca de lugar com ela não têm nada a ver um com o outro.

Isso é o mais natural a se pensar. Ao menos, é o que eu quero acreditar.

Mas, ao folhear alguns livros na biblioteca municipal de uma cidade vizinha a Itomori, começo a ficar confuso. Alguém parece sussurrar dentro da minha cabeça que o lugar em que passei os dias como Mitsuha era aquele mesmo.

Itomori: todos os registros da cidade que desapareceu

Itomori, a cidade que afundou na água em uma noite

A tragédia do cometa Tiamat

Folheio cada um dos grossos livros com título semelhante a esses. As fotos de Itomori que aparecem nessas publicações são, sem dúvida, do lugar em que eu estive. Esta escola primária é a que a Yotsuha frequentava. O Templo Miyamizu é aquele em que a vovó era sacerdotisa. Mesmo este extenso estacionamento, estes dois barzinhos um ao lado do outro, a loja de conveniência que mais parecia um celeiro, o pequeno cruzamento ferroviário na estradinha que levava à trilha para a montanha, o Colégio Itomori... Eu me lembro de todos esses lugares. Depois de ver os destroços da cidade, a minha memória parece ter ficado mais clara.

Sinto falta de ar. Meu coração bate de maneira intensa e irregular, sem dar sinais de voltar ao normal.

A realidade e o ar desaparecem ante as vibrantes fotos da cidade.

“Último Festival Esportivo do Colégio Itomori.”

Há uma foto com essa legenda. Estudantes correm em duplas com as pernas amarradas uma com a outra. Sinto já ter visto as duas garotas no canto da foto. Uma delas tem a franja reta e está de tranças. A outra tem o cabelo preso com um fio laranja.

O ar fica ainda mais rarefeito.

Sinto como se sangue quente escorresse pelo meu pescoço, mas, ao passar a mão, percebo ser apenas suor.

— Taki...

Ao erguer o rosto, lá estão Tsukasa e a senhorita Okudera. Os dois me entregam um livro. Na capa grossa, estão estampados os dizeres:

Desastre do cometa em Itomori — Lista de vítimas

Eu folheio. Há o nome e o endereço das vítimas, separadas por distrito. Acompanho com o dedo. Continuo a virar as páginas. Até que meu dedo para diante de nomes que me são familiares.

Katsuhiko Teshigawara (17)

Sayaka Natori (17)

— Teshi e Saya...

Tsukasa e a senhorita Okudera engolem em seco ao ouvir meu murmúrio.
Então, encontro nomes decisivos.

Hitoha Miyamizu (82)
Mitsuha Miyamizu (17)
Yotsuha Miyamizu (9)

Os dois observam a lista por sobre meus ombros.

— É... esta garota? Você deve estar enganado! Essa pessoa... — diz a senhorita Okudera, como se estivesse prestes a chorar — ela morreu três anos atrás.

Para afastar a sensação asfixiante, eu grito:

— Não pode ser! Faz só umas duas, três semanas... — Respiro descompassadamente e continuo, dessa vez em forma de murmúrio: — Ela me disse que ia dar pra ver o cometa... — Quando finalmente consigo desviar os olhos do nome “Mitsuha” na lista, falo: — Por isso eu...!

Quando ergo a cabeça, meu rosto aparece refletido na janela escura à minha frente. *Quem é você?*, penso de supetão. No fundo da minha mente, bem distante, consigo ouvir uma voz rouca: *Ora, ora, você...*

Você está sonhando, não está?

Um sonho? Fico extremamente confuso.
Afinal... o que eu estou fazendo?

É possível ouvir o som de festa no cômodo ao lado.

Alguém diz alguma coisa, ouve-se uma avalanche de risos e, depois, ecoam aplausos. Isso se repete várias vezes. Tento prestar atenção para ver se consigo escutar algo que esclareça que grupo é esse que está reunido. Mas, por mais que me esforce, não capto nem uma palavra. A única coisa que dá para saber é que falam em japonês.

Paf! Um barulho alto e percebo que estou debruçado sobre a mesa. Provavelmente bati com a testa, pois começo a sentir dor. Estou exausto.

Peguei edições reduzidas dos jornais da época, números passados de revistas semanais. Por mais que tentasse ler, as frases já não entravam mais na minha mente. Também verifiquei meu celular várias vezes, mas os diários dela realmente desapareceram. Todos os vestígios sumiram.

Abro os olhos, ainda debruçado. Com o rosto a milímetros da mesa, encaro fixamente o tampo enquanto digo em voz alta a conclusão a que cheguei nessas últimas horas:

— Tudo não passou de um sonho... — Não sei se quero ou não acreditar nisso. — A paisagem me pareceu familiar porque me lembrei das notícias de três anos atrás. Mas, se for assim, e quanto a ela...?

Como posso explicar a existência dela?

— *Um fantasma...? Não... Será que tudo...*

Tudo aquilo...

— Foi um delírio...?

Ergo a cabeça de repente. Alguma coisa parece ter desaparecido.

Ela...

— Qual era mesmo o nome dela...?

Toc, toc.

De repente, batidas ecoam e a fina porta de madeira se abre.

— Tsukasa disse que vai tomar banho — avisa a senhorita Okudera, usando o *yukata*** da pousada enquanto entra no quarto.

O ambiente, antes tão frio e desanimador, se suaviza de repente. Eu me sinto aliviado.

— Ah, senhorita... — Levanto da cadeira e me viro para ela, que está agachada diante da mochila.

— Eu disse tantas coisas estranhas... Desculpe por ter dado tanto trabalho hoje.

A senhorita Okudera guarda algo cuidadosamente na mochila, fecha o zíper e se levanta. Seus movimentos parecem em câmera lenta.

— Tudo bem... — diz, balançando a cabeça com um sorriso no rosto.

— Sinto muito por ter conseguido um único quarto.

— O Tsukasa falou a mesma coisa lá embaixo — ela ri.

Estamos sentados um de frente para o outro em uma pequena mesa ao lado da janela.

— Por mim tudo bem. Soube que, por acaso, teve a entrada de um grupo grande hoje. Por isso não há quartos vagos. O dono da pousada disse que é um encontro da Associação de Professores.

Então a senhorita Okudera conta alegremente que ganhou uma pera na sala de descanso depois que saiu do banho. Todo mundo tem vontade de agradá-la. Até o cheiro do xampu da pousada ganha um perfume especial de algum país estrangeiro e exótico quando exalado por ela.

— Nossa! Itomori era o lugar que produzia fios trançados, não é? Que lindo — ela sussurra enquanto folheia o livro sobre a cidade. É um dos que peguei emprestados da biblioteca. — De vez em quando a minha mãe veste quimono, por isso tenho alguns desses em casa. Ah, espera...

Eu congelo na posição em que estou, com a mão segurando a xícara de chá. Ela aponta para meu pulso direito.

— Isso que você tem aí também são fios trançados?

— Ah, isto aqui...?

Deixo a xícara sobre a mesa e observo meu pulso. É o meu amuleto de sempre, a pulseira. Não é um simples fio, é algo mais grosso, um cordão laranja vibrante que trago amarrado ao pulso.

Ué...?

Mas isto aqui...

— Lembro que ganhei isto de alguém há um bom tempo... e de vez em quando eu uso como amuleto. — Minha cabeça dói. — De quem eu ganhei mesmo...? — sussurro, sem conseguir me lembrar.

Se for mais a fundo nesse assunto dos fios, sinto que encontrarei alguma coisa.

— Ei, Taki... — Ergo a cabeça ao ouvir uma voz meiga me chamar. É a senhorita Okudera, que me olha preocupada. — Por que não vai tomar banho?

— Banho...? Ah, sim...

Mas logo desvio a atenção dela. Novamente, volto a olhar para os fios trançados. Se eu desistir aqui, nunca mais vou alcançar o que quero. Com isso em mente, vasculho desesperadamente minhas memórias. Quando me dou conta, a festa no cômodo ao lado terminou. O som dos insetos de outono enche tranquilamente o quarto.

— Eu... aprendi uma coisa com uma pessoa que fazia esses fios trançados. — De quem era aquela voz? Era gentil, rouca e tranquila. Como aquelas pessoas que contam histórias antigas. — Que os fios representam o próprio fluxo do tempo. Eles se torcem, se embarçam e voltam a se ligar. Que isso é o tempo. Isso é...

A montanha no outono. O som do pântano. O cheiro da água. O gosto do doce chá de cevada.

— Isso é *musubi*...

Uma paisagem se estende em minha mente, como se tivesse explodido.

O altar no topo da montanha. O saquê deixado lá como oferenda.

— Talvez naquele lugar...!

Puxo o mapa que está embaixo de uma pilha de livros e o abro. É um mapa de três anos atrás da cidade de Itomori, que estava empoeirado em uma loja. Mostra a área quando ainda existia somente um lago redondo. Aquele lugar onde o saquê foi dado como oferenda fica longe da região afetada pela queda do meteorito.

Se ao menos eu pudesse ir até lá... Se o saquê estiver naquele lugar...

Pego o lápis e procuro por um terreno que possa ser esse local. Fica bem ao norte do templo e parece uma caldeira vulcânica. Procuro avidamente um lugar assim no mapa.

Pareço escutar a voz da senhorita Okudera ao longe, mas não consigo mais desviar a atenção do mapa.

... *ki*... *Taki*.

Alguém está me chamando. É a voz de uma garota.

— *Taki*, *Taki*.

É uma voz chorosa e desesperada. Uma voz que treme solitária, tremeluzindo como uma estrela distante.

— Você não lembra?

Nessa hora, acordo.

É mesmo, estou na pousada... Eu dormi debruçado sobre a mesa ao lado da janela. Sinto a presença de Tsukasa e da senhorita Okudera, dormindo do outro lado da porta corrediça. O quarto está estranhamente quieto. Não dá para ouvir o som de insetos nem de carros. Nem ao menos o vento sopra.

Eu me levanto. O farfalhar da minha roupa ressoa tão alto que me assusta. Do lado de fora da janela, o céu começa a clarear.

Olho para o fio trançado no meu pulso. A voz daquela garota ainda reverbera em meus tímpanos.

Quem é você...?, pergunto a essa garota de quem nem ao menos sei o nome. Lógico que não obtenho resposta.

Mas tudo bem.

Senhorita Okudera e Tsukasa,

Tem um lugar aonde eu preciso muito ir.

Vocês podem voltar para Tóquio. Desculpem decidir isso sem avisar. Fiquem tranquilos que eu volto assim que der.

Obrigado.

Escrevo isso em um papel. Penso um pouco, tiro uma nota de cinco mil ienes da carteira e posiciono sob a xícara de chá, junto ao bilhete.

Vou sair para procurar alguém que nunca vi pessoalmente na vida.

Calado e meio incompreensível, mas é uma pessoa gentil. É o que penso enquanto fito o braço robusto do homem que segura o volante ao meu lado.

Ontem também foi ele, o dono do restaurante de lámen, quem nos levou até o Colégio Itomori e à biblioteca municipal. Mesmo hoje, quando eu liguei de manhã bem cedo, ele escutou meu pedido e me pegou de carro. Se ele não pudesse me levar, eu tentaria pegar carona na rua. Mas, pensando melhor, acho que não encontraria muitas pessoas dispostas a levar um estranho até uma cidade em ruínas onde não mora mais ninguém. Foi realmente uma sorte ter conhecido este homem em Hida.

Da janela do passageiro, avisto o verdejar do novo lago Itomori. Casas parcialmente destruídas e o asfalto rachado são banhados pela água. No lago, distante da margem, podem-se ver partes de postes de luz e armações de aço. Deveria ser uma visão desconcertante, mas, talvez por já ter me acostumado a vê-la pela televisão e em fotos, sinto como se o lugar fosse desse jeito desde sempre. Por isso, não sei muito bem como me portar diante dessa paisagem... Não sei se devo ficar com raiva, ou triste, ou com medo, ou talvez até lamentar minha impotência. A perda de uma cidade inteira é um desafio à compreensão de qualquer pessoa. Desisto de procurar uma tradução para os meus sentimentos e miro o céu. Nuvens acinzentadas parecem uma tampa gigantesca colocada pelos deuses sobre a nossa cabeça.

Subimos para o norte, beirando o lago, até o ponto onde não dá mais para seguir de carro. Então o homem puxa o freio de mão.

— Talvez comece a chover — murmura olhando para cima, através do vidro da frente do carro. — Essa montanha não é tão íngreme, mas não exagere. Telefone se acontecer alguma coisa.

— Sim.

— Leve isto também. — Ele me estende uma grande lancheira. — Coma quando estiver lá em cima.

Instintivamente, pego a caixa com as duas mãos e percebo que é bem pesada.

— M-Muito obrigado...

Você está me ajudando tanto. Por que está sendo tão gentil comigo? Ah, e o seu lámen estava uma delícia, penso em dizer essas palavras, mas não saem da minha boca. A única coisa que consigo dizer é “obrigado”. Ele estreita um pouco os olhos em um sorriso discreto, pega um cigarro e o acende.

— Não sei quais são as suas circunstâncias — diz, baforando —, mas o seu desenho de Itomori ficou muito bom mesmo.

Sinto um aperto no coração. Ouço um trovão distante.

Estou andando por um caminho sem trilha.

Às vezes eu paro, olho para o meu destino, que assinalei no mapa, e confirmo a direção com o GPS do celular. Está tudo bem, estou me aproximando. Também sinto que a paisagem ao meu redor é meio familiar, mas é uma montanha que escalei apenas uma vez no sonho. Não tenho tanta certeza. Só me resta seguir o mapa.

Depois que desci do carro, permaneci com a cabeça baixa em agradecimento até que o homem sumisse de vista. Também me lembrei da senhorita Okudera e de Tsukasa. No fim das contas, tanto o homem do restaurante como os meus amigos me acompanharam até aqui porque estavam preocupados comigo. Eu devia estar com uma cara horrível. Provavelmente parecia prestes a chorar. Mesmo talvez querendo se livrar de mim, eu devia estar parecendo tão fragilizado que eles não conseguiram.

Eu não posso continuar fazendo essa cara para sempre. Não posso ficar me agarrando a toda mão amiga que estendem para mim.

Penso intensamente sobre essas coisas enquanto observo o novo lago Itomori, que começa a aparecer por entre as árvores. De repente, uma gorda gota de chuva cai em meu rosto. As folhas ao meu redor começam a emitir o som da água caindo sobre elas. Eu coloco o capuz da jaqueta e saio correndo.

Uma tempestade desaba com tanta força que parece arrancar pedaços de terra.

Sinto na pele que a temperatura diminui cada vez mais.

Entro em uma gruta e aproveito para comer enquanto espero a chuva diminuir. Há três grandes bolinhos de arroz, do tamanho de um punho, e uma grande quantidade de misturas. Tenho vontade de rir ao notar que colocaram fatias grossas de carne de porco e broto de feijão refogados no óleo de gergelim, parecendo um lámen rearranjado. O tremor, devido ao frio, diminui um pouco com o calor gerado pela refeição. Ao morder e engolir os grãos de arroz, consigo sentir exatamente a localização do meu esôfago e do estômago.

Isso é musubi, penso.

Seja a água, o arroz, o saquê ou qualquer coisa que entra no corpo é musubi. Tudo o que entra no corpo se liga à alma.

Naquele dia, eu pensei que queria me lembrar dessas palavras mesmo depois de acordar. Digo, então, em voz alta:

— Eles se torcem, embaraçam e, às vezes, se desfazem e se religam. Isso é *musubi*. Isso é o tempo.

Observo o cordão em meu pulso.

Ele ainda não se rompeu. Ainda deve dar para fazer a ligação.

Quando percebo, não há mais árvores ao meu redor, apenas rochas cheias de musgo. Ao olhar para baixo, entre as frestas de nuvens pesadas, posso ver o lago no formato de um número oito. Finalmente cheguei ao topo da montanha.

— Existe!

Mais à frente, vejo a depressão com a forma de uma caldeira vulcânica e a grande árvore onde fica o altar.

— Existe... de verdade! Não era um sonho!

A chuva, que já diminuiu, corre pelo meu rosto como lágrimas. Limpo as faces violentamente com a manga da jaqueta e começo a descer até a caldeira.

O que eu lembrava ser um pequeno riacho cresceu e agora é quase do tamanho de uma lagoa. Ou o nível da água aumentou com a chuva, ou passou tanto tempo desde aquele sonho que o terreno mudou. Seja como for, a grande árvore está a muitos metros de distância, além da lagoa que se formou.

Daqui em diante é o kakuriyo... o outro mundo.

Lembro-me de alguém dizendo isso.

Então este seria o rio Sanzu?***

Entro na água. *Splash!* O som reverbera tão alto quanto se eu enfiasse o pé em uma banheira, o que me faz perceber quão estranhamente silencioso é este lugar. Ao andar dentro da água, na altura dos joelhos, posso escutar o eco de cada movimento meu. Tenho a sensação de estar sujando algo que era alvo e puro. Este lugar estava no mais perfeito silêncio até a minha chegada. Eu não sou bem-vindo aqui. Meus instintos gritam isso. A temperatura do meu corpo cai, sugada pela água fria. Logo estou imerso até o peito e me apresso para atravessar a lagoa.

A árvore gigantesca se ergue entrelaçando suas raízes em uma grande rocha.

Não sei dizer se o altar é a árvore ou a rocha, ou se é o amálgama dos dois que as pessoas cultuam. Em um vão entre a rocha e as raízes há uma pequena escada, e, descendo-a, encontro um espaço de cerca de dez metros quadrados.

O lugar é ainda mais silencioso do que o lado de fora.

Abro o zíper da jaqueta, minhas mãos doem de tão geladas que estão, e pego o celular. Eu o ligo para verificar se não molhou. Cada movimento que faço parece causar um som alto e violento no meio dessa escuridão. Ecoa um som eletrônico que não combina com o local, e uso a luz do celular como lanterna.

Então, percebo que não há cor nem calor aqui.

O pequeno santuário, iluminado pela luz do celular, é de cor cinza. No altar feito de pedra, há duas garrafas de uns dez centímetros, lado a lado.

— É o saquê que nós trouxemos...

Toco a superfície de uma garrafa. Já não sinto mais frio.

— Este é o da Yotsuha.

Verifico o formato e pego a garrafa da esquerda. Na hora de erguê-la, sinto certa resistência e ouço um som seco. O musgo já estava enraizado nela.

— Este foi o que eu trouxe.

Eu me sento e ilumino a garrafa com a luz do celular. A superfície de cerâmica, que era tão brilhante, está coberta de musgo. Deve realmente ter se passado um bom tempo desde que as colocamos aqui. Então minhas suspeitas são reais.

— Quer dizer que eu estava trocando de lugar com a Mitsuha de três anos atrás...?

Solto os fios trançados que selam a tampa da garrafa. Sob a tampa, ainda há uma rolha de cortiça.

— Houve um desvio de tempo de três anos? A troca parou porque o meteorito caiu há três anos e ela morreu?

Retiro a rolha. Sobe um leve cheiro de álcool. Despejo um pouco do saquê na tampa.

— Esta é a outra metade dela...

Aproximo a luz. O *kuchikamizake* está bem transparente. Há minúsculas partículas flutuando nele, que, refletindo a luz, piscam reluzentes dentro do líquido.

— *Musubi*. Eles se torcem, embarçam e, às vezes, se desfazem e se religam...

Ergo a tampa com o saquê até a boca.

— Se o tempo pode mesmo se desfazer... só mais uma vez...

Deixe-me voltar ao corpo dela!, desejo, dando um gole. O ruído da bebida descendo pela minha garganta ecoa mais alto do que eu imaginava. Uma massa quente percorre o caminho até meu estômago, onde explode e se expande por todo o meu corpo.

— ...

Mas não acontece nada.

Eu espero em silêncio por um tempo.

Sinto o calor se espalhar em mim e me esquentar, já que não estou acostumado a beber. Uma vaga sensação de leveza. Mas é apenas isso.

Não acontece nada...

Eu me apoio nos joelhos e me levanto. Mas minhas pernas estão cambaleando. Minha vista roda. *Vou cair*, penso.

Que estranho...

Acho que caí de barriga para cima, mas minhas costas não chegam nunca ao chão. Minha vista dá um giro devagar, até que eu veja o teto. Ainda tenho o celular na mão esquerda. A luz dele ilumina a caverna.

— O cometa...! — digo instintivamente.

Há o desenho de um grande cometa no teto.

É bem antigo, gravado nas rochas. É um cometa gigantesco, com uma longa cauda no céu. Pigmentos vermelhos e azuis brilham com a luz do celular. De repente, o desenho se desprende do teto.

Redobro a atenção.

O cometa desenhado ali se move lentamente.

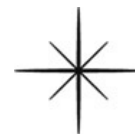
Ele chega bem diante do meu rosto. Fica em chamas ao entrar em atrito com a atmosfera, e a massa rochosa se torna uma espécie de vidro, brilhando como uma joia. Eu vejo todos esses detalhes.

O momento em que bato a cabeça ao cair de costas é exatamente o mesmo em que o cometa me atinge.

Notas * Jogo de palavras. O primeiro jogador começa dizendo uma palavra, e o seguinte deve continuar dizendo outra que comece com a última letra (sílabas) da palavra anterior. (N. da T.)

**** Traje japonês usado no verão. É um tipo de quimono casual, normalmente de algodão ou tecido sintético. (N. da T.)**

***** Segundo a tradição budista japonesa, esse seria um rio envolto por névoa que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos. (N. da T.)**



Lembranças

Caio sem parar.

Ou será que estou subindo?

Em meio a essa incompreensível sensação de flutuar, o cometa brilha no céu noturno.

De repente ele se fragmenta em dois, e uma dessas partes muda de trajetória.

O meteorito cai em um vilarejo na montanha. Morrem muitas pessoas. Forma-se um lago e a vila é destruída.

O tempo passa e surge um povoado ao redor do lago. A água fornece peixes, e o meteorito de ferro e lítio traz riquezas. A comunidade prospera. Transcorre muito tempo e o cometa se aproxima mais uma vez. Ele cai novamente e dizima toda a região.

Isso já aconteceu duas vezes desde que este arquipélago começou a ser habitado.

As pessoas tentam guardar isso na memória. Tentam transmitir às gerações futuras. De uma forma que sobreviva por longo tempo, mais que simples escritos. Associaram o cometa a um dragão. Associaram também a um cordão trançado. O cometa se partindo tornou-se movimentos de uma dança.

*

Novamente, um longo tempo se passa.

Posso ouvir o choro de um bebê.

— Seu nome será Mitsuha — diz a mãe, com a voz gentil.

E, em uma resposta cruel, o cordão umbilical é cortado.

No começo elas eram uma só, estavam ligadas, mas é dessa forma que as pessoas cortam seus laços para virem ao mundo.

— Vocês duas são os meus tesouros — diz o pai.

— Mitsuha, você vai ganhar uma irmãzinha — diz a mãe.

Conversas de um jovem casal. Logo a irmã mais nova de Mitsuha nasce. Em troca dessa felicidade, a mãe delas fica doente.

— Quando a mamãe vai voltar do hospital? — pergunta Yotsuha inocentemente, mas Mitsuha já sabe que a mãe não vai voltar.

Todas as pessoas morrem um dia. Mas nunca é fácil aceitar isso.

— Não conseguiram salvá-la...! — lamenta profundamente o pai.

Ele nunca amou ninguém como à esposa e jamais amará. Com o passar do tempo, a imagem das filhas, que ficam cada vez mais parecidas com a mãe, torna-se uma bênção e, ao mesmo tempo, uma maldição para ele.

— Não faz sentido continuar com as tradições deste santuário.

— Você foi adotado por esta família e não devia falar assim!

Os conflitos entre o pai e a avó aumentam a cada dia.

— Eu amava a Futaba, não o Santuário Miyamizu.

— Saia já daqui!

O pai e a avó já estão velhos demais para repensar suas prioridades. Ele não suporta e sai de casa.

— Mitsuha, Yotsuha. Daqui para a frente, vocês vão ficar aqui comigo.

A vida das três começa naquela casa onde ecoa o som dos carretéis se chocando.

Vivem dias tranquilos. Mesmo assim, o fato de o pai tê-la abandonado se torna um sentimento que Mitsuha jamais conseguirá superar.

Essas são...

... as lembranças de Mitsuha?

Sem ter o que fazer, deixo-me levar por seu fluxo de tempo.

Até que chega aquele dia em que trocamos de corpo.

Tóquio vista pelos olhos dela é um país estrangeiro, exótico e reluzente. Nós dois temos a capacidade de enxergar, mas parece até que vemos mundos diferentes.

— Que inveja...

Ouçó o murmúrio de Mitsuha.

— Será que os dois estão juntos agora?

É o dia do meu encontro com a senhorita Okudera.

— Vou dar um pulinho em Tóquio — ela diz a Yotsuha.

Tóquio?

Nessa noite, Mitsuha abre a porta corrediça do quarto da avó.

— Queria pedir uma coisa, vovó...

Ela cortou o longo cabelo. Eu não conheço essa Mitsuha.

— É hoje que o cometa estará mais brilhante.

Ela foi convidada para ver o cometa com Teshigawara e Sayaka.

— Não, Mitsuha! — grito de trás do espelho. Como o som de sinos de vento. Como a brisa que sopra seu cabelo. — Não vá até lá, Mitsuha! Você precisa fugir da cidade antes que o cometa caia!

Mas a minha voz não chega a seus ouvidos. Ela não consegue me escutar.

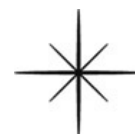
No dia do festival, Mitsuha e os amigos observam o cometa, que se aproxima mais que a lua.

De repente ele se divide, e seus fragmentos se tornam meteoros brilhantes. Uma grande massa rochosa, um meteorito, começa a cair.

Mesmo essa visão é tão bonita que todos apenas continuam a contemplá-la.

— Mitsuha, fuja! — grito o mais alto possível. — Fuja, Mitsuha! Fuja, por favor! Mitsuha, Mitsuha, Mitsuha!

Então o meteorito cai.



Repetição

Abro os olhos...

Nesse instante, tenho certeza de uma coisa.

Sento e analiso meu corpo. Os dedos finos. O pijama familiar. Os peitos salientes.

— É a Mitsuha... — digo.

Essa voz. O pescoço longilíneo. O sangue, a carne, os ossos, a pele. Aqui está Mitsuha, e posso sentir o calor do seu corpo todo.

— Ela está viva...!

Envolvo a mim mesmo em um abraço. As lágrimas não param. Dos olhos de Mitsuha, rolam gordas lágrimas, como se a torneira tivesse quebrado. O seu calor me alegra tanto que me faz chorar ainda mais. O coração dispara de alegria, pressionando as costelas. Eu dobro as pernas. Grudo o rosto nos joelhos lisos dela. Enrolo todo o corpo dela, como se quisesse cobri-lo por inteiro.

Mitsuha.

Mitsuha, Mitsuha.

É um milagre. Talvez nunca tivéssemos nos conhecido, mas, entre todas as possibilidades, estou aqui agora.

•

— Maninha, o que está fazendo...?

Levanto o rosto ao ouvir essa voz, e lá está Yotsuha abrindo a porta corrediça.

— Ah, irmãzinha... — murmuro, com a voz chorosa.

Yotsuha também está viva. Ela observa, pasma, a imagem da irmã com o rosto coberto de lágrimas e sujo pelo nariz escorrendo enquanto apalpa os seios.

— Yotsuhaaa!

Corro na direção dela com a intenção de abraçá-la.

— Eita! — Ela engole em seco e fecha a porta bem na minha cara. — Ei, ei, vovó! — grita Yotsuha enquanto desce correndo as escadas. — A maninha não tá nada bem! Ela pirou de vez!

Ouçó sua voz choramingando para a avó ecoar no andar de baixo.

Que garotinha mais mal-educada... E eu vim atravessando o tempo-espaco só para salvar a cidade inteira!

A moça do canal NHK está toda sorridente na televisão. Eu me troco, coloco o uniforme e desço as escadas. Como fazia tempo que não vestia saia, encaro a televisão em pé para esquecer a sensação estranha nas pernas.

— O cometa *Tiamat*, que começou a ser observado a olho nu na semana passada, fica mais próximo da Terra às 19h40 de hoje, quando estará mais brilhante. Esse show celestial atingirá o ápice, e em várias partes do mundo já estão comemorando... — narra a apresentadora.

— Hoje à noite! Ainda há tempo! — murmuro.

Sinto uma empolgação.

— Bom dia, Mitsuha. A Yotsuha já foi.

Quando me viro, a vovó está lá parada.

— Vovó! Você parece tão bem!

Sem pensar, corro para ela. Ela carrega um bule sobre uma bandeja, provavelmente pretendia ir beber chá na sala de estar.

— Humm? Uê...? Você... — Ela abaixa os óculos de leitura e analisa fixamente meu rosto. Estreita bem os olhos. — Você... não é a Mitsuha, é?

— O quê...? — Como?! Sinto certo remorso, como se tivessem me pegado no pulo bem quando eu achava que iria me safar. Mas, agora, isso é bem conveniente. — Vovó... você já sabia disso?

A vovó não altera a expressão, apenas se senta e diz:

— Não. Mas, ao te ver agindo de forma esquisita nos últimos dias, lembrei de uma coisa. Eu me lembro que tinha sonhos estranhos quando era jovem.

Não acredito! Desse jeito fica mais fácil explicar a situação. Só mesmo uma família das antigas como esta. Eu me sento à mesa com ela. A vovó serve chá para mim também. Ela dá um gole e continua a contar sua história: — Eram sonhos bem estranhos. Não exatamente sonhos. Era como se eu vivesse a vida de outra pessoa. Como se eu fosse um homem desconhecido em uma cidade completamente diferente.

Engulo em seco. É exatamente o que está acontecendo com a gente.

— Mas, de repente, parou de acontecer. Agora, a única coisa que me lembro é que eu tive esses sonhos estranhos. Mas não me recordo mais quem eu era naqueles sonhos, as lembranças desapareceram.

— Desapareceram... — repito, assombrado. Como se me dissessem o nome de uma doença fatal da qual estou sofrendo. É verdade. Por um instante, eu também esqueci o nome de Mitsuha. Tento me convencer de que tudo isso não passa de alucinação. O rosto cheio de rugas da vovó parece meio triste.

— Por isso, dê valor a você agora e ao que você presencia. Por mais especiais que sejam, sonhos são apenas sonhos. Eles vão desaparecer quando você acordar. Isso já aconteceu com a minha mãe, comigo e até com a sua mãe.

— Será que isso é...

Paro para pensar um instante. Talvez esse seja um dom herdado pela família Miyamizu. O desastre que ocorre a cada mil e duzentos anos. Para evitar isso, possuem a capacidade de se comunicar através de sonhos com pessoas que vivem anos à frente. Esse é o papel da sacerdotisa. Um sistema de alerta herdado pela linhagem dos Miyamizu e passado por gerações.

— Talvez as pessoas da família Miyamizu tenham sonhado essas coisas por causa do que vai acontecer hoje! — Olho diretamente para as faces da vovó e falo, determinado: — Vó! Escute o que eu tenho a dizer.

A vovó levanta o rosto. Não sei como ela entende minhas palavras, mas sua expressão é indefinida.

— Um meteorito vai cair em Itomori esta noite e todos vão morrer.
Desta vez, as feições da vovó demonstram que ela estranhou minhas palavras.

“Ninguém vai acreditar nisso”... Não imaginei que a vovó fosse dizer uma coisa dessas, penso enquanto desço apressado o caminho para o colégio.

Ela acredita em sonhos de trocas de corpo, mas não acredita que um meteorito vai cair aqui?! Que raio de lógica é essa?

Estou completamente atrasado, e não há sombra de uma pessoa sequer ao redor. Pode-se ouvir o canto dos pássaros na montanha, como em qualquer outro dia. *Nós temos que dar um jeito nisso sozinhos*, penso.

— Não vou deixar ninguém morrer! — digo em voz alta para convencer a mim mesmo.
Apresso o passo. Falta menos de meio dia para o meteorito cair.

— Mitsuha, o seu... o seu... o seu cabelo...

— O que você fez com o seu cabelo?!

Teshigawara e Sayaka olham pasmos para mim quando entro na sala.

— Ah, isto aqui? Estava melhor antes, né? — digo, jogando o cabelo chanel, no comprimento dos ombros, para o lado com uma das mãos.

Falando nisso, sem mais nem menos, Mitsuha cortou suas longas madeixas. Eu gosto de cabelos pretos e longos, por isso não gostei muito do que ela fez. Mas isso não importa agora!

— Esqueçam isso e me escutem!

Teshigawara está tão boquiaberto que praticamente consigo escutar seu choque. Sayaka me encara como se me dissecasse. Olho de um para o outro e digo: — Se continuar assim, todos vão morrer esta noite!

A agitação da sala cessa de repente. Todos os colegas de classe se viram para mim.

— P-Peraí, Mitsuha. O que você está dizendo?

Sayaka se levanta desesperada, e Teshigawara puxa meu braço com força. Sou arrastado para fora da classe pelos dois. *Bem, é normal que não acreditem em mim*, penso enquanto, por fim, começo a raciocinar mais friamente. Como a vovó disse, seria impossível que acreditassem em mim logo de cara. Eu estava tão empolgado por ter trocado de lugar com Mitsuha depois de tanto tempo que achei que tudo daria certo como num passe de mágica.

Hmmm, talvez eu tenha mais problemas do que imaginava.

Foi o que pensei, mas, com relação a Teshigawara, parece que me preocupei à toa.

— Mitsuha... você tá falando sério?

— Já disse que sim! Esta noite, o cometa Tiamat vai se dividir e se tornar um meteorito. E há grande possibilidade de ele cair bem aqui, nesta cidade. Não posso revelar minha fonte, mas é de confiança.

— Isso... é uma emergência!

— Quêêê? Ai, Teshi. Não faça essa cara séria. Você não é assim tão idiota, né? — pergunta Sayaka. Lógico que ela não acreditou em mim. — Além disso, que fonte é essa? A CIA? A NASA? “É de

confiança”? O que é isso? Tá brincando de espiã? Afinal, o que aconteceu com você, Mitsuha?

Sayaka continua a agir como uma pessoa sensata, enquanto eu me desespero e tiro todo o dinheiro da carteira de Mitsuha.

— Por favor, Saya. Eu pago tudo o que você quiser comprar! Mas pelo menos escute o que eu tenho a dizer!

Eu falo isso com expressão séria e baixo a cabeça para implorar.

Sayaka fica impressionada e olha fixamente para o meu rosto.

— Não acredito que uma pessoa tão pão-dura como você tá me dizendo uma coisa dessas...

Quê? É mesmo? Já o meu dinheiro ela gastava sem dó nem piedade!

Sayaka desiste de argumentar, solta um suspiro e fala:

— Já vi que não tem jeito... Não tô entendendo nada, mas prometo que vou te ouvir. Teshi, empresta a chave da bicicleta — ela diz, depois se vira e segue em direção à saída da escola, murmurando: — Com isso só dá pra comprar alguns docinhos.

Que bom. Parece que a quantia não era suficiente, mas consegui convencê-la com minha sinceridade.

— Vou até a loja de conveniência. Teshi, fique de olho na Mitsuha. Ela anda meio estranha ultimamente.

Teshigawara e eu entramos escondidos em uma das salas não usadas no prédio dos clubes de atividades e começamos a bolar um plano para evacuar a cidade.

O objetivo é evacuar as cerca de quinhentas pessoas dos 188 lares que estão na zona de risco antes do horário da queda do meteorito. A primeira coisa que nos vem à mente é um anúncio na TV.

— Podemos invadir o gabinete do primeiro-ministro, no edifício da Assembleia Nacional! Ou o centro de transmissão da NHK em Shibuya! Não, acho que pode ser a filial de Gifu-Takayama. — Depois de falar absurdos, como é de costume nessas situações, começamos a planejar seriamente.

É óbvio que nem todos os habitantes da cidade estarão assistindo à televisão ou ouvindo rádio, e, como hoje tem o Festival de Outono, muitos estarão fora de casa. Paramos para pensar a respeito.

— O sistema de alerta de desastres...! — Teshigawara grita de repente.

— Sistema de alerta de desastres?

— Hã? Não vai me dizer que não sabe o que é isso, né? Já viu os alto-falantes espalhados pela cidade inteira?

— Ah, aquele negócio que começa a falar de repente, seja dia ou noite? Que fica avisando quem nasceu, quem morreu...?

— Isso mesmo. Com aquilo todos vão ouvir, estejam dentro ou fora de casa. Só precisamos passar as ordens por ele!

— Mas como vamos fazer isso? As transmissões são feitas da prefeitura, não é? Eles vão deixar a gente falar se pedirmos?

— É claro que não.

— Então como vamos fazer? Vamos invadir a prefeitura? Não seria tão difícil quanto entrar no prédio da NHK.

— Hihhi — ri Teshigawara de um jeito sinistro enquanto digita algo no celular.

Por alguma razão, ele parece bem animado.

— Podemos usar isto!

Dou uma olhada na tela do celular que ele me mostra: “Interceptação de frequências e explicações a respeito”.

— Quê...? Isso é sério? — pergunto. Teshigawara assente, todo orgulhoso de si. — E como você sabe de tudo isso, Teshi?

— É que antes de dormir eu sempre fico imaginando essas coisas. A destruição da cidade ou uma interdição na escola. Todo mundo imagina esse tipo de coisa, não é?

— Hein...? — Eu me espanto com a resposta dele. Mas tudo bem, isso não importa agora. — Você é demais, Teshi! Podemos usar isso!

Coloco o braço sobre os ombros dele, no calor do momento.

— Ei, Mitsuha. Desgruda!

— Hein? — Uau, até as orelhas dele estão vermelhas. — O que foi? Tá com vergonha, Teshi?

Olho para cima, na direção do rosto de Teshigawara, e sorrio enquanto falo. *Mitsuha, até que você não é de se jogar fora, hein?*, penso, me aproximando ainda mais dele. Estou só provocando! Nós estamos sentados um ao lado do outro em um sofá antigo, e, como Teshigawara está do lado da parede, não tem para onde fugir.

— Ei, Mitsuha! Para com isso! — ele reclama, contorcendo seu enorme corpo para evitar minha aproximação. *Ele é mesmo um garoto. Bem, eu também sou, então não posso falar nada*, penso. Então ele dá um salto repentino para subir no encosto do sofá e eleva o tom de voz: — Já disse pra você parar! Garotas que ainda não são casadas não devem fazer isso!

— Ah...

Ao olhar para ele, percebo que até sua cabeça raspada está tingida de vermelho, ele está suando frio e seus olhos lacrimejam.

— Hahahaha! Você é mesmo um cara legal, Teshi...!

Sem querer, estou dando gargalhadas. Com certeza ele é um cara legal e de confiança.

Lógico que eu já o considerava um amigo. Mas bem que eu gostaria de me encontrar com eles de verdade e conversar como um garoto. Mitsuha, Sayaka, Teshigawara e eu. Se Tsukasa, Takagi e a senhorita Okudera estivessem com a gente, seria ainda melhor.

— Desculpa, Teshi. Fiquei tão contente de você acreditar em mim que acabei me empolgando. — Tento conter o riso, olho para o rosto rabugento dele e digo: — Você ainda vai me ajudar a bolar um plano?

Apesar de continuar com o rosto vermelho, quando eu sorrio e pergunto isso, ele concorda seriamente. *Quando tudo isso acabar, vou vir aqui me encontrar com ele também*, penso, já esperando com ansiedade por esse momento.

— U-U-Uma... bomba?! — exalta-se Sayaka, suspendendo sua garfada de minibolo de morango.

— Na verdade, são explosivos em gel. Bem, são como dinamites — fala Teshigawara, com ares de grande entendido, enquanto come um pacote de batata frita. Eu mastigo uma barra de chocolate.

Em cima da mesa, estão as várias guloseimas que Sayaka comprou na loja de conveniência. O clima da nossa reunião parece até de festa. Em meio a isso, Teshigawara e eu ficamos diante do mapa e contamos para a Sayaka o plano de evacuação que bolamos. Tenho vontade de colocar alguma música animada de fundo. Algo com percussão e até meio lunático, com cara de reunião estratégica.

Teshigawara dá um gole na caixa de meio litro de leite com café e continua:

— Eu pego os explosivos no armazém de materiais da empresa do meu pai. Ele usa nas obras. Se não tiver problema de eles descobrirem depois, posso pegar quantos precisarmos.

— Depois disso... — eu digo enquanto abro um pacote de pão de melão. Estou morrendo de fome, e, por alguma razão, tudo o que eu como quando estou no corpo da Mitsuha é tão gostoso.

— V-V-Vocês vão interceptar a transmissão?! — Novamente, Sayaka solta uma voz esganiçada.

Teshigawara explica enquanto morde um pão de curry:

— Numa cidade como a nossa, é só saber a frequência de transmissão e de inicialização que fica fácil interceptar o sinal. Os alto-falantes são programados para ligar automaticamente quando se inicia a frequência correta.

Com o pão de melão em uma das mãos, continuo narrando o plano:

— Por isso, podemos transmitir a ordem de evacuação até da sala de radiodifusão da escola, para a cidade inteira.

Aponto para o mapa da cidade de Itomori. Há uma área de pouco mais de um quilômetro de diâmetro, com o centro no Templo Miyamizu, que assinalei no mapa e agora circundo com o dedo.

— Esta é a área estimada dos danos causados pelo meteorito. Mas, olha, a escola está fora dessa faixa — digo, apontando para o local no mapa. — Por isso, podemos usar o pátio da escola como abrigo para o pessoal.

— Mas isso é... — Sayaka hesita e completa: — Isso é crime! — termina antes de levar à boca o morango do bolo, que deixou para comer por último.

— Só cometendo um crime pra retirar o pessoal dessa área — digo seriamente enquanto pego as barras de chocolate esparramadas em cima do mapa.

Seja crime ou não, o importante é evacuar todas as pessoas que estarão em risco.

— Você parece até outra pessoa, Mitsuha.

Sorrio e dou uma grande mordida no pão de melão. Quando estou neste corpo, meu jeito de falar acaba ficando um pouco mais feminino, mas já faz tempo que desisti de agir como Mitsuha. O importante é tudo isso acabar e eles ficarem bem, o resto é o de menos. Basta eles estarem vivos que nas outras coisas se dá um jeito.

— E a transmissão fica por sua conta, Saya — informo a ela, com um sorriso no rosto.

— Por quê?!

— Ué, você é do clube de radiodifusão.

— Além disso, sua irmã mais velha é responsável pelas transmissões da prefeitura. Tente conseguir a radiofrequência deles com ela — pede Teshigawara.

— O quêêê?! Não vão decidindo as coisas assim...

Ele ignora por completo o protesto de Sayaka e aponta todo alegre para si mesmo.

— E eu fico responsável pelos explosivos!

— Eu vou falar com o prefeito — afirmo, apontando para mim mesmo.

Sayaka fica sem palavras diante da minha declaração, mas Teshigawara explica:

— De acordo com o nosso plano, provavelmente nós é que vamos dar o primeiro passo para a evacuação. Mas, no fim, a prefeitura e os bombeiros têm que agir, ou não vamos conseguir tirar todas as pessoas das 188 casas da área de risco.

— Por isso, precisamos persuadir o prefeito — completo. — Sendo filha dele, se eu explicar a situação, ele deve me entender.

Teshigawara cruza os braços e conclui, todo orgulhoso de si:

— É um plano perfeito!

Eu sinto o mesmo. Admito que é um pouco radical, mas acho que não temos outra escolha.

— Afff... — Sayaka bufa. Não sei dizer se ela está admirada ou pasma com nosso plano, mas nos encara e diz: — Bom, fico impressionada que vocês tenham pensado em tudo isso... mas é só uma suposição, não é?

— Quê? — Eu não esperava ouvir uma pergunta dessas depois da nossa brilhante explicação, e fico sem palavras. — Bem... não exatamente...

Sayaka tem que participar do plano, ou não vamos conseguir pô-lo em prática. Procuro um jeito de explicar melhor para ela.

— Talvez não seja! — diz Teshigawara de repente, em tom exaltado, mostrando a tela do celular. — Sabem como o lago Itomori se formou?

Sayaka e eu cruzamos olhares e observamos a tela do celular. Em um site que parece ser a homepage da cidade, há um grande título: “Origem do lago Itomori”. Depois as palavras: “O lago de meteorito formado há mil e duzentos anos” e “É um fenômeno raro no Japão”.

— É um lago formado em uma cratera! Um meteorito, ao menos, já caiu neste lugar antes!

O rosto confiante de Teshigawara e suas palavras fazem com que algo se encaixe em minha mente. Mesmo sem saber o que foi que se encaixou, resolvo falar: — É isso, você tá certo... sim!

É por isso que tinha o desenho de um cometa naquele lugar..., penso. O cometa Tiamat tem o período orbital de mil e duzentos anos. E o lago Itomori foi criado na cratera formada há mil e duzentos anos. Tanto o meteorito como a visita do cometa são coisas que ocorrem a cada mil e duzentos anos. É um desastre previsto. Por isso mesmo, deve ser algo que pode ser evitado. Além de ser uma mensagem, aquele desenho também era um aviso.

Sinto como se tivesse ganhado um aliado inesperado. Não dá para perdermos mais tempo. Os preparativos desse plano de salvamento foram traçados há mais de mil anos!

— É isso aí, Teshi!

Fecho a mão em punho e estendo o braço, tocando o punho de Teshi, que imita meu gesto de saudação.

Vai dar certo. Tenho certeza de que vai!

— Vamos fazer isso juntos! — falamos em coro, muito empolgados, nos dirigindo a Sayaka.

— O que você está dizendo? — pergunta ele, com voz áspera, qual o som de uma tesoura cortando uma grossa caixa de papelão.

Fico ainda mais apreensivo. Elevo a voz para não me deixar ser pressionado.

— Eu já disse! É melhor prevenir e pedir que todos evacuem a área...

— Calada.

Ele não fala em voz alta, mas suas palavras conseguem me silenciar.

O pai de Mitsuha, o prefeito de Itomori, cerra as pálpebras como se estivesse exausto e se recosta na cadeira de couro de sua sala. O grosso couro range com esse movimento. Depois disso, ele suspira profundamente e olha pela janela. A sombra das folhas oscila ao ritmo da brisa e à ação da luz amena do sol da tarde.

— Está dizendo que o cometa vai se dividir em dois e cair sobre esta cidade? E que, com isso, vão morrer mais de quinhentas pessoas?

Ele tamborila na mesa e, depois de um tempo em silêncio, finalmente me encara. O suor escorre por trás das minhas pernas. Não sabia que Mitsuha suava nessa parte do corpo quando nervosa.

— Eu sei que é difícil acreditar. Mas tenho motivos para crer que...

— Como tem coragem de vir aqui me dizer essas tolices?! — grita ele. — Esses delírios devem vir do sangue dos Miyamizu — murmura, como se falasse sozinho, acentuando ainda mais os vincos em sua testa. Ele me encara fixamente e sussurra: — Se você está falando sério, só pode estar doente.

— O quê...?

Fico sem palavras. Percebo que toda a confiança que senti durante a reunião com meus amigos há meia hora desapareceu. No lugar dela, surgem a dúvida e a sensação de que eu posso estar errado. Não, ele está enganado. Isso não é nenhum delírio e eu não estou doente. Eu...

— Vou chamar um carro para você — diz de repente, com tom de preocupação. Ele ergue o fone do gancho, aperta alguns botões e, enquanto digita, fala: — É melhor você ir ao hospital da cidade para ser examinada. Eu ouvirei o que tem a dizer depois disso.

Essas palavras me sobressaltam desconfortavelmente. Ele acha mesmo que a própria filha está maluca. Assim que me dou conta disso, todo o meu corpo fica frio como se tivesse congelado, mas minha cabeça esquenta, como se pegasse fogo.

Raiva. Sinto raiva.

— Seu imbecil! — grito.

Diante de mim estão os olhos arregalados do prefeito e, quando percebo, já estou segurando-o pela gravata. O telefone caiu ao lado da mesa, e ouve-se o som baixo da ligação não completada.

— Ah...

Afrouxo a mão. O prefeito se afasta devagar. Não sei se é pela surpresa ou se está confuso, mas o prefeito Miyamizu mantém a boca aberta e trêmula enquanto olha diretamente nos meus olhos, e nenhum de nós é capaz de quebrar a tensão. Suor gelado cobre cada um dos meus poros.

— Mitsuha... — O prefeito respira fundo e abre a boca para falar. — Não... você não é a Mitsuha. Quem é você?

Essas palavras, pronunciadas de forma trêmula, zunem em meus ouvidos como insetos conduzidos pelo vento, que entram sem conseguir sair.

Posso ouvir o som de alguém martelando.

Nesse horário, entre a tarde e a noite, a cidade fica tão silenciosa que somos capazes de escutar os sons longínquos trazidos pelo vento. Ao sair da prefeitura, desço exausto a ladeira de onde se pode ver o lago.

Tum, tum, tum, tum. Posso até imaginar um prego sendo enfiado cada vez mais fundo na madeira dura ao som das batidas. Um prego de ferro, abrindo caminho na madeira escura, destinado a enferrujar. *Provavelmente estão fazendo os preparativos para o Festival de Outono no templo,* penso ao ver as lanternas de madeira enfileiradas rente à rua.

— Então depois a gente se vê — uma voz de criança afirma atrás de mim.

Ergo o rosto. No alto da colina, estão algumas crianças carregando suas mochilas e acenando umas para as outras.

— Tá, a gente se vê no festival.

— Nos vemos lá embaixo do templo.

Elas se despedem e se separam. Um garoto e uma garota correm na minha direção. Devem estar no primário, teriam mais ou menos a idade de Yotsuha.

O meteorito vai cair no templo...

— Vocês não podem ir até lá! — Instintivamente, seguro o ombro do garoto que passa correndo ao meu lado. — Fugam da cidade! Avisem seus amigos!

O semblante da criança desconhecida muda, enchendo-se de terror.

— O-O quê? Quem é você?!

Ele se liberta de mim com um chacoalhão, que me faz recuperar a razão.

— Maninha! — Yotsuha, com sua mochila, corre preocupada na minha direção. As outras duas crianças saíram correndo como se fugissem de mim.

Não posso fazer isso. Estou agindo como uma pessoa louca.

— Maninha, o que você fez com aquelas crianças?! — pergunta Yotsuha, me agarrando pelos braços.

O que eu devo fazer agora...?

Encaro Yotsuha. Ela espera, insegura, pela minha resposta. Acabo murmurando o pensamento que me assalta naquele momento.

— Se fosse a Mitsuha... será que ela conseguiria convencê-lo? Eu não sou capaz disso? — Ignorando a expressão confusa de Yotsuha, continuo: — Por favor, Yotsuha. Pegue a vovó e fuja daqui antes do anoitecer. Saiam da cidade!

— O quê?

— Vocês vão morrer se ficarem aqui!

— O quêêê? Maninha, o que você tá dizendo?!

Apesar de eu afirmar que é importante, ela ergue a voz em pânico, como se quisesse me fazer parar de falar.

— Maninha, fala sério. — Seus olhos estão úmidos. Ela está com medo. Ela se estica na ponta dos pés, olha no fundo de minhas íris e diz: — Ontem você falou de repente que ia pra Tóquio. Maninha, você anda muito estranha ultimamente!

— O quê...? — Sinto em meu âmago que algo está errado. Ela disse Tóquio? — Yotsuha, você disse Tóquio?

— Eei, Mitsuha!

É Sayaka. Ela acena amplamente, sentada atrás da bicicleta conduzida por Teshigawara. Ouve-se o som dos pneus em atrito com o asfalto e a bicicleta para.

— Como foi a conversa com o seu pai? — pergunta Teshigawara, apoiando-se no guidão.

Eu não consigo responder. Estou confuso. Não sei por onde começar a pensar. O prefeito não quis nem ouvir o que eu tinha a dizer. E não é só isso, ele perguntou “quem é você?” para a própria filha. Fui eu que fiz com que ele perguntasse isso. Não deu certo porque sou eu que estou no corpo de Mitsuha? Então, onde ela está agora? Yotsuha disse que ela foi para Tóquio ontem. Por quê? Que dia foi ontem?

— Ei, Mitsuha — chama Teshigawara, com tom desconfiado.

— O que aconteceu com a sua irmã? — Sayaka pergunta para Yotsuha.

Onde está Mitsuha? Onde eu estou agora?

Será que...?

Ergo o olhar. Para além das casas residenciais, está o denso contorno das montanhas que se sobrepõem e, ainda mais distante, a linha do cume coberta por uma neblina azulada. É a montanha que eu escalei. O altar no topo. O lugar onde bebi o *kuchikamizake*. Um vento frio sopra do lago e embala os cabelos de Mitsuha, que estão mais curtos. É como se os dedos de alguém estivessem acariciando meu rosto.

— Você... está aí? — murmuro.

— Quê? O que foi? Tem alguma coisa lá?

Tanto Yotsuha como Sayaka e Teshigawara olham na mesma direção que eu.

Mitsuha, se você estiver mesmo aí...

— Teshi, me empresta um pouco a sua bicicleta!

Mal digo isso e agarro o guidão, tomando a bicicleta dele. Sento no banco e me ponho a pedalar.

— Ei! Espera, Mitsuha!

O banco está muito alto, então subo a ladeira pedalando em pé.

— Mitsuha, como fica o nosso plano?! — grita Teshigawara, com voz chorosa, enquanto eu me afasto cada vez mais.

— Siga como planejamos! Por favor!

Minha voz ecoa pela cidade silenciosa. A voz de Mitsuha, proferida por mim, ricocheteia nas montanhas e no lago, enchendo o ar por um momento. Perseguindo essa voz, eu pedalo o mais rápido que posso.



Tem alguém batendo no meu rosto.

Estão fazendo isso com delicadeza, provavelmente só com a ponta do dedo médio, para que eu não sinta dor. Esse dedo é bem frio, como se, antes de me bater, tivesse tocado em gelo. Quem é que está me acordando desse jeito?

Abro os olhos.

Ué?

Está bem escuro aqui. Será que ainda é noite?

Novamente, alguém bate em minha bochecha. Não... isso é água. Tem água gotejando no meu rosto. Eu me sento e, finalmente, percebo o que está acontecendo.

— Eu... estou no corpo do Taki! — falo sem pensar.

Ao subir uma estreita escada de pedra, dou de cara com o sol se pondo.

Talvez por ter ficado muito tempo no escuro, os olhos de Taki lacrimejam. Chegando ao topo da escada, esclareço minhas suspeitas e noto que estou no alto da montanha onde fica o altar do templo da minha família.

O que Taki está fazendo aqui?

Mesmo sem entender direito o que acontece, saio de baixo da grande árvore e caminho pela depressão. Taki está usando uma jaqueta grossa, própria para passeios ao ar livre. Também calça um tênis pesado de borracha, ideal para escaladas. O solo está macio e úmido, talvez estivesse chovendo até há pouco, já que há gotas de água nas folhas das plantas mais baixas. Mas o céu está bem limpo. Algumas nuvens dispersas brilham na cor de ouro enquanto são levadas pelo vento.

E as minhas memórias não estão muito claras.

Sem me lembrar de nada, chego ao limite do vale, onde começa a subida. Observo a inclinação. Este é um terreno na forma de uma caldeira vulcânica e, ao subir esse caminho, chegarei ao topo da montanha. Então começo a escalar. Enquanto isso, vasculho minhas memórias. Tento lembrar o que estava fazendo antes de chegar aqui. Até que consigo recordar alguma coisa.

As músicas do festival. O *yukata*. Meu rosto com o cabelo curto.

É mesmo...

Teshi e Saya me chamaram para ir ao Festival de Outono de ontem e eu saí com meu *yukata*. Fomos nós três ver o cometa, diziam ser aquele o dia em que ele apareceria mais brilhante. É isso. Parece até uma lembrança de muito tempo atrás, mas aconteceu ontem.

Teshi e Saya se surpreenderam com meu novo corte de cabelo. Teshi até ficou boquiaberto por um tempo. Cheguei a me sentir culpada por abalar tanto os dois.

Enquanto andávamos até a colina, pude ouvi-los sussurrando:

— Ei, será que ela levou um fora?

— De onde foi que você tirou isso? Parece até um velho da geração passada falando.

Ao subir uma faixa estreita da pista e virar na curva onde está afixado o espelho convexo para os carros, demos de cara com o cometa gigantesco rasgando o céu noturno. Sua longa cauda brilhava em verde-esmeralda, e a cabeça era mais radiante que a lua. Forçando bem a vista, era possível ver pequenos grãos, que mais pareciam poeira, brilhando ao seu redor. Nós até esquecemos sobre o que conversávamos e ficamos um bom tempo admirando o espetáculo, extasiados.

Então eu percebi que a cabeça do cometa havia se dividido em dois. Duas partes grandes e brilhantes, e uma delas parecia se aproximar cada vez mais de nós. Depois, finas estrelas cadentes começaram a brilhar em torno dele. Parecia que estavam chovendo estrelas. Não, estavam mesmo chovendo estrelas naquela noite. O céu noturno estava tão lindo que parecia um sonho.

•

Finalmente consigo escalar a inclinação. O vento que sopra está gelado. Ao olhar para baixo, as nuvens se estendem por todos os lados, como um tapete brilhante. Abaixo delas, há uma sombra meio azulada no lago Itomori.

Ué?, penso.

Que estranho.

Estou tremendo, como se tivesse sido congelada.

De repente sinto medo, um medo incontrolável.

Estou aterrorizada, ansiosa, triste, insegura. Minha cabeça gira, à beira de enlouquecer. Eu não consigo parar de suar frio.

Será que...?

Talvez eu tenha enlouquecido. Posso ter ficado louca sem perceber.

Estou com medo. Muito medo. Quero dar um berro, mas só sai um ar viscoso da minha garganta. Contra minha vontade, meus olhos se arregalam, mirando fixamente o lago. Já sei. Já percebi o que houve.

Não há mais a cidade de Itomori.

É como se ela tivesse sido engolida pelo lago, ampliado em um formato ainda maior.

É lógico que isso aconteceu, algo me faz pensar assim.

Afinal, não poderia ser diferente com aquilo caindo sobre nós.

Com aquela massa quente e pesada caindo sobre a nossa cabeça.

Foi isso.

Naquela noite, eu...

Caio de joelhos, como se minhas articulações tivessem quebrado silenciosamente.

Naquela noite, eu...

O ar que consegue passar pela garganta emite o som da minha voz.

— Naquela noite, eu...

Então as memórias de Taki fluem como um dilúvio. O desastre do cometa que destruiu uma cidade inteira. Taki vive em Tóquio três anos no futuro. Nessa época, eu já não existo. Naquela noite em que as estrelas caíram do céu. Naquele momento, eu...

— Eu morri...?



Onde habitam as memórias de uma pessoa?

Será nas terminações nervosas das sinapses do cérebro? Será que há memórias nos globos oculares e na ponta dos dedos? Ou será que existe uma massa espiritual coletiva, invisível e sem forma, como uma névoa, que guarda as memórias? Pode ser aquilo que as pessoas chamam de mente, espírito ou alma. Mas será que é possível tirar e colocar isso de volta, como um sistema operacional com um cartão de memória?

A estrada asfaltada terminou há pouco, e eu pedalo loucamente a bicicleta pelo caminho não pavimentado da montanha. O sol, que já está baixo, brilha por entre as árvores. O corpo de Mitsuha sua sem parar, a franja gruda na testa. Enquanto eu pedalo, bato a mão nos cabelos, afastando a franja e o suor.

A alma de Mitsuha. Com certeza deve estar no meu corpo agora. Afinal, a minha alma está aqui no corpo dela. Mas... Isso é algo em que venho pensando já há algum tempo.

Mesmo agora, nós estamos juntos.

Mitsuha, ao menos parte de sua alma, está aqui comigo. Por exemplo, os dedos dela lembram a forma de seu uniforme. Quando fui vesti-lo, já sabia naturalmente o comprimento do zíper, a rigidez do colarinho. Outro exemplo são seus olhos; quando veem os amigos, eu me sinto aliviado e feliz. Não preciso nem perguntar, pois de antemão sei de quem ela gosta ou não. Quando encontro a vovó, lembranças antigas me vêm meio borradas à mente, como um projetor fora de foco. É difícil separar o corpo, as memórias e os sentimentos, eles estão interligados.

— *Taki...*

Consigo ouvir a voz de Mitsuha dentro de mim.

— *Taki, Taki.*

É uma voz sincera e triste. Uma voz trêmula e sentimental, como o brilho de uma estrela distante.

O foco borrado parece se ajustar. Mitsuha está chamando por mim.

— *Você não se lembra?*

São as recordações de Mitsuha daquele dia. Então também rememoro o que aconteceu com ela.

Naquele dia, Mitsuha não foi à escola. Ela pegou o trem.

Foi até o grande terminal onde há o trem-bala para Tóquio. Não havia muita gente no trem local que a levou até essa estação, apesar de ser horário de rush para quem trabalha ou estuda. Como não há escolas no caminho adiante, quem para nessa estação normalmente pega um carro a partir de lá.

— Vou dar um pulinho em Tóquio.

Depois de sair cedo de casa, Mitsuha diz isso de repente a Yotsuha, ainda no caminho para a escola.

— Quê?! Vai agora? Por quê?! — pergunta a menina, surpresa.

— Humm... em um encontro.

— O quê?! Você tem um namorado em Tóquio?!

— Hum... não é meu encontro. — Mitsuha não sabe como explicar e sai correndo. Antes de se afastar, acrescenta: — Eu volto à noite, não precisa se preocupar!

Os pensamentos de Mitsuha divagam enquanto ela vislumbra a paisagem que passa voando pela janela do trem-bala.

O que eu vou fazer no meio do encontro entre a senhorita Okudera e Taki? Não vai dar para nós três nos divertirmos juntos, né? Pra começar, será que vou conseguir encontrar Taki, já que é a primeira vez que vou a Tóquio? E, mesmo que eu o encontre... se eu aparecer de repente, será que vou incomodar? Será que ele vai ficar surpreso? Será que vai gostar?

Sem problemas, o trem-bala chega rapidamente a Tóquio. Mesmo sentindo falta de ar em meio a tantas pessoas, Mitsuha tenta telefonar para mim. “Este número não existe, está desligado ou encontra-se fora da área de serviço...” Então ela desliga o celular. Não consegue completar a ligação.

Eu nunca vou encontrá-lo..., ela pensa.

Mas Mitsuha busca as placas de orientação das estações como se fossem questões de prova e sai pela cidade tentando se guiar por suas vagas memórias.

Mas, se nos encontrarmos...

Ela pega a linha Yamanote do trem, depois o ônibus, caminha um trecho, pega o trem de novo e anda mais um pouco.

E agora? Será que vou incomodar? Vai ser muito estranho? Ou será que... ela divaga.

No telão da rua, aparecem as chamadas de notícia: “Amanhã o cometa Tiamat estará no ponto mais próximo da Terra”.

Ou será que, se nos encontrarmos, quem sabe talvez...

Depois de cansar de tanto andar, ela observa os prédios brilhantes de cima de uma passarela e pensa, como em uma oração: *Se nos encontrarmos, será que Taki vai ficar contente...?*

Novamente, ela se põe a andar.

Não adianta sair sem rumo procurando por ele, assim não vou encontrá-lo nunca. Mesmo que não tenha como a gente se esbarrar, de uma coisa tenho certeza. Assim que nos virmos, vamos perceber logo. Pois você está em mim. E eu estou em você, ela pensa.

Mitsuha está certa disso, tão certa como dois e dois são quatro.

Fraco como a luz tênue de uma lanterna se apagando, o sol se põe por entre uma lacuna no telhado da plataforma da estação.

Mitsuha relaxa as pernas doloridas de tanto andar ao se sentar no banco da estação. Contempla languidamente o pôr do sol, pálido em comparação ao que via em Itomori. Um sinal sonoro, de acordes musicais, toca e começam a anunciar: “O trem local com destino a Chiba está para chegar na plataforma quatro...” Um trem amarelo surge na plataforma à frente. O vento quente baforado com a chegada do trem agita o cabelo dela. Mitsuha fita as janelas dos vagões, mas sem prestar muita atenção.

De repente, ela engole em seco.

Levanta num pulo.

Taki está ali, na janela que acabou de passar por ela.

Mitsuha sai correndo. O trem para e ela logo alcança essa janela. Mas os trens ficam cheios ao fim do dia e ela não consegue vê-lo pelo lado de fora. A porta se abre entoando um barulho como a respiração de um gigante. Mitsuha estremece de medo diante da multidão que transborda para fora do vagão. Mas não desiste, murmura pedindo licença, transpira atrás das pernas, abre caminho entre as pessoas. Novamente, ouve-se o som como o da respiração de um gigante e as portas se fecham. O trem começa a se mover. Ela continua a pedir licença e segue adiante aos poucos. Então, para na frente de um rapaz. Mitsuha sente como se o som ao redor tivesse desaparecido de repente.

Diante de seus olhos, estou eu três anos atrás, quando ainda estava no segundo ciclo do ensino fundamental.

Não dá para subir mais que isso com a bicicleta.

A roda da frente prende na raiz de uma árvore e eu escorrego.

Instintivamente, me agarro ao primeiro tronco ao alcance das mãos. A bicicleta cai cerca de três metros em um declive e bate no chão com estardalhaço. A roda fica toda amassada.

— Desculpe, Teshigawara — murmuro, mas sigo correndo pelo caminho estreito nas montanhas.

Por que eu tinha esquecido? Por que não me lembrei antes disso?

Enquanto corro, eu me concentro nas memórias que fluem de dentro de mim.

Mitsuha. Três anos atrás, naquele dia, você veio me ver...

Taki, Taki, Taki...

Mitsuha chama por mim apenas dentro de si. Ela está quase chorando, pensando nervosamente em como puxar conversa ou em que expressão fazer diante de mim, que estou bem na sua frente, sem notar sua existência. Até que ela toma coragem, abre um sorriso e diz: — Taki.

Eu, que era apenas um estudante do ensino fundamental, levo um susto ao ser chamado pelo nome de repente e levanto o rosto. Temos mais ou menos a mesma altura na época. À minha frente, me encaram grandes olhos lacrimejantes.

— Há?

— Humm... sou eu — diz ela, mostrando um sorriso e apontando para si mesma. Eu fico confuso.

— O quê?

— Você não lembra? — pergunta timidamente essa garota que até então eu não conhecia.

— Quem é você?

Mitsuha respira fundo, como se fosse dar um grito. Ela fica cada vez mais vermelha. Desvia o olhar e fala com um fiozinho de voz: — Ah... desculpa...

O trem balança forte. Os passageiros se equilibram de alguma forma, mas Mitsuha cambaleia e esbarra em mim. Seu cabelo toca suavemente meu nariz, e eu sinto o cheiro de xampu. Ela murmura novamente me pedindo desculpa. Na época, eu a achei uma garota estranha.

Mitsuha está confusa, desesperada: *Eu encontrei Taki, mas...* Ambos ficamos constrangidos.

O anúncio sonoro do trem informa que a próxima estação é Yotsuya. Mitsuha parece aliviada, mas, ao mesmo tempo, extremamente triste. De qualquer forma, ela não pode continuar aqui. A porta se abre e ela começa a ser levada com o fluxo de desembarque para fora do vagão. Ao vislumbrá-la se afastando, penso de repente: *Talvez essa garota estranha seja uma pessoa que eu deveria conhecer*. Então, sou motivado por um impulso inexplicável.

— Ei! — elevo a voz para chamar sua atenção. — Qual é o seu nome?

Mitsuha se vira para mim, mas está sendo empurrada pelas pessoas que saem do trem e se afasta cada vez mais. De repente, ela solta o fio trançado que prende seu cabelo e o lança na minha direção, gritando: — Mitsuha!

Sem pensar, estico o braço para alcançar o fio trançado. É laranja vibrante, como um feixe de sol poente entrando no vagão escuro do trem. Eu avanço através da multidão e agarro o fio colorido.

— O meu nome é Mitsuha!

Naquele dia, três anos atrás. Você veio me encontrar.

Finalmente eu descubro isso.

Para mim, na época, o fato se resumiu a isto: uma garota desconhecida falou comigo no trem. E eu, alheio à importância do episódio, me esqueci dele completamente. Mas a Mitsuha que veio a Tóquio carregava todos aqueles sentimentos e saiu muito magoada, então voltou para sua cidade e cortou o cabelo.

Sinto um aperto no peito. Mas não há nada a fazer a não ser correr desesperadamente. Meu rosto e meu corpo (de Mitsuha) estão sujos de suor e terra. Quando me dou conta, há uma brecha entre as árvores e, mirando para baixo, posso ver um tapete de nuvens com brilho dourado. Ao meu redor, só há rochas cheias de musgo.

Finalmente cheguei ao topo da montanha.

Respiro fundo o ar gelado. Então grito o mais alto possível, como se botasse para fora todos os meus sentimentos: — Mitsuhaaa!

Consigo ouvir uma voz.

Levanto o rosto. Eu me ergo e vasculho em volta.

Estou nas rochas que circundam a depressão onde fica o altar. A sombra de todas as coisas é alongada pelo sol poente. O mundo está visivelmente dividido em luz e sombra. Mas não há sombra de nenhuma outra pessoa.

— Taki...? — murmuro.

Inspiro profundamente o ar gelado. E grito usando a garganta de Taki:

— Takiii!

Consigo escutar.
Ela está aqui. Mitsuha está aqui.
Eu saio correndo. Escalo a inclinação e subo apressado pela área verde do vale.
Dou uma volta completa, mas não vejo sombra de mais ninguém. Ela tem que estar aqui. Sinto em meus ossos. Grito novamente: — Mitsuha! Você está aqui, não está? No meu corpo!

É o Taki!
Tenho certeza. Pergunto para os céus, sem conseguir vê-lo:
— Taki! Cadê você?! Estou te ouvindo, mas não te vejo!
Corro pela área verde do vale.

Essa voz. Consigo somente ouvir a voz.
Essa voz... a minha voz, o apelo de Mitsuha. Não sei se ela está realmente criando som ou se apenas vibra em minha alma. Afinal, ainda que estejamos no mesmo lugar, há uma distorção temporal de três anos.
— Mitsuha, cadê você?!
Mesmo assim, eu insisto em gritar. Não consigo deixar de gritar por ela. Continuo a correr. Dessa forma, eu...

Dessa forma, eu vou conseguir alcançar Taki. É com essa esperança quase ilusória que continuo correndo.
Ah!
Sem querer, bufo e me detenho.

Eu paro e me viro desesperadamente.
Tenho certeza de que passamos um pelo outro agora mesmo.
Sinto uma presença irradiando calor bem na minha frente. Meu coração está disparado.

Não consigo vê-lo, mas tenho certeza de que Taki está aqui, bem perto de mim.
Meu coração está palpitando bem forte.
Ele está aqui. Eu estico o braço.

Ela está aqui. Eu estico o braço.
Mas meus dedos não tocam em nada...
— Mitsuha?
Aguardo, mas ninguém responde.
Será que não vai dar certo? Não vou conseguir vê-la? Novamente, contemplo a área ao meu redor.
Eu estou sozinho no alto da montanha.
Olho para baixo, sem saber mais o que fazer, e solto um suspiro longo e fraco.

O vento sopra suavemente, erguendo meu cabelo. O suor já secou. Sinto a temperatura cair drasticamente e noto que o sol está se pondo. Ele se esconde atrás das nuvens. Livres de seu brilho direto, luz e sombra se misturam, e o contorno de tudo neste mundo fica indefinido e tênue. O céu ainda brilha, mas no solo se estende uma fraca sombra. Uma luz indireta e rosada preenche tudo ao redor.

É mesmo. Este momento do dia recebe um nome especial. *Tasogare*, o crepúsculo. *Tasokare*. É a hora em que o contorno das pessoas fica borrado e podemos nos deparar com algo que não é deste mundo. Então eu pronuncio seu antigo nome: — *Kataware-doki*, a hora do crepúsculo.

Nossas vozes se sobrepõem.

Será possível?

Desvio lentamente o olhar das nuvens e olho para a frente.

Ali está Mitsuha.

Ela está boquiaberta, os olhos arregalados voltados na minha direção.

Em vez de ficar surpreso, abro lentamente um sorriso, por achar a expressão pasma dela adorável e engraçada.

— Mitsuha — chamo, e vejo seus olhos se encherem cada vez mais de lágrimas.

— Taki...? Taki? Taki? Taki? — ela repete inúmeras vezes, enquanto toca meus braços com as mãos. Seus dedos ganham força. — Taki, é você mesmo...! — ela se convence com muito custo, derramando lágrimas gordas.

Finalmente nos encontramos. Nos encontramos de verdade. Mitsuha como ela mesma e eu no meu próprio corpo, um de frente para o outro. Fico muito aliviado. Sinto uma profunda paz, como se tivesse acabado de chegar à minha terra natal, voltando de um país onde nem sequer conhecia a língua. Uma alegria serena me preenche.

— Eu vim te ver — digo a Mitsuha, que não para de chorar. Mas as lágrimas dela parecem pequenas bolas de gude, transparentes e redondinhas. — Foi difícil, sabia? Você estava muito longe.

Sim, ela estava muito longe. Em um lugar e um tempo bem distantes.

Ela pestaneja, surpresa, e me encara.

— Hã...? Mas como? Afinal, naquela noite, eu...

— Eu bebi o seu *kuchikamizake* — digo, me lembrando de todo o trabalho que tive até chegar ali.

As lágrimas de Mitsuha cessam.

— O quê...? — Ela perde a fala. Eu posso entender, qualquer um ficaria muito emocionado com isso. — V... v... — Mitsuha vai se afastando aos poucos. Hmm? Por quê? — Vo-você bebeu aquilo?!

— Hein?

— Idiota! Pervertido!

— H-Hein?!

Mitsuha parece irritada, com o rosto inteiro vermelho. Mas por que ela ficou assim tão zangada?!

— Ah, e você tocou nos meus seios, não foi?!

— O quêêê?! — Fico bem perturbado. — C-Como você sabe disso...?!

— A Yotsuha viu tudo! — diz Mitsuha, colocando as mãos na cintura, como se desse bronca em uma criança.

— Ah, desculpa. Foi sem querer... — *Aquela pirralha tinha que abrir a boca?!*, penso enquanto a palma das minhas mãos sua. Eu preciso dar alguma justificativa. — Foi uma única vezinha! — digo irrefletidamente.

Mas que desculpa esfarrapada! Como eu sou idiota!

— Uma só? Hmmm...

Ué? Parece que Mitsuha parou para pensar um pouco a respeito. Quer dizer que se foi uma vez só ela pode me perdoar? Talvez eu consiga me safar. Mas ela ergue as sobrancelhas, como se corrigisse seus pensamentos.

— Seja uma ou várias vezes, dá no mesmo! Seu idiota!

Não deu certo mesmo. Desisto de enrolar e junto as mãos para me desculpar.

— Me perdoa! — Abaixo a cabeça.

Não tenho coragem de dizer que apalpava os seios dela toda vez que trocávamos de lugar.

— Ué? Isso é...

Ela muda rapidamente a expressão e aponta, espantada, para minha mão direita. Eu miro meu pulso.

— Ah, sim.

A pulseira. O fio trançado. Aquele que ganhei de Mitsuha três anos atrás. Solto a pequena presilha de metal que prende o cordão e o desenrolo do meu pulso.

— Não venha me ver antes de a gente se conhecer... Não tinha como eu saber que era você. Toma — digo, entregando o cordão a Mitsuha. Eu me lembro de como ela se sentiu naquele dia dentro do trem e meu coração se enche de ternura. — Eu guardei por três anos. Agora pode ficar com você.

Ela segura o cordão com as duas mãos e ergue o rosto.

— Tá — responde, com um sorriso alegre.

Ao ver seu sorriso... percebo uma coisa. Parece até que o mundo inteiro se enche de felicidade com a alegria dela.

Mitsuha prende o fio trançado na cabeça, como uma tiara, e amarra com um laço sobre a orelha esquerda.

— O que acha? — pergunta ela, com as bochechas rosadas, olhando para cima sem erguer o rosto.

As pontas do laço flutuam, animadas pelo vento.

— Hum...

Não acho que ficou tão bom. Mitsuha ganhou um ar infantil. Além disso, ela não tinha nada que cortar o cabelo tão curto. Ela apareceu para me encontrar em Tóquio de repente e ficou traumatizada sem necessidade. Eu gosto é de cabelos pretos e longos.

Por um instante me permito divagar, mas mesmo eu sei que nessas horas é melhor elogiar. Além disso, no link que Mitsuha me mandou com “Técnicas de conversa para você que não é nem um pouco popular”, estava escrito que, aconteça o que acontecer, convém sempre elogiar as mulheres.

— Acho que... ficou legal.

— Ah... — Mitsuha murcha.

Ué?

— Você não acha isso mesmo, não é?

— Hein?! — Como ela descobriu?! — Não, hahaha... desculpa.

— Tenha dó, viu?! — diz ela, com uma cara indignada, e vira o rosto para o lado.

O que é isso? Pelo visto, conversar com garotas é uma missão impossível...

Então Mitsuha dá uma risadinha. Coloca a mão sobre a barriga e começa a gargalhar. O que há de errado com ela? Antes estava quase chorando, depois ficou brava, e agora dá risada? Mas, ao observá-la, uma euforia cristalina cresce dentro de mim. Fito meus pés, coloco uma das mãos sobre o rosto e desato a rir, acompanhando Mitsuha. Por alguma razão, estamos nos divertindo. Nós dois rimos. Durante o crepúsculo, brilhando com uma luz suave, continuamos a rir como duas crianças.

A temperatura diminui mais ainda. E, pouco a pouco, a luz vai desaparecendo.

— Ei, Mitsuha. — Lembro de quando era criança e brincava com meus amigos depois da aula. Queria ficar brincando mais tempo, mas chegava a hora de voltar para casa. — Ainda temos algo a fazer. Escute.

Explico a ela o plano que bolei com Teshigawara e Sayaka. Ao ver Mitsuha assentir seriamente enquanto ouve minha história, entendo que ela se lembra do que aconteceu. A queda do meteorito e a destruição da cidade. E que ela morreu naquele instante. Para Mitsuha, esta noite é uma repetição.

— Chegou... — murmura ela, com a voz trêmula, ao contemplar o céu.

Sigo seu olhar e noto o vulto borrado e ainda quase transparente da cauda do cometa Tiamat no céu do oeste, que começa a se tingir de azul-escuro.

— Tudo bem, ainda dá tempo — digo enfaticamente, como se quisesse convencer a mim mesmo disso.

— Sim, vou tentar... Ah, logo vai acabar a hora do crepúsculo — diz Mitsuha, já coberta por uma tênue sombra.

— Sim, já vai acabar... — concordo. O brilho do pôr do sol já praticamente desapareceu do firmamento. Logo chegará a noite. — Ei, Mitsuha — digo, forçando um sorriso para espantar a insegurança que cresce de repente em mim. — Vamos fazer uma coisa pra gente não esquecer ao acordar. — Tiro uma caneta do bolso. Seguro a mão direita de Mitsuha e escrevo na sua palma. — Vamos escrever nossos nomes. Toma. — Entrego a caneta a ela.

— Tá...!

Mitsuha abre um sorriso que parece uma flor desabrochando. Segura minha mão direita e encosta ali a ponta da caneta.

Clank.

Ouçó um ruído fraco aos meus pés. Ao olhar para baixo, vejo a caneta caída no chão.

— Hã? — Ergo o rosto. Não há ninguém na minha frente. — O quê...? — Giro a cabeça para os lados. — Mitsuha? Ei, Mitsuha! — chamo por ela em voz alta.

Não há resposta. Caminho apressadamente ao redor. A paisagem é submersa em uma escuridão meio azulada. Abaixo de onde estou, há nuvens inexpressivas, e na escuridão sob elas vejo o vulto do lago Itomori, no formato de um número oito.

Mitsuha se foi.

A noite chegou.

Voltei ao meu corpo de três anos após o incidente.

Miro minha mão direita. A pulseira com os fios trançados não está mais ali. Na palma da mão, há apenas uma fina e curta linha desenhada pela metade. Toco levemente esse traço feito com caneta.

— Eu pensei em dizer... — murmuro, ainda fixando a atenção nessa linha. — Não importa em que lugar do mundo você esteja, eu prometo que vou te encontrar mais uma vez.

Olho para o céu. Não há sinal do cometa, apenas algumas estrelas que começam a brilhar.

— O seu nome é Mitsuha...

Cerro as pálpebras, como se verificasse minhas memórias, como se quisesse tornar aquilo real.

— Tá tudo bem, eu me lembro!

Eu me encho de confiança e reabro os olhos. Uma lua minguante brilha distante no céu.

— Mitsuha, Mitsuha... Mitsuha, Misua, Misua. O nome dela é Misua!

Eu grito o nome dela para a lua minguante.

— O nome dela é...

De repente, sinto como se o contorno das palavras que eu pretendia dizer ficasse borrado.

Pego apressadamente a caneta do chão para escrever a primeira letra do nome dela. Eu tento escrever.

— ...!

Mas minha mão para depois de riscar o primeiro traço. A ponta da caneta começa a tremer. Tento retomar o controle, segurando com muita força. Eu a espeto na mão como se fosse uma agulha e tento registrar o nome para que não desapareça. Mas a ponta da caneta não se move nem mais um milímetro.

— Quem é você...? — Saem essas palavras da minha boca.

A caneta cai da minha mão.

Está desaparecendo. O seu nome. As suas lembranças.

— Por que eu vim até aqui...? — digo em voz alta para tentar manter as lembranças, para tentar reunir as memórias.

— Foi por ela! Eu vim pra encontrá-la! Pra salvá-la! Eu queria que ela sobrevivesse!

Está desaparecendo. Algo que eu considero tão importante está desaparecendo.

— Quem é você? Quem? Quem? Quem...?

Está se esvaindo. Até mesmo os sentimentos que existiam estão desaparecendo.

— Alguém importante pra mim, que eu não posso esquecer. Alguém que eu não quero esquecer!

Tanto a tristeza como o amor, tudo está desaparecendo. Eu já nem sei o motivo das minhas lágrimas. Meus sentimentos se desfazem, como um castelo de areia sendo destruído.

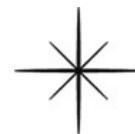
— Quem é você? Quem? Quem...?

Mesmo depois de a areia se desfazer, ainda resta algo. Solidão. Neste momento, percebo que a única coisa que vai permanecer comigo é esse sentimento. Terei que carregar essa solidão comigo, como se fosse um fardo que me obrigassem a levar nas costas.

Tudo bem, que assim seja, penso desafiadoramente. Se o mundo é tão cruel assim, levarei essa solidão comigo, mas continuarei a viver de corpo e alma. Vou continuar a lutar, nem que tenha de carregar somente esse sentimento. Mesmo separados, ou mesmo que jamais possamos voltar a nos ver, continuarei a lutar. Eu jamais vou aceitar isso! Minha resolução soa forte e poderosa, como se eu quisesse comprar briga com os deuses. Logo vou esquecer até mesmo este fenômeno de estar esquecendo essas coisas. Por isso, eu me apoio neste único sentimento e, por fim, grito uma última vez em direção ao céu noturno: — Qual é o seu nome?

Minha voz ecoa por toda a escuridão noturna da montanha. O som da pergunta se repete no vazio e diminui cada vez mais.

Até que tudo cai em silêncio.



Belamente, lutar

Eu começo a correr.

Corro sem parar por um caminho sem trilha em meio à escuridão, repetindo o nome dele.

— Taki, Taki, Taki.

Está tudo bem, eu me lembro! Não vou esquecer de jeito nenhum...

Logo distingo as luzes de Itomori por entre as árvores. Então, o vento traz pequenos trechos das músicas tocadas no festival.

— Taki, Taki, Taki.

No firmamento, o cometa Tiamat ostenta sua longa cauda, brilhando mais que a lua. Contenho o temor que quase me paralisa gritando o nome dele.

— O seu nome é Taki!

Ergo o rosto ao ouvir o ruído de uma moto, e a luz de um farol que sobe a colina reflete em meus olhos.

— Teshi! — elevo a voz e me aproximo da motocicleta.

— Mitsuha! Por onde você andou até agora?! — ele me repreende.

Não tem nem como explicar.

Teshi usa o uniforme da escola com as mangas dobradas e um capacete com luz, do tipo que é usado para explorar cavernas.

— Pediram desculpa por quebrar sua bicicleta — passo o recado de Taki para ele.

— Hã? Quem?

— Eu!

Sem uma palavra, Teshi franze a testa, desliga a motocicleta e acende a lanterna do capacete.

— É bom você me explicar direitinho depois! — ele diz ríspidamente enquanto corre.

“SUBESTAÇÃO DE ITOMORI, PROPRIEDADE CORPORATIVA, PROIBIDA A ENTRADA.” Isso é o que está escrito em uma placa presa ao alambrado, e, atrás dela, há transformadores e torres da rede elétrica. A esta hora o lugar está deserto, e a única coisa visível são as lâmpadas vermelhas dos maquinários.

— É sério que aquilo vai cair?! — pergunta Teshi, fitando o céu.

Nós dois estamos em frente ao alambrado da subestação, contemplando o cometa brilhante.

— Vai, sim! Eu vi com meus próprios olhos! — digo, encarando meu amigo fixamente.

Faltam duas horas até a queda do meteorito. Não há tempo para explicações. Ele vacila por um instante, depois solta um riso curto e desiste de argumentar.

— Viu, é?! Então o jeito é seguir em frente! — diz Teshi, abrindo vigorosamente a bolsa esportiva.

Dentro dela, há vários cilindros que parecem bastões de corrida de revezamento, todos embrulhados em papel pardo. Explosivos em gel. Eu engulo em seco. Teshi pega um grande alicate e aproxima a lâmina da corrente que tranca o portão de entrada da subestação de energia.

— Mitsuha. Se a gente seguir com o plano, não tem como voltar atrás.

— Por favor! Pode deixar que eu me responsabilizo por tudo.

— Idiota! Não é disso que eu tô falando — diz Teshi, irritado, ficando um pouco vermelho. — Agora nós dois vamos virar criminosos juntos!

O som da corrente sendo rompida ecoa alto, como se estilhaçasse a escuridão.

— Assim que a energia da cidade for cortada, os geradores de emergência da escola serão ligados. Aí vai dar pra usar o equipamento de transmissão! — Teshi grita no celular.

Ele está pilotando a motocicleta enquanto eu vou na garupa, segurando o celular para que ele possa conversar com Sayaka. Quase nenhum carro cruza com a gente, estaríamos em completa escuridão se não fossem as luzes das casas ao longo da estrada. Estamos indo para o local entre as montanhas em que se concentra mais luminosidade: o Templo Miyamizu, palco do Festival de Outono. De repente, sinto uma nostalgia estranha, como se voltasse à minha terra natal após ficar muitos anos afastada.

— Mitsuha, a Saya quer falar com você.

— Alô, Saya! — Levo o celular ao ouvido.

— Buááá, Mitsuhaaa! — ela choraminga. — Escuta, eu tenho mesmo que fazer isso?!

Meu coração se aperta quando ouço sua voz insegura. Acho que também choraria se estivesse na posição dela. Se não fosse pela nossa amizade, ela nem cogitaria a hipótese de entrar escondida na sala de radiodifusão da escola durante a noite.

— Sinto muito, Saya. Mas eu conto com você! — No momento, isso é tudo o que eu posso dizer. — Eu imploro! Se não fizermos isso, muitas pessoas vão morrer! Vai repetindo a transmissão o quanto der! — Não há resposta. A única coisa que consigo ouvir é o baixo fungar de seu nariz. — Saya? Ei, Saya!

Começo a ficar insegura. De repente, escuto-a consentir em voz baixa.

— Ah, droga! Dane-se! Diga ao Teshi que, depois dessa, ele também tá me devendo uma!

— O que a Saya disse?

Guardo o celular no bolso da saia e respondo em voz alta para me sobrepor ao ronco da motocicleta: — Disse que você deve uma pra ela também.

— Isso aí! Vamos mandar ver!

Assim que Teshi grita, mais alto ainda que eu, ouvimos o ecoar de um som que parece o estouro de um grande rojão.

Paramos a moto e olhamos para trás. Mais um, dois, três estouros. Explosões seguidas ecoam, e uma fumaça densa e escura sobe do meio das montanhas de onde viemos.

— T-Teshi...!

Minha voz está trêmula.

— Ha!

A respiração de Teshi, que parece uma risada, estremece também.

Então ouvimos uma explosão mais forte e as luzes da cidade se apagam de uma só vez.

— Ei — diz Teshi, com a voz meio vaga.

— A energia foi cortada — respondo.

Funcionou. Fomos nós que fizemos isso.

De repente, uma sirene começa a tocar.

Uóóóóóóóó...!

O barulho ecoa com um volume violento, de estourar os tímpanos, pelos alto-falantes da cidade inteira. É um som sinistro, que mais parece o grito de um gigante, e reverbera pelas montanhas, envolvendo toda a área.

É Sayaka. Ela conseguiu interceptar a transmissão do sistema de alerta da cidade.

Trocamos um sinal com a cabeça e voltamos a sentar na moto. Quando aceleramos em direção ao templo, ouvimos a voz de Saya pelos alto-falantes, como se nos incentivasse. Ela narra devagar e tranquilamente o texto que bolamos; nem parece a mesma pessoa que falava com voz chorosa há pouco pelo celular.

— Aqui é da prefeitura da cidade. Acaba de ocorrer uma explosão na Subestação de Itomori. Há perigo de novas explosões e incêndios florestais.

A motocicleta de Teshi sai da estrada e sobe um caminho estreito no meio da montanha. É um atalho, um leve aclave que dá no templo. Por este caminho, é possível chegar à parte de trás do templo sem ter que subir as escadas de pedra. A moto trepida, e eu tenho que me agarrar às costas de Teshi enquanto ouço o aviso de Saya ecoar. Como a voz dela é muito parecida com a da irmã mais velha, ninguém duvidaria de que a transmissão seja realmente da prefeitura.

— Solicitamos que as pessoas das seguintes regiões se refugiem imediatamente no Colégio Itomori: Distrito de Kadoiri, Distrito de Sakagami, Distrito de Miyamori, Distrito de Oyazawa...

— Tá na hora. Vamos lá, Mitsuha!

— Sim!

Nós pulamos da motocicleta e descemos correndo a escada de madeira construída na montanha atrás do templo. É possível ver os telhados enfileirados das barracas por entre as árvores, e as pessoas que caminham entre elas parecem peixes em um aquário escuro. Tiramos o capacete enquanto corremos.

— Repetindo. Aqui é da prefeitura da cidade. Acaba de ocorrer uma explosão na Subestação de Itomori. Há perigo de novas explosões e incêndios florestais...

Ao descer todos os degraus, nos deparamos com a parte de trás do santuário principal do templo. Logo à nossa frente, as pessoas que se reuniram para o festival murmuram inseguras. Teshi e eu nos apressamos para o meio delas como se estivéssemos apostando corrida.

— Fugam logo! Aconteceu um incêndio florestal! Aqui é perigoso! — gritamos.

A voz de Teshi é extremamente alta, como um megafone. Para não ficar para trás, eu também elevo a minha.

— Fugam todos! É um incêndio florestal, corram!

Então, nós andamos no meio da multidão.

— É sério! Parece que tá tendo um incêndio mesmo!

— Ei, vamos sair daqui!

— Temos que ir até o colégio?

Nossos comentários acabam dando o último incentivo às pessoas que já começavam a se mexer devido à transmissão. Homens e mulheres de *yukata*, crianças, pessoas de idade de mãos dadas com seus netos, todos se dirigem à saída do templo. Eu fico aliviada. Assim deve dar tempo. Graças a ele... *Ele?*

— Mitsuha!

Ouçõ meu nome e me viro para Teshi.

— Isso não é nada bom!

Ao seguir o olhar dele e observar ao redor, percebo que ainda há muitas pessoas sentadas ao lado das barracas ou em pé batendo papo. Uns fumam ou bebem e conversam alegremente.

— Precisaria ter um incêndio florestal de verdade pra conseguir mover esse povo! Precisamos dos bombeiros aqui pra ajudar a evacuar o pessoal. Vai lá na prefeitura e tenta convencer o seu pai de novo... — Ouçõ a voz apreensiva de Teshi sobre a minha cabeça, mas parece tão distante... *Ele?* — Ei, Mitsuha... O que houve?

— Teshi... e agora...? — Eu não consigo pensar em nada e, quando dou por mim, estou apelando:

— Não consigo me lembrar... do nome dele!

O rosto do meu amigo se contorce de preocupação, mas de repente ele grita: — Isso não importa agora, sua idiota! Olhe só ao redor! Foi você quem começou tudo isso! — ele explode, me encarando com raiva.

Só agora eu percebo que a voz de Sayaka está chorosa enquanto repete várias vezes pelos alto-falantes que as pessoas se refugiem no Colégio Itomori.

— Anda logo, Mitsuha — grita Teshi, quase como uma súplica. — Vá e tente convencer o seu pai! Minha expressão fica firme e endireito a postura.

— Pode deixar...! — afirmo com toda a determinação possível e saio correndo por entre as pessoas.

Atrás de mim, escuto Teshi voltar a gritar.

— Fugam todos! Vocês precisam ir até o colégio!

A voz de Sayaka ecoa pela cidade.

— *Há perigo de um incêndio florestal. Solicitamos que todos se refugiem no Colégio Itomori.*

Eu passo por entre as pessoas, atravesso o portal de entrada do templo e desço correndo as escadas de pedra.

Teshi disse que fui eu que comecei tudo isso. E é verdade. Fomos *nós* que começamos isso. Enquanto corro, fito o cometa acima da minha cabeça. Com as luzes da cidade apagadas, ele brilha

ainda mais. É possível ver sua longa cauda acima das nuvens, como uma mariposa gigante espalhando seu pó escamoso cintilante. *Não vou deixar você vencer!*, desafio o cometa.

Está tudo bem, ainda dá tempo...

Repito essas palavras, que já ouvi antes, vindas de outra pessoa.



Aconteceu no começo do outono, quando eu ainda era um estudante do ensino fundamental.

Quando finalmente havia me acostumado a morar apenas com meu pai. Nós tínhamos terminado o jantar não muito gostoso que preparamos juntos com muito esforço. Meu pai estava bebendo uma cerveja enquanto eu comia uma maçã e tomava chá.

Nesse dia, a televisão só passava notícias sobre a aproximação do cometa. Eu nunca tive muito interesse em estrelas ou no universo, mas me impressionei por existirem fenômenos de uma escala tão diferente da que estamos acostumados, como os mil e duzentos anos do período orbital do cometa, ou o raio do seu comprimento orbital, superior a 16,8 bilhões de quilômetros. Podia até ser um pensamento idiota, mas achei espantoso e fiquei animado; ao mesmo tempo, tive tanto medo que meu coração estremeceu.

— *Vejam!* — gritou de repente a apresentadora, com voz excitada. — *O cometa se dividiu em dois e... vários meteoritos se formaram ao redor.*

A câmera deu zoom e o cometa parecia mesmo ter se dividido em dois, com os arranha-céus de Tóquio como pano de fundo. Finos traços, parecendo uma chuva de meteoros, surgiam e desapareciam na ponta do cometa. Essa visão era de uma beleza tão magnífica que meus olhos não conseguiam deixar de observar.



De repente, ouve-se o ranger de uma porta se abrindo durante a transmissão de evacuação. O breve grito de Sayaka, seguido da voz familiar de um homem, sai dos alto-falantes.

— *O que você está fazendo?! Pare já essa transmissão!*

Há um ruído, como o baque de cadeiras caindo, e, depois de um chiado agudo e curto, a transmissão é encerrada.

— *Saya...!* — falo em voz alta ao parar de correr por um momento.

Ela foi encontrada por um professor. Grandes gotas de suor escorrem em minha pele e parecem cair no asfalto fazendo barulho. Esta é a estrada que circula o lago e leva tanto ao colégio como à prefeitura. Posso ouvir os comentários desencontrados das pessoas que se dirigiam para se refugiar no colégio.

— *O que está acontecendo?*

— *Será que teve algum problema?*

— *E como fica a evacuação?*

Isso não é nada bom, penso. Neste momento, uma nova transmissão é iniciada.

— *Aqui é da Prefeitura de Itomori.*

Não é Saya nem a irmã mais velha. É uma voz que eu já ouvi algumas vezes, do responsável pelas transmissões da prefeitura.

— *Estamos verificando as circunstâncias do acidente. Esclarecemos à população que não há motivo para pânico. Mantenham-se onde estão até segunda ordem.*

Volto a correr desesperadamente.

Descobriram a origem do sinal e a prefeitura entrou em contato com o colégio. Saya será repreendida pelos professores. Desse jeito, até Teshi terá problemas.

— *Repetindo. Esclarecemos à população que não há motivo para pânico e solicitamos que todos se mantenham onde estão até segunda ordem.*

Eles não podem ficar onde estão! Tenho que interromper essa transmissão!

Saio da estrada, entro no meio da mata e desço com tudo uma colina. É um atalho para a prefeitura. Os espinhos das moitas arranham minhas pernas, causando uma dor latejante. Teias de aranha grudam no meu rosto e até um inseto que eu nunca tinha visto entra na minha boca.

Finalmente, chego ao pé da colina e volto a correr pelo asfalto. Ao meu redor, não há ninguém — o único som é o da transmissão de rádio pedindo que todos continuem onde estão para esperar novas ordens. Enquanto corro, cuspo a saliva acumulada na boca e limpo com a manga da camiseta meu rosto cheio de suor, lágrimas e teias de aranha. Já não tenho força nas pernas e cambaleio. Mesmo assim, não desisto. Minha velocidade não diminui nem mesmo nas partes mais íngremes. Em uma curva suave, fico rente à proteção de ferro da estrada. Abaixo dela, está o caminho para o lago.

— O quê...?!

Reparo melhor em algo que acho estranho. Algo brilhando no lago. Forço a vista.

Não, não é a água que brilha. A superfície tranquila do lago reflete o céu. Como um espelho, a água revela a imagem de duas caudas luminosas. *Duas...?*, penso. Então analiso o céu.

Ah, o cometa. Finalmente...

— Ele se dividiu em dois...!



Eu pulava de canal em canal na televisão. Em todos eles, só se falava sobre o inesperado show celestial.

— *Realmente, o cometa se dividiu em dois.*

— *Não era para acontecer isso, era?*

— *Mas a visão é realmente fantástica.*

— *Só podemos deduzir que o núcleo do cometa se dividiu.*

— *Acredita-se que o limite de Roche* não foi excedido. Por isso, deve ter ocorrido alguma anormalidade dentro do cometa...*

— *Ainda não houve nenhum anúncio formal do Observatório Astronômico Nacional...*

— *Um caso semelhante ocorreu em 1994, quando o cometa Shoemaker-Levy 9 caiu em Júpiter depois de se dividir em pelo menos vinte e uma partes...*

— *Não haveria algum perigo?*

— *Como o cometa é uma massa de gelo, acredita-se que já terá derretido antes de chegar à superfície da Terra. E, mesmo que se tornem meteoritos, a probabilidade de cair sobre áreas residenciais é extremamente baixa...*

— *É difícil prever em tempo real a nova trajetória de suas partes...*

— *Ter todas as condições para observar este raro e magnífico fenômeno celestial, combinado ao fato de ser noite aqui no Japão, é algo que talvez ocorra uma vez a cada mil anos, e é muita sorte para todos nós que vivemos nesta era...*

— Eu vou lá dar uma olhada!

De repente, eu me levantei da cadeira e, depois de dizer essas palavras ao meu pai, desci correndo as escadas do prédio.

Subi uma colina da vizinhança e olhei para o céu noturno.

Várias luzes brilhantes faziam parecer que havia uma outra Tóquio cobrindo o céu. Era uma visão tão linda quanto a de um sonho.



O cometa se divide em dois. Agora ele está acompanhado e zomba da minha solidão. Eu corro sozinha como uma criança perdida pela cidade escura com o blecaute.

Quem é? Quem? Quem é ele? Essa dúvida me atormenta enquanto eu corro cambaleante, sem tirar os olhos do cometa.

É alguém importante pra mim. Que eu não posso esquecer. Que eu não quero esquecer.

Falta pouco para chegar à prefeitura. E também para que o cometa se torne um meteorito e caia sobre todos nós.

Quem é? Quem? Quem é você?

Uso todas as minhas forças e aumento a velocidade.

Qual é o seu nome?

— Ah! — grito, assustada.

Tropeço em uma depressão e, quando percebo, meu rosto já está próximo demais do asfalto. Sinto o choque e caio rolando, sem conseguir parar. Uma dor aguda se espalha, minha visão embaralha e perco a consciência.

*

.....

.....

.... Mas.

A sua voz chega aos meus ouvidos.

— Vamos fazer uma coisa pra gente não esquecer ao acordar.

Foi o que você disse naquela hora.

— Vamos escrever nossos nomes.

E escreveu algo na minha mão.

Abro os olhos, caída de lado no chão.

Minha visão turva vislumbra a mão direita fechada. Eu quero abrir os dedos. Tento abrir, mas estão rijos. Mesmo assim, pouco a pouco, eles me obedecem.

Há algo escrito. Forço um pouco a vista para ler.

Eu te amo

Minha respiração é suspensa por um instante. Tento me levantar. Como não tenho forças, levo muito tempo para me mover. Mesmo assim, sou capaz de ficar em pé no asfalto. Então, miro novamente a palma da minha mão. Está escrito apenas “Eu te amo”, com uma caligrafia nostálgica, que eu já vi antes.

Mas desse jeito..., penso. As lágrimas transbordam e minha vista volta a ficar turva. Com as lágrimas, uma nascente de rio forma ondas de calor que irradiam por todo o meu corpo. Eu sorrio enquanto choro e digo, me dirigindo a você: — Desse jeito, não tem como eu saber o seu nome...

Então, volto a correr com todas as minhas forças.

Não tenho mais medo de nada. Também não terei medo de ninguém. Não me sinto mais solitária.

Pois, finalmente, eu percebo uma coisa.

Estou apaixonada. Nós dois estamos.

Isso significa que vamos voltar a nos encontrar, com toda a certeza.

Por isso, eu vou viver.

Vou sobreviver.

Não importa o que aconteça, mesmo que o cometa caia, eu vou sobreviver.



Ninguém poderia prever que o centro do cometa se despedaçaria próximo à Terra, nem que no seu núcleo havia uma grande massa rochosa coberta pelo gelo.

Justo nesse dia, a cidade comemorava o Festival de Outono. A queda aconteceu às 8h42 da noite. O ponto de impacto foi nas proximidades do Templo Miyamizu, o palco das festividades.

Tendo como epicentro o templo, uma vasta área foi destruída com a queda do meteorito. A cratera formada com o choque tinha quase um quilômetro de diâmetro. As águas do lago fluíram para dentro da cratera, submergindo a maior parte da cidade. Itomori se tornou o palco da maior tragédia causada por um meteorito na história da humanidade.

Eu me lembro dessas coisas enquanto observo o novo lago Itomori, no formato de um número oito. Não há como imaginar que ocorreu uma tragédia como essa há três anos, ao ver a imagem serena do lago refletindo a luz do sol em meio à neblina da manhã. Também é difícil aceitar que o cometa que vi em Tóquio há três anos foi o responsável por isso.

Estou sozinho, em pé no topo da montanha, cercado apenas por rochas.

Quando acordei, já estava aqui.

Dou uma olhada rápida na minha mão direita. Há um risco ali, como se alguém tivesse começado a escrever algo na palma da minha mão.

— O que é isso...? — murmuro. — O que eu estava fazendo aqui?

Nota

* Distância mínima que um objeto na órbita de um planeta (ou de outro corpo de maior massa) pode suportar sem se desintegrar, por conta de forças gravitacionais. (N. da T.)



8

Seu nome

Sem perceber, adquiro algumas manias.

Quando fico impaciente, toco a minha nuca. Quando vou lavar o rosto, encaro fixamente o fundo dos meus olhos no espelho. Mesmo nas manhãs em que estou com pressa, paro na frente de casa e contemplo a paisagem por um momento.

Também tenho a mania de observar a palma da mão, sem nenhuma razão aparente.

— *Próxima estação, Yoyogi... Yoyogi* — anuncia uma voz sintetizada.

É quando eu percebo que estou fazendo novamente. Desvio o olhar da mão direita para observar despreocupadamente o lado de fora do trem. Posso ver as pessoas em pé na plataforma fluírem com o desacelerar do vagão.

De repente, sinto um arrepio me percorrer por inteiro.

Um pouco depois, eu penso: *É ela*.

Ela está em pé na plataforma.

O trem para e eu mal posso me conter até que a porta abra. Então, saio correndo de dentro do vagão. Giro nos calcanhares, vasculhando a plataforma. Algumas pessoas passam por mim com cara desconfiada. Finalmente, recupero a calma.

Não tem ninguém que eu esteja procurando. “Ela” não é ninguém.

Essa também é uma estranha mania que acabei pegando.

Quando me dou conta, novamente estou mirando a palma da minha mão. *Só mais um pouco...*, penso.

Só um pouco mais de tempo. Só mais um pouco.

Não sei desde quando, mas passo a desejar algo sem saber ao certo o que é.

— Eu me candidatei a esta vaga porque gosto de prédios... digo, gosto da paisagem da cidade, de toda paisagem onde vivem pessoas.

O semblante dos quatro entrevistadores à minha frente parece se enevoar. *Não, deve ser impressão minha*, penso. Esta é a primeira empresa em que consigo chegar até a segunda fase de entrevistas. *Não posso deixar esta chance escapar*, tento me encorajar.

— Sempre foi assim. Nem eu sei o motivo, mas... eu simplesmente gosto disso. Gosto de observar os edifícios e as pessoas que vivem ou trabalham neles. Por isso eu frequento muito cafeterias e restaurantes. Também já trabalhei nesses lugares...

— Entendo... — diz um dos entrevistadores, interrompendo discretamente meu discurso. — Então, poderia explicar por que decidiu seguir a área da construção civil, em vez de uma carreira na indústria alimentícia?

Quem faz a pergunta é uma mulher de meia-idade, a única que parece ser mais gentil. Neste momento, finalmente, percebo que estou divagando e não sendo profissional. Começo a suar dentro do terno que não estou acostumado a vestir.

— Bem... eu me diverti muito atendendo clientes, mas queria me envolver com algo maior...

Algo maior? Parece mais a resposta de um estudante do ensino fundamental. Meu rosto certamente está ficando vermelho.

— Afinal... não se sabe quando Tóquio pode vir a desaparecer.

Agora sim posso ver claramente o rosto dos entrevistadores se enevoar. Percebo que estou tocando a parte de trás do pescoço de novo e, apressadamente, junto as mãos no colo.

— Por isso, se essas paisagens desaparecerem um dia, ou melhor, justamente porque elas vão desaparecer, eu gostaria de criar uma arquitetura que emocione as pessoas, mesmo que seja apenas em suas memórias...

Ah, não vai dar certo. Nem eu consigo entender o que estou dizendo. Mais uma vez, serei reprovado. Fito os arranha-céus acinzentados atrás dos entrevistadores e tenho vontade de chorar.

— A quantas empresas você já foi para fazer entrevista, contando a de hoje? — pergunta Takagi.

— Não estou contando — respondo, desalentado.

— Não tá com jeito de quem vai passar — diz Tsukasa, me provocando.

— Vira essa boca pra lá! — retruco, mal-humorado.

— Vai ver é porque esse terno não combina com você — provoca Takagi, dando risada.

— Vocês não estão em situação tão diferente assim da minha! — demonstro irritação.

— Eu fui aprovado em duas empresas — diz Takagi, entusiasmado.

— E eu, em oito — diz Tsukasa, com certo desdém.

— Ugh...!

Não tem como argumentar. A xícara de café treme na minha mão diante de tamanha humilhação.

Plim.

Pego o celular que deixei em cima da mesa. Verifico a mensagem que chegou, tomo o restante do café em um só gole e me levanto da cadeira.

A propósito, nós três vínhamos muito a essa cafeteria quando estávamos no colégio. Isso me vem à mente enquanto corro em direção à estação, depois de me despedir de Tsukasa e Takagi com um aceno de mão. Naquela época, nós vivíamos tão despreocupados. Não precisávamos ficar pensando no futuro, ou em procurar emprego, e nos divertíamos muito todos os dias. Principalmente naquele verão... Sinto que o verão do segundo ano do ensino médio foi especialmente divertido. Parece que meu coração palpitava e se excitava com tudo o que meus olhos podiam ver. *Mas o que foi que aconteceu?*, paro para pensar, mas chego à conclusão de que não aconteceu nada de especial. Talvez eu só estivesse numa idade em que achasse qualquer coisa divertida.

Ainda assim... Divagando, desço correndo as escadas do metrô.

— Ora. Vejo que está procurando emprego, hein? — diz a senhorita Okudera, tirando os olhos do celular para analisar meu terno.

O entardecer na frente da estação de Yotsuya está repleto dos murmúrios despreocupados das pessoas que se livram de um dia de trabalho ou de aulas na escola.

— Pois é, mas está bem difícil.

Ao ouvir minhas palavras, a senhorita Okudera pensa por um momento e me observa. Ela me analisa dos pés à cabeça, franzindo a testa, e diz com ar sério:

— Talvez seja porque esse terno não combina com você.

— Eu fico tão mal assim de terno?!

Por impulso, olho para minhas roupas.

— Que é isso, eu só estou brincando! — diz ela, com um enorme sorriso, mudando completamente a expressão do rosto.

A senhorita Okudera me convida para caminhar um pouco e seguimos pela Rua Shinjuku, contrariando o sentido seguido pelos universitários. Atravessamos o distrito de Kioi e passamos pela Ponte Benkei. Só então eu percebo que as árvores das ruas mudaram de cor. Cerca de metade das pessoas por quem passamos usa um casaco fino. Mesmo a senhorita Okudera veste um confortável casaco cinza.

— O que trouxe você aqui hoje? Sua mensagem foi meio inesperada — digo à senhorita Okudera, caminhando lado a lado, e me sinto como se apenas eu estivesse atrasado quanto à estação do ano.

— Qual o problema? — Ela aperta os lábios. — Não posso entrar em contato se não tiver um motivo?

— Não, não é isso! — Balanço a mão apressadamente.

— Ficou feliz em me ver depois de tanto tempo?

— Ah, sim. É claro.

A senhorita abre um sorriso satisfeito pela minha resposta e diz:

— Eu vim para cá a trabalho e decidi te ver, Taki.

Ela trabalha em uma grande empresa da área de moda, e agora está em uma filial em Chiba.

— A vida no subúrbio até que é divertida, mas Tóquio é animada e especial mesmo, não é? — diz a senhorita Okudera, admirando o entorno com certo deslumbre. — Olha só — diz ela de repente, e eu ergo o rosto.

Estamos atravessando a passarela quando avistamos o telão de uma loja de eletrônicos na altura da nossa vista. Está passando a imagem aérea do lago Itomori, com a forma de um número oito, e os dizeres “Oito anos após a tragédia do cometa” em letras enormes.

— Lembra que fomos até Itomori um dia? — ela pergunta, fechando os olhos, como se buscasse lembranças distantes. — Você ainda estava no colegial, Taki, então deve ter sido...

— Acho que foi há cinco anos — respondo.

— Já faz tanto tempo assim? — ela se surpreende, soltando um pequeno suspiro. — Esqueci muita coisa daquela época.

Eu também, penso. Descemos a passarela e, enquanto andamos pela Rua Sotobori, ao longo das propriedades imperiais de Akasaka, tento me lembrar daquele dia.

O verão do segundo ano do ensino médio... Não, aquilo aconteceu bem nesta época do ano, no começo do outono. Fiz uma pequena viagem com Tsukasa e a senhorita Okudera. Pegamos o trem-bala, depois o expresso até Gifu e andamos pelas terras ao longo da linha local sem destino certo. É mesmo, também entramos em um restaurante de lámen, isolado ao longo da rodovia nacional. Depois disso... as lembranças são turvas, como se fossem memórias de uma outra vida. Talvez por termos brigado, tenho uma vaga lembrança de ter me separado dos dois por um tempo. Por conta própria, escalei uma montanha, passei a noite lá e voltei sozinho para Tóquio no dia seguinte.

É verdade... Naquela época, eu estava obcecado com os acontecimentos que envolviam aquele cometa.

Um desastre natural raramente visto na história da humanidade, em que um fragmento de cometa destruiu uma cidade. No entanto, praticamente todos os habitantes se salvaram naquela noite, milagrosamente. Por coincidência, no dia da queda do cometa, toda a cidade de Itomori estava participando de um treinamento de evacuação, e a maioria dos habitantes estava fora da área afetada.

Lembro que tamanha coincidência gerou diversos rumores. O fenômeno celestial sem precedentes e a extraordinária sorte da população foram suficientes para despertar a imaginação das pessoas e da imprensa sensacionalista. Ideias irresponsáveis e perturbadoras eram aventadas todos os dias, desde boatos que pareciam estudos folclóricos ligando a lenda do Deus Dragão de Itomori com a vinda do cometa, até discursos políticos elogiando ou questionando a autoridade do prefeito de Itomori, que impôs a evacuação. Correram até mesmo boatos ocultistas de que a queda do meteorito já era algo previsto. Outros detalhes que estimularam especulações foram o fato de a cidade ser isolada, como uma ilha em terra firme, e o fato de que a área havia sofrido um misterioso apagão duas horas antes da queda do meteorito. O interesse geral continuou até se concluir boa parte do programa de migração das vítimas para outros territórios, mas, assim como ocorre em muitos casos, na mudança das estações o caso da cidade de Itomori foi desaparecendo da mídia.

Mesmo assim... eu ainda acho estranho. Por alguma razão, cheguei a fazer vários desenhos da cidade de Itomori. Mas essa minha obsessão nasceu alguns anos depois da queda do cometa. Foi como se *algo* me chamasse de repente, para logo desaparecer sem deixar rastros, como se o cometa tivesse chegado tardiamente para mim. O que teria sido aquilo...?

Bem, agora isso não importa, penso enquanto observo as ruas de Yotsuya submergirem na escuridão da colina ao longo da Rua Sotobori. *Agora isso não importa mais*, volto a pensar. Em vez de tentar me lembrar de acontecimentos do passado, preciso me focar na procura de emprego no ano que vem.

— Começou a ventar — sussurra a senhorita Okudera enquanto seu longo cabelo ondulado é carregado pelo vento.

Uma fragrância doce e suave que senti há muito tempo, em um local bem distante, chega até mim. Sinto uma dor no peito, como se fosse um reflexo condicionado a esse aroma.

Nós jantamos juntos no restaurante italiano onde trabalhávamos quando éramos estudantes.

— Ei, você se lembra que prometeu me pagar uma refeição depois que se formasse no colégio, Taki?

Graças a essa promessa, da qual eu não me lembro, tive que pagar o jantar para a senhorita Okudera. Apesar disso, paguei de bom grado, e pretendia acompanhá-la até a catraca da estação quando ela diz:

— Obrigada por me acompanhar. Aqui já está bom.

— Não sabia que a comida do restaurante onde a gente trabalhava era tão gostosa.

— A refeição que a gente comia lá mais parecia merenda escolar. Não tinha como sabermos que era tão gostoso.

Rimos. Ela respira fundo e se despede de mim. Em seu dedo anelar, há um anel fino e brilhante.

— Espero que você também seja feliz um dia — disse a senhorita Okudera mais cedo, depois de me informar, enquanto tomávamos um café espresso, que iria se casar.

Sem ter uma boa resposta, eu apenas disse as palavras de felicitação costumeiras.

Eu não estou infeliz, penso ao observar a silhueta da senhorita Okudera descendo a passarela. Mas também não sei bem o que seria a felicidade.

De repente, fito a palma da minha mão. Mas não há nada ali.
Só mais um pouco..., volto a pensar.

*

Quando me dou conta, a estação do ano já mudou mais uma vez.

Passou-se um outono cheio de tufões e, sem nem uma pausa, veio o inverno, que trouxe apenas chuvas geladas. A garoa soa feito um sussurro esta noite, como lembranças de conversas de um dia distante. Luzes de Natal brilham do outro lado das janelas da cafeteria, forradas de gotas.

Tomo o café do copo de papel, como se quisesse afogar meus pensamentos mundanos, e volto a analisar minha agenda. Mesmo agora, em dezembro, ainda está cheia de entrevistas de emprego.

Visitas aos colegas formandos, reuniões de instrução, prazos para inscrições de vagas, cronogramas, previsões de entrevistas. Minhas escolhas não seguem nenhuma lógica, indo de grandes empreiteiras a escritórios de design e até fábricas na parte baixa de Tóquio. Já estou cheio de tudo isso e paro para comparar as anotações da minha agenda e do cronograma no meu celular. Organizo os pontos principais e os transcrevo para a agenda.

— Eu queria ir a outra feira de noivas.

Misturada ao som da chuva, até mesmo a conversa de estranhos parece soar misteriosa. Já há algum tempo, um casal atrás de mim conversa sobre os preparativos de seu casamento. A moça me faz lembrar da senhorita Okudera, mas a voz e o jeito dela são bem diferentes. O casal tem um sotaque de alguma região tranquila do interior, e a conversa deles emana uma sensação de segurança, como se fossem amigos de infância. Por alguma razão, minha atenção se detém nesses dois.

— Mais uma? — responde o rapaz, como se estivesse cansado, mas sua voz não esconde a profunda afeição pela moça. — Já fomos a várias. São todas iguais.

— É que eu acho que uma cerimônia xintoísta também seria uma boa.

— Mas você disse que o seu sonho era casar em uma capela.

— Esse é um acontecimento único na vida, não dá para decidir assim tão fácil.

— Mas você disse que já tinha decidido — protesta o rapaz.

Dou uma risadinha. A moça ignora esse comentário e deixa escapar uma voz pensativa.

— E, Teshi, trate de fazer a barba para o casamento.

Estou para dar um gole de café quando ouço isso e minha mão se detém.

— Quero emagrecer uns três quilos até lá — ela continua.

— E vem dizer isso enquanto come bolo?

— Amanhã vou começar a dieta pra valer!

Olho para trás discretamente.

Os dois já se levantaram da mesa e vestem o casaco. Posso ver o rapaz alto de perfil, com o cabelo raspado, colocando um gorro de malha. A moça é miúda e tem um corte de cabelo chanel que lhe dá um ar jovial de estudante. Então os dois viram e saem da cafeteria. Por alguma razão, não consigo desviar o olhar das costas deles.

— Obrigado pela preferência — agradece o atendente da cafeteria, mas sua voz se mistura à chuva e chega de forma vaga aos meus ouvidos.

Quando saio da cafeteria, a chuva já se tornou neve.

Talvez por causa da alta umidade do ar, a cidade está estranhamente quente, apesar da neve. Mesmo sabendo disso, imagino a possibilidade de ter sido magicamente transportado para outra época

do ano. Cada um que passa por mim parece esconder um segredo, e eu acabo me virando para observá-los.

Logo em seguida, vou para a biblioteca municipal, que já está perto de fechar. Há poucos visitantes no espaço amplo e ventilado, dando a sensação de o ar ali dentro ser até mais frio que do lado de fora. Sento e abro o livro que peguei em uma estante. É um livro de fotos intitulado *Itomori, a cidade que desapareceu*.

Viro página por página lentamente, como se quebrasse um sagrado selo antigo.

Árvores de ginkgo e uma escola primária. A escada íngreme do templo que dá para o lago. O portal do templo com a pintura descascada. Um pequeno cruzamento ferroviário no meio das plantações, parecendo um bloco de construção. Um grande estacionamento, dois bares construídos lado a lado e um escuro colégio de concreto. Uma rodovia velha com o asfalto rachado, uma proteção de ferro ao longo de um caminho íngreme e tortuoso, estufas que refletem o céu.

São paisagens comuns, que podem ser vistas em qualquer lugar do Japão. Por isso, todas me parecem familiares. Consigo imaginar tanto a temperatura das paredes de pedra como o vento frio, como se eu tivesse morado naquele local.

Não sei o porquê disso. Continuo a folhear o livro enquanto divago.

Por que meu coração dói tanto ao ver paisagens tão comuns, de uma cidade que não existe mais?

Certa vez, movido por um forte sentimento, eu adotei uma resolução.

Essa memória me vem, repentinamente, em vários momentos da vida, seja enquanto admiro a janela iluminada de alguma residência na volta para casa, ou quando estou esticando a mão para pegar um lanche em uma loja de conveniência, ou até mesmo enquanto amarro o cadarço dos sapatos.

Um dia, eu tomei uma decisão. Encontrei uma pessoa e... Não, eu tomei uma decisão para poder encontrar essa pessoa.

Penso nisso e dou uma risada fraca enquanto me olho no espelho depois de lavar o rosto, ou quando levo o lixo para fora de casa, ou conforme observo o sol nascer por entre os prédios.

No fim das contas, meus pensamentos são sobre *uma pessoa e uma decisão* que não faço ideia de quem ou o que seja.

Divago sobre essas coisas ao fechar a porta da sala de entrevista.

Mas continuo a me debater e a lutar. Sendo um tanto dramático, eu poderia dizer que estou lutando pela vida. Não seria essa a resolução que tomei certo dia? Continuar a lutar. Continuar a viver. Respirar e andar. Correr. Comer. Criar laços. Viver normalmente, assim como derramo lágrimas vendo paisagens comuns de uma cidade qualquer.

Só mais um pouco, penso.

Um pouco mais. *Só mais um pouco*.

Não sei o que estou buscando, mas continuo desejando algo.

Só um pouco mais de tempo. Só mais um pouco.

As cerejeiras florescem, longas chuvas limpam a cidade, nuvens brancas surgem alto no céu, as folhas das árvores ganham outras cores, o vento gélido sopra. Então, as cerejeiras voltam a florescer.

Os dias vão passando depressa.

Termino a faculdade e consigo um emprego. Vivo os dias com a angústia de alguém que se segura firmemente dentro de um carro em movimento para não ser lançado para fora. Há momentos em que sinto que estou me aproximando do destino que desejo.

De manhã, ao acordar, fito minha mão direita. Há uma pequena gota sobre meu dedo indicador. Tanto o sonho que tive há pouco como as lágrimas que umedeciam o canto dos meus olhos já desapareceram.

Só mais um pouco..., penso enquanto saio da cama.

Só mais um pouco.

É com esse desejo que eu me viro para o espelho e prendo o cabelo com o cordão. Abro a porta do apartamento e me detenho por um instante para admirar a paisagem de Tóquio que se estende à minha frente. Subo as escadas da estação, atravesso a catraca e entro no trem lotado. O céu azulado atrás da cabeça dos passageiros parece tão límpido.

Eu me apoio na porta do trem e olho para fora. Há várias pessoas nas janelas dos prédios, nos carros e nas passarelas. Uma cidade onde correm mil trens, com capacidade para transportar mil passageiros, cujos vagões comportam cerca de cem pessoas. *Só mais um pouco*, penso enquanto observo essa cena.

Neste instante, sem nenhum aviso, eu encontro.

De repente, eu encontro.

Ele está no trem que corre ao lado do meu, estamos a uma distância capaz de ser alcançada ao se estender a mão, tendo apenas as janelas de vidro nos separando. Ele olha diretamente para mim, seus olhos arregalados de espanto, como os meus. Então, reconheço o desejo que guardei no peito esse tempo todo.

Ela está ali, a cerca de um metro. Nem sei seu nome, mas eu sei que é ela. No entanto, nossos trens se distanciam cada vez mais. Então, outro trem corre entre nós e não posso mais vê-la.

Mas, finalmente, descobri qual é o meu desejo.

Quero ficar mais um pouco ao lado dela.

Quero ficar só mais um pouco com ele.

Quando o trem para, saio do vagão e corro pela cidade. Estou procurando por ela. Tenho certeza de que ela também está procurando por mim.

Nós já nos encontramos antes. Não, talvez seja só impressão minha. Talvez seja só uma ideia que parece mais um sonho, uma ilusão de uma vida passada. Mesmo assim, eu... nós... queremos ficar mais tempo juntos. Queremos ficar juntos nem que seja só mais um pouco.

Por que estou correndo assim?, penso enquanto acelero pela ladeira. *Por que estou procurando por ele?* Provavelmente eu sei a resposta. Não consigo lembrar, mas meu corpo sabe. Ao virar em um beco estreito, a rua se afunila em uma escadaria. Ando até ela, olho para baixo e o vejo.

Eu me controlo para não sair correndo e subo os degraus lentamente. Um vento com a fragrância de flores sopra e infla meu terno. Ela está em pé no topo da escadaria. Mas eu não tenho coragem de olhar diretamente para ela e apenas vislumbro sua presença com o canto do olho. Percebo que ela começa a descer os degraus. Posso ouvir o som dos seus passos ecoar na atmosfera primaveril. Meu coração bate disparado.

Nós nos aproximamos olhando para baixo. Ele está calado, e eu também não consigo dizer nada. Acabamos nos cruzando sem trocar uma palavra sequer. Neste instante, sinto uma dor me percorrer, como se esmagasse diretamente o meu coração. *Isso está errado*, penso com intensidade. Está errado sermos completos estranhos. Isso vai contra qualquer mecanismo do universo ou lei da vida. Por isso...

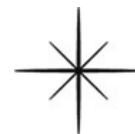
Por isso eu me viro. Ela se vira para mim exatamente no mesmo segundo. Ela está em pé na escada, com os olhos redondos e arregalados, com a cidade de Tóquio às suas costas. Noto que seu cabelo está preso com um cordão da cor do pôr do sol. Estremeço.

Finalmente eu o encontro. Finalmente nos encontramos. *Se continuar assim, vou cair no choro*. No momento em que penso isso, noto que já estou chorando. Ele ri ao ver minhas lágrimas. Eu também sorrio enquanto choro. Respiro profundamente o ar primaveril e cheio de promessas.

Então, nós dois abrimos a boca ao mesmo tempo.

Como crianças contando o tempo para sincronizar a fala, soltamos ao mesmo tempo:

— Qual é o seu nome?



Posfácio

Na verdade, eu não pensava em escrever este livro.

Talvez dizer isso seja indelicado com os leitores, mas acho que *your name.* é uma obra mais apropriada para ser exibida como filme de animação.

your name. é uma versão textual do filme de animação que dirigi e que estreou no Japão no verão de 2016. Isso significa que esta é a novelização do filme. No entanto, este posfácio está sendo escrito antes mesmo de a animação ser concluída. Ainda faltam uns três meses para terminá-la. Como o livro será publicado antes de o filme ser exibido no Japão, torna-se meio complicado dizer qual é a obra original. Ao escrever este romance, uma imagem renovada foi criada dentro de mim. Percebi como Mitsuha é descontraída e otimista, e como Taki é péssimo para lidar com as mulheres. É possível que isso até influencie na hora da dublagem do filme. É a primeira vez que faço um filme e um livro desse jeito, como se fosse uma troca de presentes, e, sinceramente, foi muito divertido.

•

Não há muita diferença entre a história do livro e a do filme, mas há uma diferença sutil na maneira de contá-las. O romance é narrado em primeira pessoa por Taki e Mitsuha, ou seja, o leitor não tem acesso às cenas em que os protagonistas não aparecem. No filme, o foco é em terceira pessoa... ou seja, um mundo projetado pela câmera. Por isso, há muitas cenas que dão uma visão literalmente panorâmica das pessoas, além do ponto de vista de Taki e Mitsuha. Acredito que é possível se divertir com ambas as obras separadamente; mas, devido às características próprias de cada mídia, é natural que elas sejam mutuamente complementares.

O livro eu escrevi sozinho, já o filme é uma construção realizada por muitas mãos. Dei forma ao roteiro da animação após meses de reuniões com a equipe de *your name.* na Toho, produtora e distribuidora de filmes. As críticas do produtor Genki Kawamura são sempre muito inteligentes e, mesmo achando-o meio maluco de vez em quando — ele brinca até sobre coisas sérias —, creio que sempre fui guiado por ele.

Metade deste livro eu escrevi em casa, e a outra metade, no estúdio de produção do filme, mas acredito que só consegui concluí-lo graças a Masashi Ando, o diretor de animação. Não que eu discutisse o que escrevia com ele. Mas foi graças à sua verdadeira dedicação ao filme que eu consegui arranjar tempo para escrever o livro, mesmo em meio à correria que é a produção de uma animação.

Além disso, há os membros da banda RADWIMPS, responsável pela trilha sonora. Obviamente não há sons no livro, mas ele sofreu grande influência das letras das canções da banda. Quanto ao filme, o papel da música é especialmente importante, e eu espero que vocês prestem atenção às particularidades da música tanto na trama do filme como na do livro. (Para isso, é preciso assistir ao filme também. Por favor, assistam!)

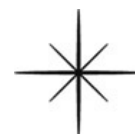
No início deste posfácio, eu afirmei que esta história é mais apropriada para ser exibida na forma de filme de animação, mas isso porque ela é fruto do talento de diversas pessoas. Acredito que um filme esteja em um patamar superior às habilidades de um único ser humano.

Mesmo acreditando nisso, eu acabei escrevendo este livro. Fiz isso porque tive vontade de escrevê-lo.

Porque senti que pode existir um Taki ou uma Mitsuha por aí em algum lugar. Lógico que esta história é uma fantasia, mas acho que podem existir pessoas que tenham passado pelas mesmas experiências, ou que sintam as mesmas coisas que eles. Pessoas que perderam entes queridos ou um lugar importante, mas decidiram continuar lutando. Pessoas que ainda não encontraram um propósito na vida, mas continuam a buscá-lo, esticando as mãos, acreditando que um dia encontrarão o que desejam. E eu acho que escrevi este livro porque senti a necessidade de contar essa história com outro ritmo, de uma forma um pouco mais lenta, diferente do mundo deslumbrante do cinema.

Agradeço muito por pegarem este livro em suas mãos e lerem o que escrevi.

Março de 2016
Makoto Shinkai



Comentários

— Escreva algumas palavras, por favor — pede Makoto Shinkai na sala de reuniões da CoMix Wave Films.

Entrei em pânico com o pedido repentino e respondi que achava que este texto deveria ser feito de forma objetiva por terceiros.

Eu sou o produtor de *your name*. e não teria essa visão objetiva.

Mesmo assim, Shinkai não desistiu. Continuou insistindo que eu escrevesse.

Passaram-se alguns meses e eu li seu livro. Uma obra maravilhosa.

Então, achei ter entendido o motivo de ele ter me pedido um texto.

Ele não queria a minha “interpretação”. Entendi que o que ele queria era que alguém por dentro de todo o processo expusesse as circunstâncias do nascimento desta obra.

Dois anos atrás, ficou decidido que eu faria um filme com Makoto Shinkai.

Nessa noite, fomos beber em um boteco, embaixo de um viaduto em Yurakucho.

Começamos a conversar; eu com um highball na mão, e ele com uma caneca de chope.

Vozes de uma estrela distante, O lugar prometido em nossa juventude, Cinco centímetros por segundo.

Shinkai vem criando histórias de amor de jovens que acabam se desencontrando neste mundo belo e grandioso. Eu disse que queria que ele fizesse de sua mais recente obra a melhor de todas que ele já produzira.

Eu queria que as pessoas que ainda não o conheciam se impressionassem ao entrar em contato com sua criação (assim como aconteceu comigo há catorze anos, quando assisti a *Vozes de uma estrela distante*). E, para aqueles que já acompanhavam sua produção, queria que presenciassem o que o seu talento é capaz de criar.

Além disso, falei que gostaria que seu novo filme fizesse bom uso da musicalidade (as obras de Shinkai sempre têm trilhas sonoras maravilhosas). Eu perguntei se havia algum artista de quem ele gostasse. Então, ele mencionou uma banda. Animado pela bebida, enviei naquele mesmo segundo uma mensagem para o vocalista, que eu já conhecia fazia um tempo.

“Comecei a procurar por você bem antes da sua vida passada.”

Seis meses depois, Yojiro Noda, da RADWIMPS, enviou uma gravação com a canção “Zen Zen Zense” (Bem antes da sua vida passada), a música tema do filme. É uma composição maravilhosa, que

deve marcar época até mesmo para a RADWIMPS.

“Fiquei tão empolgado que estou ouvindo a música todo encharcado no meio da chuva.”

Por alguma razão, tive vontade de chorar ao ler a mensagem de Shinkai pelo Line.

Em um mundo como o nosso, onde existem tantos encontros, é difícil reconhecer a pessoa destinada a você. Mesmo que esse encontro aconteça, quem poderia garantir que vocês foram feitos um para o outro?

Makoto Shinkai e Yojiro Noda criaram um mundo imenso para a história de duas pessoas que se desencontram.

Os dois se encontraram como se tivessem sido guiados pelo destino, e nasceu uma colaboração milagrosa (mesmo que o que tenha causado isso seja uma conversa em um boteco embaixo de um viaduto).

Shinkai fez o storyboard da história e o enviou para Noda, para que ele o espalhasse pelo mundo em forma de música. Foi a mistura dos dois que criou este livro. E foi graças à produção do livro que o filme, prestes a ser concluído, ganhou mais densidade. Não posso imaginar que outro filme possa ser criado em meio a tanta sorte como este.

— Desta vez, não vou escrever um livro.

Apesar dessa declaração, Shinkai acabou escrevendo ao ouvir a música de Noda.

Não tem como escutar os sons em um livro. Mas sinto que posso ouvir a música da RADWIMPS nesta obra.

Creio que esta seja uma obra rara, criada a partir de um encontro do destino.

Em 2012, eu escrevi o romance *Se os gatos desaparecessem do mundo*.

Nele, eu contei a história de um carteiro caminhando para a morte.

Eu estava falando sobre a morte, mas, quando percebi, a história era sobre as memórias dele.

O que pode ser mais cruel para uma pessoa? Lógico que a morte. Sempre pensei dessa forma.

Só que existe algo mais cruel que isso.

Que é viver e se esquecer da pessoa amada.

“Onde habitam as memórias de uma pessoa?”

Será nas terminações nervosas das sinapses do cérebro? Será que há memórias nos globos oculares e na ponta dos dedos? Ou será que existe uma massa espiritual coletiva, invisível e sem forma, como uma névoa, que guarda as memórias? Pode ser aquilo que as pessoas chamam de mente, espírito ou alma. Mas será que é possível tirar e colocar isso de volta, como um sistema operacional com um cartão de memória?”

Taki se pergunta sobre isso nesta história.

As pessoas são seres misteriosos. Esquecem coisas importantes, mas se lembram de banalidades. Não conseguimos guardar somente as coisas importantes, como em um cartão de memória, e apagar o que é inútil. Sempre imaginei o porquê disso.

Mas acho que consegui entender um pouco ao ler este livro.

As pessoas vão se esquecendo do que é importante.

Mas é ao lutar contra isso que alcançamos o sentido pleno de se viver.

Em breve, o filme *your name.* estará concluído, mostrando a história de amor de dois jovens que “belamente lutam” neste mundo cruel. Certamente, será a melhor obra... Não, devo retificar: será a obra-prima de Makoto Shinkai.

Agora, tão comovido quanto as pessoas que leram este livro, aguardo ansiosamente, do fundo do meu coração, o meu encontro com o filme.

Genki Kawamura
Escritor e produtor

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

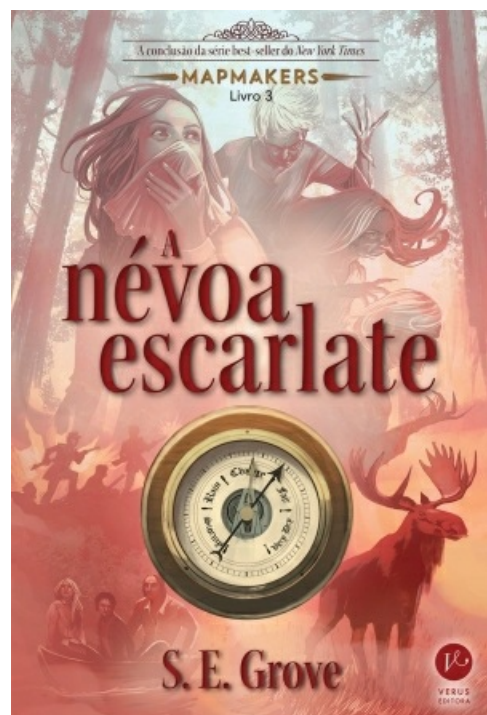
Your name

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/1510073.Makoto_Shinkai

Skoob do autor:

<https://www.skoob.com.br/autor/23504-makoto-shinkai>



A névoa escarlata – Mapmakers – vol. 3

Grove, S. E.

9788576866725

336 páginas [Compre agora e leia](#)

A névoa escarlata é o eletrizante ato final da aclamada série Mapmakers. Agosto de 1892. Sophia Tims está voltando de uma era estrangeira, tendo arriscado a vida em busca de seus pais desaparecidos. Agora ela está a bordo de um navio, com um mapa enigmático conseguido a duras penas que pode ajudá-la a finalmente encontrá-los. Mas sua volta para casa é tudo menos pacífica. Nuvens ameaçadoras pairam sobre o porto de New Orleans. Misteriosas crateras têm aparecido em Boston, engolindo partes inteiras da cidade. Perigosos vendavais destroçam as Terras Baldias. E, o pior de tudo, Novo Ocidente está em guerra, liderada pelo primeiro-ministro, que faria qualquer coisa para expandir o país. Ele chantageou Shadrack, o amado tio de Sophia, para que este desenhasse os mapas de batalha que levariam à morte inúmeros homens e garotos — inclusive o melhor amigo de Sophia, Theo. Enquanto Sophia tenta decidir seu próximo passo, Shadrack deve lidar com intrigas governamentais e Theo se prepara para lutar. A névoa escarlata da guerra está se adensando, e o futuro de Novo Ocidente está por um fio...

[Compre agora e leia](#)



Desencantada – Perdida – vol. 5

Rissi, Carina 9788576866787

476 páginas [Compre agora e leia](#)

Quinto volume da série best-seller Perdida. Valentina descobriu muito cedo que não é nenhuma princesa encantada. Em vez de bailes e romance, tudo o que a jovem deseja é viver com dignidade longe do pai e da madrasta, que faz da vida dela um inferno. A oportunidade surge com uma proposta de casamento. Seu coração não se alvoroça com o pretendente, mas ela não está à procura do amor. Seria um bom arranjo, mas outro homem, o capitão Leon, um espanhol misterioso, porém mal-educado, irritante, atrevido — além de lindo —, surge em sua vida e, após um equívoco embaraçoso, ela fica noiva desse homem detestável. Então, Valentina sofre um terrível acidente. Assustada, porém disposta a provar que não foi um simples acaso, ela vai atrás do responsável. Entre suspeitas, disfarces, segredos e contratempos, a moça acaba sucumbindo à irresistível e devastadora paixão, sem se dar conta de que o perigo ainda está à espreita. Poderá uma garota nem um pouco encantada viver um conto de fadas e conseguir o seu final feliz?

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

UMA TOCHA NA ESCURIDÃO

SABAA
TAHIR



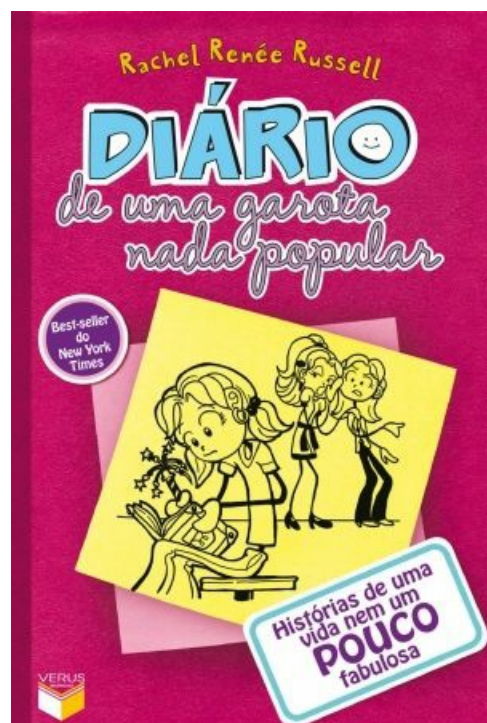
Uma tocha na escuridão

Tahir, Sabaa 9788576865957

434 páginas [Compre agora e leia](#)

O segundo livro da história épica e eletrizante sobre liberdade, coragem e esperança. Na continuação de Uma chama entre as cinzas, Laia e Elias estão em fuga, lutando pela vida. Após os eventos da quarta Eliminatória, os soldados marciais saem à caça dos dois enquanto eles escapam de Serra e partem em uma arriscada jornada pelo coração do Império. Laia está determinada a invadir Kauf, a prisão mais segura e perigosa do Império, para salvar seu irmão. E Elias está determinado a ficar ao lado dela — mesmo que isso signifique abrir mão da própria liberdade. Eles terão de lutar a cada passo do caminho se quiserem derrotar seus inimigos: o sanguinário imperador Marcus, a cruel comandante, o sádico diretor de Kauf e, o mais doloroso de todos, Helene — a ex-melhor amiga de Elias e nova Águia de Sangue do Império. A missão de Helene é terrível, porém clara: encontrar Elias Veturius e a escrava erudita que o ajudou a escapar... E acabar com os dois. Mas como matar alguém que você ama desesperadamente?

[Compre agora e leia](#)



Diário de uma garota nada popular - vol. 1

Russell, Rachel Renée 9788576861164

288 páginas [Compre agora e leia](#)

Nikki, de 14 anos, ganhou uma bolsa de estudos para uma escola particular de prestígio. Sua angústia ao lidar com as meninas malvadas do colégio, a relação com seus pais, sua paixão pelo bonitão da escola e as novas amizades que faz são assuntos registrados em seu diário, ao lado de inúmeros desenhos que ela mesma faz de sua vida. Direcionado principalmente para meninas adolescentes, Diário de uma garota nada popular pode ser considerado uma versão feminina de Diário de um banana. Nova escola. Nova garota malvada. Nova paixão. Novo diário para que Nikki possa contar tudinho...

[Compre agora e leia](#)



Diário de uma garota nada popular - vol. 3

Russell, Rachel Renée 9788576864967

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Após superar o período de adaptação no novo colégio e conseguir ir à festa de Halloween com o menino de seus sonhos (Brandon) - mesmo que só como amiga -, Nikki Maxwell tem um novo problema para resolver: evitar que todos saibam que seu pai trabalha como dedetizador da escola em troca de sua bolsa de estudos. Em Diário de uma garota nada popular: histórias de uma pop star nem um pouco talentosa, Nikki teme pela própria reputação e decide participar de um concurso de calouros cujo prêmio é uma bolsa escolar. A partir daí, a protagonista bota um plano perfeito.

[Compre agora e leia](#)